




o diário dos esportes

EDIÇÃO ESPECIAL 2005
R\$ 8,50

SÉRIE L! GRANDES CLUBES 2005

SÃO PAULO

A TORCIDA QUE MAIS CRESCE



Os maiores craques

Friedenreich, Leônidas, Zizinho, Raí e tantos outros



Os grandes artilheiros

Serginho Chulapa, Gino, Teixeira, França e mais



Toda a história são-paulina

O surgimento do time que viria a ganhar o mundo



A força da nação tricolor

A presença de uma galera cada vez maior





SAQUE JORNADA NAS ESTRELAS:

ALTURA MÉDIA: 25 M.
VELOCIDADE MÉDIA NA DESCIDA: 72 KM/H.
FOI POPULARIZADO EM 1982
PELO EX-JOGADOR BERNARD.



1
2
2
1

4
3
1
-1



PRONTO, VOCÊ APRENDEU
UM POUCO MAIS SOBRE ESPORTE.
AGORA, PARA SABER TUDO,
LEIA O LANCE!



Esporte como você nunca viu

EDITORIAL

ON ÍNDICE



Uma nação que cresce sem parar

Jogadores vêm e vão. A emoção das grandes conquistas com o tempo esmaece. Mas os clubes são perenes. São os principais protagonistas do esporte. Por meio deles os craques mostram sua arte e a eles os torcedores direcionam sua paixão.

É por esse motivo que o LANCE! nestes sete anos de existência, tem valorizado as agremiações e oferecido aos leitores um retrato completo de seu dia-a-dia.

Periodicamente publica uma coleção de revistas dos maiores clubes brasileiros, que representam a maioria dos torcedores do país. Em 1999 e em 2001, os torcedores dos maiores times de Rio e São Paulo. Desta vez, os grandes de Minas Gerais e Paraná, que ganham a cada ano mais espaço no cenário nacional e cujos torcedores são leitores cada vez mais fiéis do LANCE!

Esta edição é especial em tudo. As revistas foram aumentadas no tamanho e na paginação. O projeto gráfico é novo. E o material foi produzido por um grupo de jornalistas formado especialmente para essa tarefa.

Afinal, o São Paulo e os são-paulinos merecem. O bicampeão mundial ficou nos últimos anos entre os melhores times de todas as comepições que disputou e revelou alguns dos melhores jogadores do mundo. Tudo indica que uma nova era de papa títulos está muito perto.

Walter de Mattos Junior
Editor

4 **Orgulho** Torcedores famosos e anônimos falam sobre o orgulho de ser tricolor e fazer parte da torcida do São Paulo

12 **História** Toda a história do São Paulo, desde sua fundação, ainda na década de 1930, até os dias de glória no Século 21

18 **Títulos** A lista com todos os principais conquistas de toda a história do São Paulo, ano a ano, troféu por troféu

20 **Eras** As fases mais importantes, glórias, sofrimento, vitórias, derrotas, e a volta por cima nos momentos mais difíceis

48 **Duelos** A rivalidade com Santos, Corinthians, Palmeiras e com as equipes de fora do Estado que o Tricolor encara

52 **Craques** Os maiores jogadores da história do São Paulo, seus títulos e grandes feitos com a camisa do clube tricolor

64 **Uniformes** Como o São Paulo foi a campo pela primeira vez, as mudanças na camisa do clube tricolor do Morumbi

66 **Artilheiros** Os maiores goleadores de toda a história são-paulina, jogadores que fizeram história colocando a bola nas redes

72 **Melhor Time** Torcedores, famosos e anônimos, votam naqueles que formam o melhor time do São Paulo de todos os tempos

76 **Torcida** A força da torcida, seus feitos, suas demonstrações, de paixão incondicional pelo clube tricolor do Morumbi

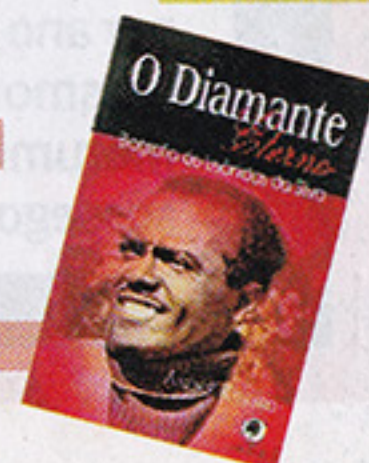
80 **Pesquisa Lance!-IBOPE** Os números que demonstram a força da torcida tricolor, a que mais cresce em todos os cantos do Brasil

82 **Futuro** Jovens talentos que surgem no São Paulo e garantem a alegria da torcida nos próximos anos com talento e raça

84 **Fotos** Ainda baseado nos dados da 3ª Pesquisa Lance-Ibope, os tricolores têm sido os mais assíduos entre.

88 **Humor** No traço de Gustavo Duarte e Mário Alberto, bom humor para traduzir os grandes momentos e os ídolos da torcida tricolor

90 **Livros e Sites** As publicações sobre a história do clube e seus ídolos, além dos melhores endereços do São Paulo na internet



Benção

Chamado pelos rivais de arrogante e convencido, o são-paulino mostra, a cada dia, que sabe bem qual a dimensão do clube que ama

O são-paulino é comumente tachado de arrogante, antipático, convencido, e por aí afora. Naturalmente que o desaforo vem somente de torcedores rivais. Explicação? Nenhuma pertinente, claro, mas dá para entender. O torcedor do São Paulo se sente abençoado por uma nobreza que está acima de qualquer discussão, credo, ou fanatismo. Não se sente como os demais. Sua paixão pelo clube não o coloca ao lado das outras torcidas, igualmente apaixonadas, mas sim acima delas. O são-paulino tem plena consciência de sua estirpe, e por isso, causa tanta irritação nos seus velhos e eternos rivais.

Naturalmente que essa ira se completa com a história repleta de conquistas. Apesar de ser o mais jovem entre os chamados "grandes" times do futebol paulista, o São Paulo rivaliza – e até mesmo ofusca – os adversários em número e importância de seus êxitos. É indiscutivelmente o mais glorioso dos quatro, se levarmos em conta a quantidade de títulos por ano de existência. Além de tudo, foi o clube que, mesmo nos anos duros da construção do estádio do Morumbi, que dragava todos os recursos, não dava sossego ao poderoso Santos de Pelé.

ORGULHO

ricolor



ORGULHO

“Eu me orgulho de ser são-paulino por vários motivos. Primeiro, porque o nome do clube evoca a querida cidade onde nasci e de onde vêm meus antepassados. Segundo, porque as cores do São Paulo Futebol Clube são as mesmas da bandeira de meu Estado: preto, branco e vermelho. Terceiro, porque o São Paulo soube afirmar-se como clube grande e quebrar, nos anos 40, o monopólio de títulos do Corinthians e do Palestra Itália, hoje conhecido como Palmeiras. Viemos de baixo e hoje temos o maior estádio particular do Brasil e um dos maiores do mundo. Quarto, porque estivemos presentes em todas as Copas do Mundo vencidas pelo Brasil: Paulo Machado de Carvalho, Vicente Feola, De Sordi, Dino Sani e Mauro (1958); Paulo Machado de Carvalho, Aymoré Moreira, Bellini e Jurandir (1962); Gerson (1970); Cafu, Muller, Leonardo e Zetti (1994), Kaká, Belletti e Rogerio Ceni (2002), sem falar em todos os outros são-paulinos presentes em outras Copas, como Muller, Careca, Waldir Perez, Oscar, Serginho, Zé Sérgio, Mirandinha, Chicão, Paraná, Silas...”. O extenso, e muito emocionado, testemunho dado pelo diplomata

SPFC NAS COPAS



“Nós estivemos presentes em todas as Copas do Mundo conquistadas pela Seleção Brasileira, com jogadores como De Sordi, Dino Sani, Mauro, Bellini, Jurandir, Gerson, Cafu, Muller, Leonardo, Zetti, Kaká, Belletti (foto) e Rogerio Ceni”

RODRIGO A. SOUZA, DIPLOMATA SÃO PAULINO

Rodrigo do Amaral Souza, tricolor até o fundo d'alma, resume bem, e com riqueza de detalhes, o que é ser um autêntico torcedor do São Paulo Futebol Clube, bicampeão mundial.

Como seria possível imaginar o futebol campeão do mundo sem o São Paulo? Além da lembrança do diplomata Rodrigo, não se pode esquecer da participação Tricolor na formação do time brasileiro campeão do mundo de 1958. O Brasil ainda era acometido pela “Síndrome de cachorro vira-lata”, como dizia o tricolor (carioca, fanático pelo Fluminense) Nelson Rodrigues. Foi quando um húngaro, Bela Guttmann, treinador que trazia dentro da cabeça a teoria da Hungria mágica de Puskas, Hidegkuti e Kocsis, desembarcou no clube, depois de uma passagem pelo Peñarol, do Uruguai. Ele misturou a tática húngara, que revolucionou o futebol internacional dos anos 50, com o incomparável talento brasileiro, comandado

OS ESCUDOS

●●● As cores do São Paulo são iguais às do estado que lhe empresta o nome. Foram herdadas dos clubes que o originaram: o vermelho, do Paulistano, o preto do A. A. Palmeiras e o branco comum aos dois.



O MASCOTE

●●● O mascote do São Paulo é o santo que dá nome ao clube, à cidade e ao estado. Foi criado na década de 40 por um cartunista do jornal “A Gazeta Esportiva”, e foi o único que caiu no gosto da torcida.





O ESTÁDIO DO MORUMBI, O MAIOR DE SÃO PAULO: EXEMPLO INCONTESTÁVEL DO EMPREENDEDORISMO E DA CORAGEM QUE MARCA O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

pelo Mestre Ziza, e venceu o Paulista de 1957. No banco, Guttman era observado pelo “falso bobo-dorminhoco” Feola. E nascia a seleção campeã do mundo, com ele, Feola, de técnico.

“O que mais me marcou no São Paulo foi o título paulista de 1957, que ganhamos em cima do Corinthians, por 3 a 1. Eu valorizo esse título mais até do que os dois Mundiais Interclubes que viríamos a conquistar mais de 30 anos depois. Ainda hoje lembro da escalação daquele jogo: Poy; De Sordi, Mauro; Sarará, Vitor, Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro. O Santos já estava montando aquele time do Pelé, e mesmo assim o São Paulo conseguiu ser campeão, com um timaço”, conta, saudoso, o engenheiro Luiz Carlos Paes Alves, de 59 anos, tricolor desde que nasceu.

As boas lembranças não ficam por aí. “Um jogador que me marcou muito foi o Canhoteiro. Ele não foi muito objetivo, mas era um atacante que dava show, capaz de driblar os adversários sem ter que correr. Um momento que recordo bem dele foi contra o Corinthians, que tinha um defensor que chamava Idário. Ele era um verdadeiro cavalo, só sabia bater. Aí o Canhoteiro vinha, driblava ele, voltava, driblava de novo, e a torcida ria... até que o Idário perdeu a paci-

HISTÓRIAS REAIS



A festa do gol tricolor bem no meio da rua

●●● “Na segunda partida decisiva do Paulistão de 1978, o São Paulo perdia por 1 a 0 para o Santos após ter tomado uma virada no primeiro jogo, 2 a 1. Eu, meu pai e meu tio saímos do Morumbi aos 40 minutos do segundo tempo. Já na rua, meu tio, colado no radinho, começou a gritar ‘GOL! GOL! GOL! Zé Sérgio empatara, provocando o terceiro jogo. Os são-paulinos, cabisbaixos, explodiram de alegria. Ficamos sem o título no fim, mas aquele gol lavou a alma”.

LUIS EDUARDO MARTINES, 36 ANOS, ORTODONTISTA

ência, deu uma porrada nele e foi expulso”, acrescenta Luiz Carlos, se divertindo ao se recordar das incríveis jogadas protagonizadas pelo maior e mais incrível ponta-esquerda de toda a história do clube tricolor do Morumbi.

Canhoteiro, que tanto impressionou o engenheiro, é pouco famoso para as gerações mais novas. Porém, era comparado a Garrincha — só que usava a perna esquerda, como o próprio nome “de guerra” indica — como um driblador infernal. Era nome certo para a Copa do Mundo

Driblado incontáveis vezes, o corintiano Idário perdeu a paciência e deu um pontapé em Canhoteiro. Foi expulso

de 1958, que teria consagrado a sua fama definitivamente, mas acabou sendo cortado. Segundo Zizinho, que foi seu companheiro no São Paulo, Canhoteiro foi o maior driblador de todos os tempos. Superior até a Mané Garrincha? Segundo Mestre Ziza, ele era sim.

O Paulista de 1957 não foi o primeiro título, nem Zizinho, que antes brilhara no Flamengo, na Seleção Brasileira e no Bangu, o primeiro

0 4 0
Prado Gósses

ORGULHO

O São Paulo é mesmo diferente, time de fé

BENEDITO RUY BARBOSA, 73 ANOS, ESCRITOR E NOVELISTA



PARA BENEDITO RUY BARBOSA, ARMANDO MARQUES FOI O PIOR ÁRBITRO QUE ELE VIU ATUAR NO FUTEBOL

● **Qual sua primeira lembrança como torcedor são-paulino?**

- Tenho boas lembranças. Meu pai era são-paulino, e me lembro de quando ele comprou um rádio que ficava na nossa sala, onde ouvíamos os jogos.

● **Em toda a história, qual foi o craque tricolor com quem você mais se identificou?**

- O Zizinho. Era um jogador habilidoso e magistral. Foi um dos primeiros a reconhecer que eu tinha um talento para dramaturgia. Ele dizia que eu deveria parar de entrevistar jogadores e partir para o teatro.

● **Entre todas as decisões e partidas emocionantes, há alguma que tenha marcado em especial?**

- Foi um jogo entre São Paulo e Palmeiras. Era a partida decisiva do Campeonato Paulista de 1946, quando o Tricolor venceu o bicampeonato. O zagueiro Renganeschi se machucou e não foi substituído e ficou isolado na ponta-esquerda. Numa jogada do Remo, o Renganeschi fez a tabela e devolveu para o Remo encher o pé em direção ao gol, obrigando o goleiro Oberdã a uma grande defesa, mas ele soltou a bola. Quem estava lá? Ele. O Renganeschi chutou e marcou o gol da vitória e do título.

● **Você deve ter ficado também muito nervoso com arbitragens. Qual a maior injustiça já cometida contra o Tricolor?**

- O pior árbitro que vi atuar na história foi o senhor Armando Marques. Numa partida entre São Paulo e Corinthians, nós ganhamos por 2 a 1, mas o Rivellino chutou uma falta e a bola entrou pelo lado de fora da rede. E todo mundo viu, menos o Armando Marques, que ainda por cima expulsou o Roberto Dias por ter reclamado daquele gol irregular.

● **Há diferencial do São Paulo para os outros?**

- O São Paulo é apenas diferente. O comportamento do são-paulino dignifica o São Paulo. Sempre me identifiquei com a maneira de agir do clube, é um time de fé.

● **Entre jogadores e técnicos, quais as personalidades que você destaca dentro da história do São Paulo?**

- Foram muitos. O Bella Guttman foi um deles. Ele treinou o São Paulo em 1957 e inovou nas técnicas de treinamento, insistindo para que os jogadores treinassem chutes a gol. Firmamos uma amizade e até há pouco tempo ele enviava cartões de natal para mim. Também tenho que ressaltar o Telê Santana, um homem de caráter irrefutável que não se pode esquecer.

ídolo do São Paulo. Com a camisa tricolor, já tinham sido adorados outros monstros do futebol brasileiro como "El Tigre" Friedenreich; o "Homem de Borracha" Leônidas; e "El Maestro" Antonio Sastre. Todos tinham chegado ao clube com o estigma de "acabados", e viveram alguns dos seus períodos mais brilhantes já na maturidade. O São Paulo lhes ofereceu a oportunidade de um renascimento.

Sastre e Leônidas jogaram juntos num time que marcou época. Na década de 40, venceu cinco dos dez estaduais que disputou. Esse esquadrão teve a linha média mais famosa da história, que reunia os legendários: Rui, Bauer e Noronha, um trio que é lembrado pelos que o viram como se fosse o verso de uma poesia.

Craques que chegaram ao São Paulo quase como acabados tiveram a chance de renascem no futebol

"Minha época mais fanática como torcedor do São Paulo foi justamente quando jogavam Rui, Bauer e Noronha. Era um time de craques, e tinha um ataque que não era menos famoso, com Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira, que era o menos técnico do ataque, mas, em compensação, sempre foi muito, mas muito veloz, jogava com vontade", lembra o aeroviário aposentado Oswaldo Flix Ferrer.

Rui, Bauer e Noronha eram meio-campistas incríveis, todos excelentes. "O Rui era o mais calmo dos três, mais técnico e cerebral. O Bauer, apesar de jogar numa posição semelhante à dos volantes de hoje, arrancava para o ataque como fazem os laterais do futebol moderno. Já o Noronha era o que jogava mais recuado, pela esquerda, marcando o pontão do outro time", recorda, em detalhes, o torcedor.

O jogo do bicampeonato do São Paulo, em 1946, foi o que mais marcou Oswaldo. "O São

Contundido, mancando, o argentino Renganeschi fez o gol da vitória e do título de bicampeão sobre o Palmeiras

Paulo estava invicto. Só tinha empatado duas vezes com a Portuguesa. A última partida era contra o Palmeiras. Nosso time tinha um zagueiro muito bom, chamado Renganeschi, argentino que nem o Sastre. Logo no começo, o ele se machucou e o técnico o colocou na ponta-esquerda, o que era comum, porque não dava para substituir. Bem no finalzinho do jogo, numa bola cruzada na área, o Renganeschi veio mancando, todo capenga, e esticou a perna para empurrar a bola para dentro. Vibrei que nem um louco", recorda o lance histórico.

Bauer



O MUSEU DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, COM UMA ESTATUA DO GENIAL LEÔNIDAS DA SILVA DANDO SUA BICICLETA CLÁSSICA: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA TRICOLOR

A década seguinte foi dura para o São Paulo em termos de títulos. Primeiro, porque o clube decidiu construir um estádio à altura da sua majestade. Para erguer o monumental Morumbi, por muitos e muitos anos o maior estádio particular de todo o mundo, era preciso concentrar todos os recursos financeiros na obra. Não era fácil, mas afinal, a grandeza do Tricolor era o bastante para que o clube conseguisse superar tal desafio, enquanto rivais fundados há mais tempo, como o Corinthians, até hoje não têm um estádio com, por exemplo, um terço da capacidade do Cícero Pompeu de Toledo. O segundo complicador era o Santos, que começaria a reinar com Pelé à frente, e não daria descontos a rigorosamente ninguém, vencendo o que era possível vencer. Mas nem assim, em meio a tamanhas dificuldades, a torcida são-paulina ficou órfã de alegrias.

“Outro momento que nunca vou me esquecer foi no Paulistão de 1963, quando o Santos de Pelé fugiu de campo contra o São Paulo. Lembro que foi a estréia do Pagão com a camisa tricolor e também um dos primeiros jogos importantes do Armando Marques como juiz. Logo no começo, ele expulsou dois jogadores do Santos, e depois expulsou mais um.

Quando o São Paulo estava ganhando por 4 a 1, eles apelaram para o ‘cai-cai’ e fugiram de campo. Só assim não levariam uma goleada ainda maior. Naquele dia, nem consegui dormir à noite, pensando no que ia falar na escola no dia seguinte”, lembra Luiz Carlos, que à época, morava em Santos, a “casa” do adversário, batido da forma mais humilhante possível, para o deleite de todos os são-paulinos à época.

“Alguns dirigentes ainda queriam outros técnicos, mas eu insisti em Telê”

FERNANDO C. DE REY
EX-PRESIDENTE DO SÃO PAULO

No começo da década de 70, novamente um veterano, estaria no comando do retorno tricolor aos títulos. Gérson de Oliveira Nunes já era um jogador consagrado, quando desembarcou no estádio do Morumbi, ainda em 1969. Ele foi campeão no São Paulo em 1970 (depois do Tri pela Seleção Brasileira no México) e em 1971. O “Canhotinha de Ouro” era um jogador que tinha a cara do São Paulo:

técnico, vistoso, nobre. Fazia lançamentos quase inacreditáveis, a ponto de jogadores como Terto, pela ponta-direita, e Paraná, na ponta-esquerda, terem brilhado em várias jornadas graças aos seus longos e precisos, milimétricos passes. E não sozinho. Tinha ao seu lado um dos maiores médios da história do futebol, o uruguaio Pedro Rocha. Um cração.

A inscrição definitiva do São Paulo no rol dos grandes clubes brasileiros veio em 1977. Pedro Rocha era o maestro tricolor, num time muito inteligente, armado por Rubens Minelli, o treinador que conquistara o Campeonato Brasileiro nos dois anos anteriores, comandando um grande elenco no Internacional de Porto Alegre. A final inesquecível foi no Mineirão, frente a um igualmente brilhante Atlético Mineiro, e arrancada à força do Galo nos pênaltis. “Como esquecer da seqüência de cobranças de pênaltis defendidas pelo Waldir Perez?”, pergunta o ortodontista Luiz Eduardo Martines, referindo-se ao mítico goleiro são-paulino. De fato, a catimba do camisa 1 naquela final foi vital para a vitória. Waldir irritava os cobradores adversários, provocava, sorria ironicamente como quem diz: “Você vai errar”. E erraram. Joãozinho Paulista, Toninho Cerezo e Márcio

ORGULHO



COM AS FAIXAS DE CAMPEÕES, OS JOGADORES DO TIME QUE FATUROU O PAULISTA DE 1957, LIDERADOS POR ZIZINHO (AGACHADO, O PENÚLTIMO À DIREITA)

chutaram para bem longe a chance do invicto Atlético alcançar seu segundo título nacional. No Mineirão lotado, a festa foi preta, branca... e vermelha, com a vitória nos pênaltis após os 120 minutos de jogo sem um gol sequer.

A nobreza do time tricolor, de seus ídolos e heróis é o fio condutor de toda a sua história. Depois de Gerson, Zizinho, Bauer, Pedro Rocha, não seria mais possível jogar sem um grande maestro. Na década de 80, a nova fornada de craques do Morumbi, com Sidnei, Muller, Silas, era orquestrada por Pita. E tinha no ataque um Careca infernal. "O gol do Careca na final do Brasileiro de 1986 é um dos mais emocionantes que vi como são-paulino", afirma Sylvio Campos, 33, profissional de marketing. Sim, é mesmo quase impossível listar todos.

"Ser são-paulino é um orgulho único. O São Paulo sempre ataca, sempre joga para frente, mesmo que às vezes não ganhe", afirma Clayton Carvalho, 30 anos, que tem na memória o mais jovem dessa estirpe de comandantes, o genial Kaká, mas também se lembra de Raí, o ícone tricolor durante a vitoriosa década de 90.

Raí chegou ao Morumbi em 1987. Era então "o irmão de Sócrates", e nada mais. Quando desembarcou em São Paulo, comprado do

mesmo Botafogo de Ribeirão Preto de onde saiu o "Doutor", foi colocado em dúvida. Era "lento", "gordo", e só estava no São Paulo porque era irmão de um jogador famoso. Começou a despontar ainda no final da mesma década, sob o comando de Carlos Alberto Silva, mas só explodiria como um craque de grandeza maior nas mãos do "mestre" Telê Santana, outro que

"Se é para você ser atropelado, é melhor que seja por uma Ferrari"

JOHAN CRUYFF TÉCNICO DO BARÇA, APÓS PERDER O MUNDIAL EM 1992

desembarcou no Morumbi cercado de suspeitas após uma passagem pelo Flamengo.

Quem duvidou de Raí e Telê? Hoje é difícil imaginar, mas muita gente o fez. Os dois foram o cerne do São Paulo mais vitorioso até hoje, sim, mas não tiveram vida fácil. "Quando estávamos escolhendo o técnico, tínhamos uma lista com alguns nomes, entre eles, o do Telê. Alguns diretores preferiam outros, mas como eu era o diretor de futebol e o responsável

pela escolha, fiz valer a minha vontade", conta Fernando Casal De Rey, que depois também foi presidente do São Paulo Futebol Clube.

O nariz torcido em relação a Telê ganhou novas vozes com a derrota para o Corinthians na final do Brasileiro de 1990. Depois disso, nem os torcedores rivais encontravam argumentos para criticar. No Paulista de 1991, somente uma derrota ao longo do campeonato, e uma vitória acachapante sobre o mesmo Corinthians no primeiro jogo da final. São Paulo 3 x 0 Corinthians. Assinado: Raí, que fez os três gols e implodiu o campeão brasileiro. "Naquele jogo, um amigo meu que é corinthiano, disse que pela primeira vez ficou desesperado com o Raí, e nunca mais assistiu um jogo tranquilo com o Tricolor", conta Reinaldo Nascimento, de 30 anos, ajudante. São-paulino, naturalmente.

No mesmo ano, Telê começou a marcar definitivamente seu nome como o maior técnico da história do clube – e olha que no banco do São Paulo não haviam passado poucas feras, como Bela Guttmann, Rubens Minelli e Osvaldo Brandão. O clube conquistou o Brasileiro de 1991 em cima do Bragantino dirigido por Carlos Alberto Parreira. "Na final, em Bragança, o Telê fez uma mexida no time que deixou todo



A FORTE EQUIPE QUE CHEGOU AO BICAMPEONATO MUNDIAL, EM TÓQUIO, NO ANO DE 1993, VENCENDO O PODEROSO MILAN, DA ITÁLIA, NA GRANDE FINALÍSSIMA

Ídolos cariocas que brilharam no Tricolor

●●● Jogadores que fizeram sucesso no futebol do Rio de Janeiro brilharam ao serem contratados pelo São Paulo, mesmo em final de carreira. Foi assim com Leônidas da Silva, que depois da passagem pelo Tricolor ficou de vez na capital paulista. Também com Zizinho, o Mestre Ziza, outro supercraque surgido na primeira metade do século passado. Entre os mais marcantes está Gérson, cérebro do time campeão do mundo na Copa de 1970, no México, que surgira no Flamengo e brilhara no Botafogo. Até hoje o niteroiense, como Zizinho, enche o peito para dizer que é tricolor no Rio (torce pelo Fluminense) e também em São Paulo. Depois, outro jogador de Niterói se consagrou com a camisa do São Paulo. Revelado pelo Flamengo, Leonardo foi ídolo no Morumbi.

mundo pensando que ele estava louco. Colocou o Cafu no ataque e o Zé Teodoro no lugar dele", lembra Luís Eduardo Martines. Telê estava algemando o Bragantino. Pressionada por Cafu, a defesa rival não conseguia sair jogando, e o São Paulo chegou ao 0 a 0 que levou o terceiro Brasileirão para o Morumbi.

Era impossível não admirar o São Paulo de Telê e Raí. Futebol envolvente sim, mas

Na decisão do Brasileiro de 1991, Telê 'algemou' o Bragantino de Carlos Alberto Parreira e terminou campeão

taticamente muito inteligente, com todos ajudando na marcação e no ataque. Telê, um admirador confesso da "Laranja Mecânica" da Holanda de 1974, não admitia que o time jogasse em função de alguém. Em 1992, o São Paulo foi disputar uma Libertadores que falava castelhano desde 1983, quando o Grêmio – o tricolor gaúcho – tinha levantado a taça pela última vez. E numa final onde cerca de 20 mil torcedores ficaram de fora de um Morumbi vazando gente, o São Paulo conquistou a Amé-

rica pela primeira vez, num feito que, até meses antes, parecia irreal para sua torcida. "Havia uma coisa no ar que indicava o que iria acontecer", conta o advogado Ricardo Dias Trotta, um dos tantos que não conseguiram entrar, mesmo com o ingresso nas mãos.

Naquele mesmo ano, o São Paulo fez a sonhada viagem a Tóquio, para enfrentar o melhor Barcelona de todos os tempos – na definição da maior torcida organizada do clube – e comandado por Johan Cruyff, o cérebro da Holanda que Telê admirava. Com 13 minutos, o búlgaro Stoichkov abriu o placar, dando a sensação de que já estava bom ir até ali, só para disputar. Mais uma vez, Raí, depois de um drible de Muller que quase quebrou a coluna do lateral Ferrer, levantou o time, empatando o jogo, e depois, virando a partida numa cobrança de falta geometricamente perfeita. Genial!

Telê e o São Paulo gostaram de Tóquio, e resolveram voltar no ano seguinte (com mais uma Libertadores no bolso), desta vez, contra o Milan de Fabio Capello – o único time na história a vencer o campeonato italiano invicto. Um gol "espírita" de Muller deu a vitória. "Me lembro do Muller gritando pro Costacurta: 'Esse gol é pra você, seu babaca'", se diverte Sylvio Campos.

FUNDAÇÃO/HISTÓRIA

As glórias vêm do passado



1930, ANO DO VICE-CAMPEONATO PAULISTA, AINDA COM FRIEDENREICH NO ELENCO: DERROTA PARA O CORINTHIANS, CAMPÊÃO, FOI A ÚNICA DO TORNEIO

Do Paulistano ao Tricolor do Morumbi, passando pela Floresta, o São Paulo é dono de uma das mais ricas histórias de todo o futebol brasileiro

D Quem pensa que a história do São Paulo Futebol Clube começa em 16 de dezembro de 1935, data oficial de sua fundação, engana-se. Mesmo aqueles que defendem a incorporação do antigo São Paulo da Floresta, nascido em janeiro de 1930, ainda estão longe da verdade. Se o Tricolor como o conhecemos hoje de fato nasceu naqueles dois momentos distintos, o espírito que o inspirou e sua torcida vieram de muito antes.

Tudo começou com o Club Atlético Paulistano, que ainda hoje existe como clube social. Fundado em 29 de dezembro de 1900, o Paulistano era o time da elite da cidade. Em sua caminhada de quase 30 anos pelo esporte bretão, o Paulistano não por acaso ganhou o título de "Glorioso", pois foi nada menos que onze vezes campeão paulista, em 1905, 1908, 1913, 1916, 1917, 1918, 1919 (único tetra no estado

Tudo começou com o Club Atlético Paulistano, time da elite de São Paulo, e chamado de "Glorioso"

até hoje), 1921, 1926, 1927 e 1929. No ano em que conquistou este último título, porém, o Paulistano resolveu encerrar suas atividades no futebol, por não concordar com o profissionalismo, que só seria implantado quatro anos depois. Na mesma época, um outro tradicional clube de São Paulo, a Associação Atlética Palmeiras, passava por dificuldades financeiras e estava ameaçada de perder seu campo, na Chácara da Floresta. Foi de um encontro entre torcedores inconformados com o fim daquelas duas associações que nasceu o primeiro São Paulo Futebol Clube, posteriormente mais conhecido como São Paulo da Floresta.

Do ponto de vista técnico, a iniciativa foi um sucesso. Contando com a torcida e os jogadores do Paulistano (entre eles o fenomenal Arthur Friedenreich, espécie de Pelé do início do século passado) e o estádio da A. A. Palmeiras

Vestindo a camisa do clube, o fenomenal Friedenreich, uma espécie de "Pelé" do início do século passado

(a tal Floresta, considerada o melhor do estado naquela época), o São Paulo da Floresta ganhou o Campeonato Paulista logo em 1931, seu primeiro ano de atividades. Em 1934, no entanto, a compra da luxuosa sede do Trocadero, no centro da cidade, elevou as dívidas do clube para 190 contos de réis, obrigando-o a uma fusão com o Clube de Regatas Tietê em que o futebol desapareceu. Era preciso um plano, uma nova estratégia para o clube.



O ZAGUEIRO ROBERTO DIAS, UM DOS MAIORES MARCADORES DE PELÉ (SEGUNDO ELE): HERÓI NO JEJUM

O jogo em que o Tricolor ressurgiu

❖❖❖ Depois do desaparecimento do São Paulo da Floresta, em 1935, o Tricolor teve que ser fundado outra vez. O primeiro jogo foi com a Portuguesa Santista, que quase não acontece: era aniversário da cidade, e uma lei proibia a realização de eventos públicos que concorressem com os festejos oficiais. O jogo só aconteceu com um a autorização

3 SÃO PAULO 2 PORTUGUESA SANTISTA

SÃO PAULO: King, Ruy e Picareta; Ferreira (Júlio), José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Juca (Gutierrez), Carrazzo e Paulinho. **Técnico:** Del Debbio

PORTUGUESA SANTISTA: Rato, Romeu e Teixeira; Del Popolo, Archimedes e Argemiro; Veja, Armandinho, Orlando, Franco III e Gildo **Técnico:** não disponível

Data: 25/01/1936; **Estádio:** Parque Antártica (São Paulo, SP); **Juiz:** Heitor Marcelino Domingues; **Gols:** Antoninho 5 e Ruy (contra) 44 do 1º; Carrazzo 8, Franco III 20 e Carrazzo (pênalti) 40 do 2º

Uma vez mais, um grupo de torcedores não se conformou com o fim de sua paixão. Inicialmente, eles formaram o Grêmio Tricolor, que, em 4 de junho de 1935, criou o Clube Atlético São Paulo, de vida curta. Finalmente, em 16 de dezembro daquele mesmo ano, surgia o atual São Paulo Futebol Clube, com o mesmo nome, o mesmo escudo e também as mesmas cores do então já extinto São Paulo da Floresta.

O primeiro time do São Paulo foi formado por jogadores da própria capital paulista, recrutados pelo general Porfírio da Paz (político, farmacêutico e autor do hino do clube). De Curitiba, foram trazidos por Manoel do Carmo Meca (primeiro presidente do novo Tricolor) e Armando Del Debbio (ex-ídolo do Corinthians, agora técnico) alguns como o goleiro King. No jogo inaugural, contra a Portuguesa Santista, realizado em 25 de janeiro de 1936, aniversário da cidade, o São Paulo entrou em campo com: King, Ruy e Picareta; Ferreira, José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazzo e Paulinho. No Campeonato Paulista, este time terminou apenas em nono lugar, ao lado do Lusitano. As coisas só iriam melhorar em 1938, depois de nova fusão, agora com o Estudantes, e a transferência para o campo da Rua da Mooca. Refor-



ENTRESSAFRA: TIME COM BONS VALORES VENCE O ESTADUAL, MAS NÃO VAI BEM NO BRASILEIRÃO DE 2000

Campeão brasileiro, contra tudo e todos

❖❖❖ Quando ganhou seu primeiro Brasileiro, diante do Atlético. o São Paulo não era o favorito. O adversário havia liderado a competição de ponta a ponta. Mas os tricolores seguraram o 0 a 0 nos tempo normal e prorrogação. Nos pênaltis, "mataram" o Galo no Mineirão.

0 ATLÉTICO-MG
0 SÃO PAULO

ATLÉTICO-MG: João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo, Ângelo e Caio Cambalhota (Joãozinho Paulista); Serginho, Marcelo (Paulo Isidoro) e Ziza **Técnico:** Barbatana

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Dário Pereyra; Zé Sérgio, Mirandinha e Viana (Neca) **Técnico:** Rubens Minelli

Data: 05/03/1978; **Estádio:** Mineirão (Belo Horizonte, MG); **Juiz:** Arnaldo César Coelho (RJ); **Nos pênaltis:** São Paulo 3 (Peres, Antenor e Bezerra) x Atlético-MG 2 (Ziza e Alves). João Leite defendeu as cobranças de Getúlio e Chicão, Waldir Peres a de Joãozinho e Toninho Cerezo e Márcio chutaram para fora

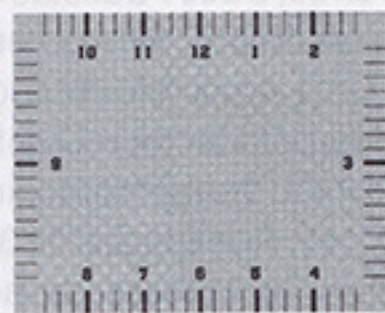
50, em 1953 e em 1957. Este último teve sabor especial, com o Mestre Zizinho jogando o fino no time que derrotou o Corinthians na partida decisiva por 3 a 1 de forma incontestável.

Os anos 60, no São Paulo, foram totalmente dedicados à construção do Morumbi, e principalmente por isso nenhum outro troféu foi parar na galeria do clube. Inaugurado parcialmente em outubro de 1960, o Morumbi só ficou pronto dez anos depois. Com isso, o São Paulo (e principalmente o caixa do clube, já reforçado com a venda do terreno do Canindé para a Portuguesa) estava livre para tentar novos títulos, que não demoraram a voltar ao clube.

Em 1970 mesmo, já com os craques Gérson (ex-Botafogo), Toninho Guerreiro (ex-Santos), Pedro Rocha e Forlán (ex-Peñarol, do Uruguai), o São Paulo quebrava um jejum de 12 anos no Campeonato Paulista. No ano seguinte, 1971, viria o bi. Em 1972 o São Paulo é vice paulista, em 1973 é vice brasileiro e em 1974 chega em segundo na Libertadores, ao perder a decisão para o Independiente, da Argentina.

Quando o Tricolor volta a ganhar o Paulistão, em 1975, derrotando a Portuguesa nos pênaltis, o time já tinha outra cara. Ao lado dos remanescentes Pedro Rocha e Terto, brilhavam as novas estrelas do goleiro Waldir Peres, do volante Chicão e do centroavante Serginho Chula-

CRONOLOGIA



1960 →

Inauguração parcial do Morumbi, com vitória sobre o Sporting, de Portugal (1 a 0).

1970 →

Inauguração completa do Morumbi e fim do jejum de 12 anos. No ano seguinte, viria o bi.

1975 →

O São Paulo é novamente campeão paulista, dessa vez, batendo a Portuguesa nos pênaltis.

1977 →

Ano do primeiro Brasileiro, conquistado nos pênaltis, contra o Atlético-MG, no Mineirão.

1981 →

A Máquina Tricolor, com um craque em cada posição, conquista o bicampeonato paulista.

1985 →

Surgem os Menudos, jovem geração campeão paulista e brasileira no ano seguinte.

1989 →

O São Paulo fecha a década com mais dois títulos paulistas, os de 1987 e 1989.

1993 →

Auge do time de Telê Santana, campeão brasileiro e bi da Libertadores e do Mundial.

2002 →

O São Paulo derrota o Ituano e é supercampeão paulista, seu título mais recente.

FUNDAÇÃO/HISTÓRIA

Grêmio, e dos Paulistas de 1982 e 1983, contra o Corinthians, sem obter o mesmo sucesso.

Uma nova reformulação do elenco, comandada pelo técnico Cilinho entre 1984 e 1985, permitiu o surgimento dos jovens Silas, Müller e Sidney. Apelidados de Menudos (nome de um conjunto musical de adolescentes que fazia muito sucesso na época) e jogando ao lado de craques mais experientes, como o goleiro Gilmar (ex-Inter-RS), Falcão (ex-Roma, da Itália), Pita (ex-Santos) e Careca (ex-Guarani), os novos são-paulinos conquistam brilhantemente não só o Campeonato Paulista de 1985, contra a Portuguesa, como o Brasileiro de 1986, diante do Guarani. O resto dos anos 80 reservava, ainda, outras glórias para o Tricolor, como os tí-

O time era tão forte que até mesmo Falcão, o "Rei de Roma", ficou na reserva do São Paulo da década de 80

tulos paulistas de 1987 e 1989. Naquele mesmo ano, o São Paulo perdeu outro Brasileiro na decisão, agora para o Vasco, derrotado no Morumbi. Contudo, o melhor estava por vir.

A péssima campanha são-paulina no Campeonato Paulista de 1990 obrigou a equipe (que também havia perdido a final do Brasileiro daquele ano para o Corinthians, já sob o comando de Telê Santana) a disputar o estadual do ano seguinte no Grupo Amarelo, enfrentando somente times pequenos. Antes disso, porém, sob o comando de Telê no banco e de Raí em campo, o São Paulo chega ao terceiro título brasileiro, com uma vitória (1 a 0) e um empate (0 a 0) diante do surpreendente Bragantino nas finais. No Paulistão, Telê e seus comandados fazem da primeira fase um treino, como uma estratégia, para depois sim, "matar" o Palmeiras na semifinal e o Corinthians na decisão.

O ano de 1992 foi inesquecível para todo são-

Com Telê Santana, o começo de uma nova Era, repleta de vitórias, títulos, conquistas então inéditas

paulino. No primeiro semestre, a equipe realizou pela primeira vez um velho sonho, ao conquistar a Libertadores batendo o Newell's Old Boys, da Argentina, no tempo normal (1 a 0) e nos pênaltis. No segundo semestre, superou o poderoso e rico Barcelona, em Tóquio, por 2 a 1, conquistando pela primeira vez o título mundial interclubes. De quebra, fez 4 a 2 e 2 a 1 nas finais do Paulista contra o Palmeiras, chegando ao bi e mantendo o rival longe da taça pelo 16º ano consecutivo, espécie de sobremesa para fechar o ano após o "prato" principal no Japão.



DEPOIS DE UM COMEÇO DIFÍCIL, O CENTROAVANTE CARECA SE FIRMOU COMO ÍDOLO DA TORCIDA TRICOLOR

OS PRINCIPAIS PRESIDENTES



●●● **MANOEL DO CARMO MECCA (1935)** - Português, foi o primeiro presidente tricolor, eleito na reunião de fundação do clube.

Encarregou-se de contratar os jogadores para formar o primeiro time e estabelecer a primeira sede. Renunciou no ano seguinte.

●●● **PAULO MACHADO DE CARVALHO (1940 E 1947)** - O "Marechal da Vitória", como ficou conhecido o chefe da delegação brasileira na Copa de 1958, era radialista, empresta seu nome ao Estádio do Pacaembu. Foi presidente tricolor em duas oportunidades.

●●● **ROBERTO GOMES PEDROZA (1946)** - Goleiro titular da Seleção na Copa de 1934 e do São Paulo, Pedroza é único ex-jogador do estado que chegou à presidência do clube. Morreu em 1954 quando presidia a Federação Paulista. Em sua homenagem, foi criado o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, popularmente conhecido como "Robertão".

●●● **CÍCERO POMPEU DE TOLEDO (1947/58)**

- Elegeu-se para seis mandatos consecutivos, ao longo de mais de dez anos. É considerado o "Pai do Morumbi", estádio pelo qual muito lutou e hoje leva seu nome, estampado na parte superior do lado externo e visível para todos que passam em frente à "casa" do São Paulo. Tem o título de Presidente de Honra, ou presidente eterno, do clube tricolor.

●●● **LAUDO NATEL (1958/1972)** - Chegou a acumular os cargos de presidente tricolor e governador do Estado de São Paulo, em uma época em que até sentava no banco de reservas para acompanhar o time mais de perto. Conhecido também por sua atuação como executivo do Banco Bradesco.

●●● **JOSÉ EDUARDO MESQUITA PIMENTA (1990/94)** - Era o presidente na fase mais vencedora do São Paulo, durante as conquistas do bi da Libertadores e do Mundial, em 1993/94. Teve, posteriormente, seu nome envolvido em escândalos financeiros ligados ao clube, mas ganhou na Justiça o direito de ter seu retrato novamente figurando na galeria dos ex-presidentes. Tornou-se, assim, uma figura muito discutida entre os são-paulinos.

1992-1992

ATUAL, PRESIDENTE

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA

Cinqüenta anos na torcida tricolor

Presidente do São Paulo o advogado Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa é desde 2002, cargo para o qual foi eleito pela primeira vez em 2002 e reeleito em 2004. São-paulino, no entanto, ele se tornou praticamente desde o dia em que nasceu: 2 de março de 1938. "São-paulino até debaixo d'água", como fez questão de frisar em janeiro de 2004, quando parte da área social do clube foi invadida por uma terrível enchente que tudo alagou causando prejuízos e sustos. Apesar de não ter idade suficiente à época para acompanhar em detalhes os malabarismos do timaço dos anos 40, que além de Leônidas da Silva tinha também o trio formado por Bauer, Rui e Noronha, o presidente consegue discorrer com certa facilidade sobre as façanhas daqueles personagens. "Eles formaram a mais talentosa e eficiente linha média dos anos 40 e 50. Já o Leônidas foi o maior ídolo são-paulino de todos os tempos", elege. "O São Paulo sempre foi pródigo na revelação e consagração de atletas", resume Gouveia.

Em 1993, mesmo com a venda do craque Raí para o Paris Saint-Germain, da França, no meio do ano, houve uma feliz repetição de grandes resultados, com as conquistas do bi da Libertadores, sobre o Universidad Católica, do Chile, e do Mundial Interclubes, diante do Milan, da Itália. De quebra, veio também o troféu da Supercopa Libertadores. Os anos dourados do supertime de Telê chegam ao fim em 1994, ano em que a equipe ainda ganha uma Copa Conmebol, jogando com seu Expressinho, mais deixa escapar nos pênaltis o tri da Libertadores, mesmo recebendo em casa os argentinos do Vélez Sarsfield com o goleiro Chilavert.

Nos últimos dez anos, o São Paulo torna-se um time como os outros, porém vencedor. Em 1998, com Raí retornando da Europa especialmente para acabar com o Corinthians no segundo jogo da final e as novas estrelas Denílson e França no time, o Tricolor fatura mais um título paulista. Repete a dose em 2000, mantendo o Santos em uma fila que entra agora em seu 20º ano, e também em 2002, levantando o supercampeonato paulista contra o Ituano. O time também foi campeão do Rio-São Paulo em 2001, na decisão contra o Botafogo que revelou o craque Kaká. E continua entre os melhores do futebol brasileiro, atrás das glórias que vêm do passado e tanto orgulham sua imensa torcida. O Tricolor, entra ano e sai ano, segue entre os candidatos a ficar com os títulos mais importantes. nascido para ser grande, o São Paulo é invariavelmente favorito. E agora, pelo segundo ano seguido, estará na Libertadores 2005.

UNIVERSO TRICOLOR

●●● **TRICOLOR** - Embora as cores do São Paulo Futebol Clube sejam associadas às do Estado de São Paulo, sua origem é outra. O vermelho vem do Paulistano, o preto da Associação Atlética Palmeiras e o branco de ambos os clubes, cujos sócios se uniram para formar o atual Tricolor.

●●● **MAIS QUERIDO** - É um dos diversos apelidos do São Paulo, que remonta a 1940, ano da inauguração do Pacaembu. No desfile de apresentação do novo estádio, a delegação tricolor foi de fato a mais aplaudida. Foi a forma que os paulistas encontraram de desafiar o ditador Getúlio Vargas, presente no estádio. Oito anos antes ele sufocara a Revolução Constitucionalista de 1932, baseada em São Paulo.

●●● **CLUBE DA FÉ** - Outro apelido que pegou nos anos 40. Refere-se à persistência do grupo que primeiro fundou o São Paulo da Floresta após o fim do futebol no Paulistano, na Associação Atlética Palmeiras e em seguida criou o novo São Paulo. O clube só tinha as onze camisas.

Bi mundial: apoteose tricolor no Japão

◆◆◆ Tricampeão brasileiro, bi da Copa Libertadores, campeão mundial interclubes no ano anterior, o esquadrão do São Paulo comandado por Telê Santana alcançou seu auge em 1993, com o bi em Tóquio. O jogo só foi decidido a três minutos do final com um gol "espírita" de Müller, que no momento da definição do lance estava de costas para o gol. Inesquecível!

3 SÃO PAULO**2 MILAN**

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Válber, Ronaldo e André Luiz; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo e Leonardo; Palhinha (Juninho) e Müller. **Técnico:** Telê Santana

MILAN: Rossi, Panucci, Costacurta, Baresi e Maldini; Albertini (Orlando), Desailly, Donadoni e Massaro; Papin e Raducioiu (Tassotti). **Técnico:** Fabio Capello

Data: 12/12/1993; **Estádio:** Nacional (Tóquio, Japão); **Juiz:** Joel Quiniou (França); **Gols:** Palhinha 19 do 1º; Massaro 3, Toninho Cerezo 14, Papin 36 e Müller 41 do 2º tempo



SÃO PAULO X BOTAFOGO NO BRASILEIRO DE 1980: DE COSTAS (CAMISA 11), O HOJE TÉCNICO MÁRIO SÉRGIO

CONQUISTAS

Paulista

Uma verdadeira máquina Tricolor arrasa os adversários com um time épico: Gijo, Piolim, Renganeschi; Bauer, Zarzur, Rui; Luizinho, Sastre, Leônidas da Silva, Remo e Teixeira, com Jorge Gomes da Silva, o Joreca, como técnico. Com o melhor ataque e a melhor defesa, novamente título são-paulino é em cima do Corinthians



O "ESQUADRAO" DO S. PAULO F. C. CAMPEÃO DE 1945-46
Aos lados, o dr. Paulo Machado de Carvalho (diretor) e Joreca (treinador).

Paulista

A conquista do 10o campeonato estadual pelo tricolor já foi feita por um time que se formava e viria a ser campeão brasileiro. Com Valdir Peres no gol, Chicão no meio-campo e Serginho (artilheiro do torneio, com 19 gols) no ataque, o São Paulo lapidava o time que seria campeão brasileiro dois anos depois.

Brasileiro

Uma guerra de nervos entre São Paulo e Atlético Mineiro marcou a decisão daquele Brasileirão, o primeiro vencido pelo São Paulo, então comandado por Rubens Minelli, que tinha armado o super-time do Internacional-RS de Falcão. Na cobrança de pênaltis, brilha a estrela de Valdir Peres, que consegue tirar a concentração dos batedores rivais.



Paulista

Fecho da década de 40 com o domínio total: cinco títulos. Mais um bicampeonato, e o último Paulista de Leônidas com o clube. Na brilhante conquista, outra vez o Tricolor tem a melhor defesa e o melhor ataque, além do artilheiro, Friaça, com 24 gols.

Paulista

Gino Orlando era o comandante do ataque que substituíra Leônidas, e na linha média, Rui e Noronha tinham dado lugar a Pé de Valsa e Alfredo. Leônidas, o ex-ídolo, foi o técnico antes e depois da conquista do título, mas quem venceu mesmo foi o treinador era Jim Lopes.

Paulista

Primeiro título tricolor do zagueiro Mauro, talvez o maior defensor que tenha vestido a camisa do São Paulo. Palmeiras e Corinthians não deram nem para o cheiro, e quem tentou criar problemas foi o Santos, que acabou derrotado por perder um jogo a mais.

Paulista

Treze anos de abstinência de conquistas deram o estádio do Morumbi ao Tricolor. Reforçado pelo goleador Toninho Guerreiro (artilheiro do torneio com 13 gols), e pelo maestro Gerson, é o primeiro troféu que o São Paulo ergueu no Morumbi.

1943 1945 1946 1948 1949 1953 1957 1970 1971 1975 1977 1980 1981

Paulista

Já definitivamente São Paulo Futebol Clube, o Tricolor deixa pela primeira vez a sua marca no futebol do Estado, garantindo o Paulistão, batendo o Corinthians por somente um ponto de vantagem

Paulista

Bicampeonato invicto. Zarzur cede seu lugar a Noronha, que com Rui e Bauer faz a linha média mais famosa da história. Na última partida, um gol dramático do zagueiro Renganeschi garante a glória.

Paulista

Ano do sétimo Paulistão do São Paulo, notabilizado pela "fuga" do Santos de campo, no jogo conhecido como "caicai". Sob a batuta de Bela Guttmann no banco e Zinho em campo, nem o time de Pelé resistiu.

Paulista

Mais um bicampeonato. Além de Gerson e Toninho Guerreiro, o São Paulo se valeu da chegada de mais um artista da bola: "El verdugo" Pedro Rocha, que seria um dos maiores meio-campistas tricolores.

Paulista

Início da década de ouro do futebol tricolor. O Paulistão fica no Morumbi, que assiste um time que tem uma zaga de aço – Oscar e Darío Pereyra – e um ataque irresistível – Serginho e Zé Sérgio.

Paulista

Novamente, um bicampeonato paulista. Ao time azeitado do ano anterior, se soma a genialidade irascível de Mário Sérgio, que fez uma grande parceria com Serginho, assustando as defesas adversárias.

1962

Brasileiro

O técnico Cilinho mescla a experiência de Oscar e Darío Pereyra com a energia dos "Menudos no Morumbi", Silas, Muller e Sidney. E além disso, Careca com fome de gol.



Paulista

Segundo título Brasileiro tem a marca entoadante Careca, que vence o duelo com Evair, do Guarani, numa final emocionante, em Campinas; Pepe, o "Canhão da Vila", era o técnico

Paulista

O primeiro e último título de Darío Pereyra no Morumbi, consagrando-o como um dos maiores defensores da história. A defesa na final é o Corinthians.

Paulista e Brasileiro

Depois de encontrar um time em frangalhos, Telê Santana começa sua obra-prima. Vence, no mesmo ano, o Paulista com só uma derrota (e Raí artilheiro com 20 gols), e o Brasileiro

Libertadores, Mundial Interclubes, Supercopa da Libertadores e Recopa Sul-americana

Telê e o Tricolor bisam o ano anterior, reconquistam Tóquio e o clube se consagra como o melhor do mundo.

Paulista

O último título de Raí no São Paulo é em cima do Santos de Rincón, e tem a marca do goleiro Rogério Ceni, que faz um dos gols da final; o atacante França se sagra artilheiro do torneio, com 18 gols.



Outros títulos

- 1986 T. R. Gomes (2005)
- Outros títulos: Pequena Taça do Mundo-VEN (55 e 63), Troféu Jarrito-MEX (55), Quadrangular de Cali-COL (60), Pentagonal de Guadalajara-MEX (60), Torneio de Firenze-ITA (64), Troféu Colombino-ESP (69), Torneio Nunes Freire-MA (76), II Copa São Paulo (76), Taça Governador do Estado-SP (80), Torneio de Verão de Tampa-EUA (82), Torneio Luis Henrique Rosas-SC (85), Taça Eduardo José Farah-SP (88), Quadrangular de Guadalajara-MEX (89), Quadrangular de Leon-MEX (90), Torneio da Amizade-CHI (90), Ciudad de Barcelona-ESP (91 e 92), Ramón de Carranza-ESP (92), Teresa Herrera-ESP (92), Cidade de Santiago-CHI (93), Santiago de Compostela-ESP (93), Troféu Jalisco-MEX (93), Cidade de Los Angeles-EUA (93), Torneio Rei Dada-MG (95), Copa dos Campeões Mundiais (95 e 96), 3º Euro América Cup-SP (99), Los Angeles Soccer Cup-EUA (99), Quadrangular de Pachuca-MEX (99) e 1º Copa Constantino Cury (2000)

1986 1987 1989 1991 1992 1993 1994 1998 2000

Paulista

15º título estadual e o último antes da "Era Telê", sob o comando de Carlos Alberto Silva. Raí ainda era um coadjuvante, o "irmão de Sócrates"; o título vem numa inesperada final contra o São José.

Paulista, Libertadores e Mundial Interclubes

A Máquina de Telê engrena e não tem rivais; nem mesmo o Barça, de Cruyff, que diz: "se for atropelado, melhor que seja por uma Ferrari"

Recopa Sul-americana e Copa Conmebol

No final do ciclo de Telê no Morumbi, o São Paulo se dá ao luxo de disputar a Copa Conmebol – e vencer – massacrando o Peñarol na final com um time "expressinho".

Paulista

Com Denílson em estado de graça, Raí volta da França só para jogar a final. Entra em campo usando o número 23 (o mesmo de Michael Jordan) e arrasa o Corinthians, levantando o 18º Paulistão da história.

ERA DA FLORESTA 1930 a 1935



SÃO PAULO EM FOTO DO ANO DE 1930: 74 GOLS MARCADOS PARA CHEGAR AO VICE-CAMPEONATO, PERDENDO UMA SÓ PARTIDA, PARA O CAMPEÃO CORINTHIANS

O outro Tricolor

O São Paulo que conhecemos hoje nasceu em 1935. Antes dele, porém, houve o Paulistano, a A.A. Palmeiras, além do São Paulo da Floresta



JOGADORES DE TIME DE 1931, CAMPEÃO PAULISTA COM SOMENTE UMA DERROTA PARA O PALESTRA ITÁLIA: SÓ O TRICOLOR FEZ 92 GOLS NAS 45 PARTIDAS DISPUTADAS

No princípio era o Paulistano, e o próprio hino do atual São Paulo Futebol Clube confirma essa estreita relação entre os dois clubes quando diz: "Trazes glórias luminosas do Paulistano imortal". E que glórias eram aquelas! Onze vezes campeão paulista, o Paulistano, time de Arthur Friedenreich – o Pelé das primeiras décadas do século 20 –, havia sido um dos pioneiros na introdução do futebol no Brasil e o primeiro clube do país a excursionar pela Europa, em 1925, voltando com um saldo de nove vitórias e apenas uma derrota.

Hino do São Paulo reverencia as conquistas do Paulistano, 11 vezes campeão paulista no século passado

Havia também a Associação Atlética Palmeiras, cujo estádio, a Floresta, passou para o primeiro São Paulo, que não por acaso teve aquele campo incorporado à sua própria denominação. Uma vez mais, o hino tricolor pode ser evocado como testemunha: "...da Floresta também trazes um brilho tradicional".

Se o Corinthians é Corinthians desde sempre e o Palmeiras trata-se de uma extensão clara do Palestra Itália (apenas com um outro nome), no caso do São Paulo as coisas não são tão simples assim. É claro que, na época da fundação do São Paulo da Floresta, houve uma transferência direta dos torcedores do Paulistano e da

NÚMEROS 123

Herança de troféus

14 ➔

títulos paulistas tinham, juntos, o Paulistano (11) e a A.A. Palmeiras (3), que originaram o São Paulo Futebol Clube

Título isolado

1 ➔

Campeonato Paulista ganhou o São Paulo da Floresta, antecessor do atual Tricolor do Morumbi, em 1931

Quase lá...

4 ➔

vice-campeonatos, sendo três seguidos, alcançou aquela equipe, em 1930, 1932, 1933 e 1934

A.A. Palmeiras, "órfãos" de seus times assim que os departamentos de futebol de ambos fecharam suas portas. No entanto, o que ocorreu naquele início de 1930 não foi propriamente uma fusão, mas, sim, uma iniciativa individual de 60 sócios do Paulistano. Até porque, ao contrário da Associação Atlética Palmeiras, o Clube Atlético Paulistano continuou (e continua) existindo como clube social.

Já a relação entre o atual São Paulo Futebol Clube e o chamado São Paulo da Floresta, criado por aqueles simpatizantes do Paulistano e da A.A. Palmeiras e extinto em 1935, é um

O título paulista de 1931 poderia ser reivindicado pelo São Paulo Futebol Clube

pouco mais complicada. Para começo de conversa, os dois clubes tinham o mesmo nome, as mesmas cores, o mesmo uniforme e até o mesmíssimo escudo, o que, em tese, daria ao atual São Paulo Futebol Clube o direito de reivindicar para si o título de campeão paulista de 1931. Nada mais justo diante das evidências. Essa confusão só existe porque uma brecha na lei da época permitiu que se criasse essa nova pessoa jurídica como uma espécie de "clone" de seu falecido antecessor, embora tenha ocorrido uma fusão entre aquele e o Clube de Regatas Tietê, que decidira acabar com o seu departamento de futebol.

Friedenreich: maior craque tricolor?

●●● Leônidas da Silva, Zizinho, Gérson, Careca, Raí... Foram muitos os craques que já vestiram a camisa tricolor. Mas nenhum deles, talvez, tenha sido tão importante para a história do futebol brasileiro quanto Arthur Friedenreich - isso se considerarmos, claro, o período do São Paulo da Floresta, entre 1930 e 1935, em que ele defendeu o clube. Filho de pai alemão e mãe mulata, Fried - ou "El Tigre", como também era chamado, principalmente por uruguaios e argentinos - foi para muitos o maior craque brasileiro até o surgimento de Pelé. Ou mesmo maior que ele, pois teria marcado 1 329 gols contra os 1 284 do Rei do Futebol. O recorde chegou a ser oficializado pelo Guinness Book, o livro internacional dos recordes, e até pela Fifa, embora não haja nenhuma documentação a respeito. O pesquisador Alexandre da Costa, autor do livro O Tigre do Futebol, sobre a vida

do ex-jogador, foi quem mais se aprofundou nas pesquisas, registrando 556 gols. Centroavante altamente técnico, habilidoso e oportunista, Friedenreich havia começado a carreira no Germânia, clube da colônia alemã de São Paulo, por influência do pai. Depois, passou por Ypiranga, Mackenzie e Paulistano, do qual era o maior ídolo na época da extinção do clube e criação do São Paulo da Floresta, para onde se transferiu. Mesmo já veterano (tinha 37 anos na época da mudança), Friedenreich foi campeão paulista pelo São Paulo em 1931, acumulando seu sétimo título estadual, e o principal artilheiro do time em 1930 (com 26 gols) e 1931 (com 32). Fried jamais chegou a defender o atual São Paulo, fundado em 1935, mas jogou até os 43 anos, pelo Flamengo, e participando de exhibições esporádicas por times do Brasil afora.

A estréia do velho São Paulo

❖❖❖ Organizado ainda em janeiro de 1930, o São Paulo da Floresta entrou em campo pela primeira vez já em março, para jogar apenas alguns minutos, nesta partida do Torneio Início do Campeonato Paulista de 1930, contra o Ypiranga. Ganhou, seguiu em frente, passou também no Guarani e, na final, foi derrotado nos escanteios pelo campeão Palestra Itália, após empate por 1 a 1.

3 SÃO PAULO

0 YPIRANGA

SÃO PAULO: Nestor, Clodô e Bartô; Abate, Rueda e Sérgio; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanela. **Técnico:** Rubens Salles

YPIRANGA: Guerreiro, Zica e Zaca; Amadeu, Guanabara e Salvador; Rebole, Barroso, Pierino, Xinda e Álvaro. **Técnico:** não disponível

Data: 09/03/1930; **Estádio:** Floresta (São Paulo, SP); **Juiz:** não disponível; **Gols:** Formiga, Araken e Friedenreich



LEÔNIDAS À FRENTE DO TIME QUE DOMINOU SÃO PAULO NA DÉCADA DE 40: O "BONDE DE 200 CONTOS" SE VINGA

Brigas jurídicas à parte, o certo é que o espírito que norteava os futuros são-paulinos de 1935 era o mesmo daqueles que, cinco anos antes, idealizaram o São Paulo da Floresta. Uma equipe que já nascia forte, com os craques Nestor, Clodô, Bartô, Sérgio, Mário Andrada, Joãozinho, Cassiano e, principalmente, Friedenreich, todos ex-Paulistano, mais o respaldo de poder mandar seus jogos na Floresta, o antigo campo da A.A. Palmeiras. Cogitou-se naquela associação a entrada de alguns elementos do antigo time do São Bento,

"Aique paique chaique uaique! Tchê in gol! Rá! Rá! Rá! São Paulo!"

GRITO DE GUERRA DO SÃO PAULO DA FLORESTA, SEMELHANTE AO QUE ERA UTILIZADO PELA TORCIDA DO PAULISTANO

da capital, que na última hora decidiram que não iriam aderir à iniciativa que fora tomada.

Em campo, o São Paulo da Floresta fez sua estréia no Torneio Início do Campeonato Paulista de 1930, do qual foi vice-campeão, perdendo o título para o Palestra Itália por dois escanteios a zero após empate no jogo em 1 a 1. No campeonato de verdade, chegou em segundo, atrás apenas do Corinthians, tricampeão. Já no ano seguinte o São Paulo da Floresta aproveitou a debandada dos craques tanto do Corinthians quanto do Palestra para a Itália e ficou com o título. A equipe, formada basi-

camente por veteranos, ganhou o apelido de Esquadrão de Aço. Teve 20 vitórias, 5 empates e apenas uma derrota em 26 jogos. Ainda fez o segundo artilheiro da competição, Friedenreich, com 32 gols. Ele ficou atrás apenas do santista Feitico, que marcou 39 tentos.

Na temporada seguinte, a de 1932, o velho São Paulo da Floresta continuou bem. Em um campeonato disputado em apenas um turno (e interrompido pela Revolução Constitucionalista, em julho), lutou muito para correr atrás do invencível Palestra, que acabou ganhando todos os seus onze jogos e ficando com o título de forma invicta. O São Paulo da Floresta fez o suficiente para pelo menos terminar em segundo, à frente do surpreendente Juventus. Novamente, entre os principais artilheiros do campeonato, embora com menos gols que o palestrino Romeu Pellicciari (que fez 18), figuravam dois tricolores: o ponta-direita Luizinho, com 16, e Araken, com 11 gols assinalados no torneio.

O ano de 1933 trouxe outro vice-campeonato ao antecessor do atual Tricolor, o terceiro em quatro tentativas, sendo que em uma delas veio o título. Aliás, foram dois os vices conquistados pelo São Paulo da Floresta naquele ano: a equipe ficou só dois pontos atrás do campeão



NOS ANOS 40, CINCO CAMPEONATOS EM DEZ ANOS COLOCARAM O TRICOLOR NA CONDIÇÃO DE CLUBE GRANDE

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Que a maior goleada da história dos clássicos contra o Corinthians foi aplicada pelo São Paulo da Floresta? No dia 10 de setembro de 1933, pelo Campeonato Paulista e pelo Torneio Rio-São Paulo, o antecessor do atual Tricolor ganhou de 6 a 1, com três gols de Luizinho, um de Waldemar de Brito, um de Armandinho e outro de Hércules. O São Paulo jamais alcançou resultado semelhante diante do velho rival.

Palestra, tanto no Campeonato Paulista quanto no Torneio Rio-São Paulo, criado e disputado paralelamente ao estadual. Ambos os títulos foram perdidos em uma derrota diante dos palestrinos por 1 a 0, no Parque Antártica, gol de bico de Avelino vencendo o goleiro são-paulino José no final da partida. Confirmando sua vocação goleadora, o São Paulo da Floresta teve tanto o artilheiro do Paulista quanto do Rio-São Paulo: Waldemar de Brito, o futuro descobridor de Pelé, autor de 21 gols no estadual e de 33 no Rio-São Paulo. Além disso, naquele ano de implantação do profissionalismo no futebol do Brasil, coube ao São Paulo da Floresta marcar não só o primeiro gol (com o incrível "El Tigre" Friedenreich) como ganhar, por goleada, o primeiro jogo sob o novo regime: 5 a 1 no Santos, numa goleada impiedosa aplicada em pleno estádio da Vila Belmiro, até os dias de hoje a casa do time santista.

O título que vem da Floresta

❖ ❖ ❖ Se pudesse contar o Campeonato Paulista de 1931, conquistado pelo São Paulo da Floresta, o Tricolor teria, hoje, 20 títulos estaduais. Infelizmente para a grande torcida são-paulina, essa conquista não é oficialmente computada a favor do clube do Morumbi. O troféu foi para o São Paulo da Floresta em grande estilo, com uma goleada sobre o Corinthians, na última rodada e em pleno estádio da equipe adversária, a "Fazendinha", o Parque São Jorge. Mas o maior rival era mesmo o Palestra Itália. A vitória manteve a diferença de dois pontos em relação ao time dos italianos, que foi apenas o vice-campeão daquele ano.

1 CORINTHIANS

4 SÃO PAULO

CORINTHIANS: Onça, Grane e Juvenal; Parras, Osvaldo e Munhoz; Filhote, Bertone, Gambinha, Tony e Guimarães. **Técnico:** José de Carlo

SÃO PAULO: Joãozinho, Clodô e Bartô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira. **Técnico:** Rubens Salles

Data: 10/01/1932; **Estádio:** Parque São Jorge (São Paulo, RJ); **Juiz:** Virgílio Fredrighi; **Gols:** Armandinho 3, Armandinho 25 e Friedenreich 33 minutos do 1º; Guimarães 2 e Araken 19 do 2º tempo.

No último ano em que participou do campeonato (1934), o São Paulo da Floresta ficou novamente em segundo, uma vez mais atrás do Palestra Itália, que, assim, chegava ao tri. Teve novamente um dos principais goleadores (o ponta-esquerda Hércules, com 10 gols, atrás apenas dos 13 do palestrino Romeu Pellicciari) e ainda sentiu o gostinho de derrubar o até então invicto Palestra na última rodada. A vitória por 1 a 0, gol do indefectível Friedenreich, entrou para a história do clássico com o nome de "Sinfonia Inacabada", para cutucar o orgulho do adversário, campeão porém derrotado naquela oportunidade.

A construção de uma sede e a vaidade ao extremo levaram o São Paulo da Floresta às dívidas e ao seu fim

Fora de campo o São Paulo da Floresta era uma fogueira de vaidades. Com uma dívida de 190 contos de réis, adquirida a partir da montagem da luxuosa sede no Trocadero não restou outra saída a não ser a fusão com o Clube de Regatas Tietê, com o fim do departamento de futebol. Seguiu-se uma série de batalhas na Justiça. Alguns jogadores fundaram o Independente, que teve vida curta, e outros foram jogar no Rio. Depois de alguns amistosos, o São Paulo da Floresta desaparecia. Inconformados, alguns de seus simpatizantes começariam, a partir dali, a escrever uma nova história.

ERA LEÔNIDAS 1942 a 1950



O "HOMEM BORRACHA" E O SORRISO QUE IMORTALIZOU, COM O ESQUADRÃO QUE VENCEU O CAMPEONATO PAULISTA DE 1945, FAZENDO 70 GOLS EM 36 PARTIDAS

Surge o Rolo Compressor

A partir da chegada de Leônidas da Silva, o novo São Paulo, que no início lutava apenas para sobreviver, torna-se o maior campeão dos anos 40



EM 1948, JÁ CONSAGRADO, O TRICOLOR NÃO SE CONTENTA EM LEVAR MAIS UM TÍTULO, MAS TAMBÉM APLICA GOLEADAS, COMO NA ESTRÉIA CONTRA O NACIONAL: 6 X 1

Depois de sua refundação, no final de 1935, o São Paulo voltou, mas voltou pobre. Sem patrimônio, com jogadores catados aqui e ali, só contava mesmo com a abnegação de alguns dirigentes e as famosas onze camisas tricolores. Caçula do Campeonato Paulista, o time havia sido nono colocado em 1936, sétimo em 1937, vice-campeão em 1938 (sua melhor temporada até ali, graças aos reforços vindos de uma fusão com o Estudantes, ocorrida naquele ano), quinto em 1939, sexto em 1940. Nem de longe fazia sombra a Corinthians e

O São Paulo crescia, mas faltava uma força extra em campo, faltava a chegada dele: **Leônidas da Silva**

Palmeiras, que dividiriam entre si absolutamente todos os títulos de campeão paulista daqueles e dos próximos dois anos.

O São Paulo, àquela altura, havia ganho um bom impulso com a inauguração do Pacaembu e a criação de sua Torcida Uniformizada, a primeira do país. No entanto, precisava de algo mais, um fato novo, de preferência vindo de dentro de campo, que lhe desse a força necessária para se tornar, na prática, tão grande quanto já havia sido no passado. Foi então que surgiu genial Leônidas da Silva.

Astro da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938, maior jogador do país na

NÚMEROS

Diamante Negro

140 →

gols marcou Leônidas da Silva nos oito anos em que jogou pelo São Paulo Futebol Clube, de 1942 a 1950

Invencibilidade

23 →

jogos sem derrota alcançou o São Paulo entre os Campeonatos Paulistas de 1945 e 1946, conquistando a Taça dos Invictos

Títulos em série

5 →

títulos ganhou o São Paulo entre os 10 disputados nos anos 40, sendo dois bis, em 1943, 1945/1946 e 1948/1949

época, o Rei da Bicicleta estava em litígio com seu clube, o Flamengo, e disso aproveitou-se o São Paulo para trazê-lo do Rio. A quantia paga - 200 contos de réis - foi considerada absurda, principalmente por se tratar de um jogador já às vésperas de completar 30 anos de idade. Até de "bonde" (sinônimo de péssimo negócio) Leônidas chegou a ser chamado. Nos anos seguintes, porém, ele justificaria cada tostão empregado em sua contratação. Tornou-se, guardadas as devidas proporções, o mesmo que Pelé seria para o Santos entre as décadas de 1950 e 1970. Um jogador fundamental.

Na estréia do Diamante Negro no time tricolor, mais de **70 mil pessoas** foram ao estádio do Pacaembu

Logo em sua estréia (que foi também a do ponta-esquerda corintiano Hércules, companheiro de Leônidas na Copa do Mundo de 1938, na França), mais de 70 mil pessoas estabeleceram o recorde de público do Pacaembu para vê-lo em ação no empate por 3 a 3 diante do Corinthians. Três domingos depois, em outro clássico, dessa vez contra o Palestra (futuro Palmeiras), o "Diamante Negro", como Leônidas também era conhecido, já mostrava a que veio. Marcou de bicicleta, sua jogada mais famosa, o gol do empate tricolor em uma partida em que o adversário acabaria fazendo 2 a 1. Ficou famosa a

Leônidas e outros craques da época

●●● Leônidas da Silva, o Diamante Negro, o Homem de Borracha, o Magia Negra, um dos poucos craques comparáveis a Pelé na história do futebol brasileiro e mundial, era, de longe, o maior jogador do campeoníssimo São Paulo dos anos 40. Naquela época, porém, havia outros grandes ídolos que também entraram para a história do clube. A começar pelo gol, por onde durante toda essa época de ouro revezaram-se o gigante King (irmão do corintiano Teleco e assim apelidado por causa de seu tamanho e da primeira versão do filme King Kong, rodada nos anos 30), o ex-palmeirense Gijo e o discreto Mário. A defesa era formada primeiro por Piolim e Virgílio – que depois cedeu seu lugar ao argentino Renganeschi, autor do gol do título de 1946 – e a seguir, no bi de 1948/49, pelos jovens Savério e Mauro, o Mauro Ramos de Oliveira que foi capitão da Seleção na

conquista do bicampeonato mundial no Chile, em 1962. Na linha média, três nomes que soam como um só no fundo da alma tricolor: Bauer, Rui e Noronha. Os três jogaram juntos de 1945 até a perda do tri para o Palmeiras, em 1950, além do período do próprio Leônidas. Bauer, o mais jovem dos três, foi titular da Seleção Brasileira na Copa de 1950, e apesar da derrota final por 2 a 1 para o Uruguai tornou-se conhecido como o “Monstro do Maracanã”. O ataque sempre foi o ponto forte do Rolo Compressor. Começava com o ponta-direita Luizinho, ídolo desde o São Paulo da Floresta, passava pelo veterano meia argentino don António Sastre, por Leônidas e desembocava em uma ala esquerda infernal, fosse Remo e Pardal, Remo e Teixeira ou Teixeira e Pardal. No bi de 1948/49, surgiram talentos como China, Friaça e Ponce de León.

A estréia do genial Diamante Negro

❖❖❖ O Pacaembu nem tinha o “Tobogã”, mas jamais recebeu tanta gente como naquele dia, para assistir à estréia de Leônidas da Silva com a camisa tricolor: 70.281 pessoas, sendo 63.281 pagantes. E jamais receberá, pois atualmente a capacidade do estádio municipal está restringida a quase metade daquele público fantástico.

3 CORINTHIANS

3 SÃO PAULO

CORINTHIANS: Joel, Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino; Jerônimo, Milani, Servílio, Eduardinho e Hércules. **Técnico:** Rato

SÃO PAULO: Doutor, Fiorotti e Virgílio; Zaclis, Lola e Silva; Luizinho, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal. **Técnico:** Vicente Feola

Data: 24/05/1942; **Estádio:** Pacaembu (São Paulo, SP); **Juiz:** Jorge de Lima (Joreca); **Gols:** Jerônimo 10 e Lola 30 do 1º; Servílio 3, Luizinho 15, Teixeira 36 e Servílio 43 minutos do 2º tempo.



NA “ERA LEÔNIDAS”, ALÉM DO CRAQUE, O ROLO COMPRESSOR TINHA MAESTROS COMO SASTRE, RUI E BAUER

narração radiofônica do lance, irônica e empolgada, por Geraldo José de Almeida. “O Bonde de 200 contos... O Bonde de 200 Contos!”, berrava a plenos pulmões o locutor, um notório são-paulino de quatro costados.

Com Leônidas, o São Paulo, que já contava com a boa base vice-campeã paulista de 1941, formada pelo zagueiro Piolim, pelo médio Noronha, pelo ponta-direita Luizinho e pela ala esquerda Remo e Pardal, ficou ainda mais forte. No entanto, não foi possível, ainda

“De bicicleta... De bicicleta, meus amigos... Tai o bonde... O bonde de 200 contos...”

GERALDO JOSÉ DE ALMEIDA, LOCUTOR, NARRANDO O PRIMEIRO GOL DE BICICLETA DE LEÔNIDAS PELO SÃO PAULO

naquele ano, chegar ao título, que uma vez mais foi para o Palestra (a partir do jogo decisivo contra o próprio São Paulo, renomeado como Palmeiras), e nem mesmo ao vice, então conquistado pela equipe do Corinthians.

A grande virada ficava para 1943, o “ano em que a moeda caiu de pé”. O time tornou-se ainda melhor com a volta do goleiro King, irmão do artilheiro corintiano Teleco, no lugar de Doutor, mais as chegadas de Zezé Procópio e do veterano meia argentino Sastre. A batalha cabeça a cabeça com Corinthians e Palmeiras prosseguiu até a última rodada da competição.

Uma vitória palmeirense teria provocado um supercampeonato envolvendo os três, mas isso não foi necessário. Com o empate por 0 a 0, o São Paulo levantava ali mesmo o título, primeiro dos muitos que viriam naquela Era Leônidas.

Se em 1944 o bi escapou (o Tricolor foi vice), em 1945 a equipe, já com o goleiro Gijo, o zagueiro argentino Renganeschi e a famosa linha média formada por Bauer, Noronha e Rui, não fez por menos. Perdeu um único jogo, para o Corinthians, no primeiro turno, empatou outros dois e ganhou todos os outros 17, chegando a mais um título com relativa facilidade. No ano seguinte, veio o bi, em um duelo histórico contra o Corinthians, que àquela altura já contava com o zagueiro Domingos da Guia. O alvinegro venceu nada menos que 18 de seus 20 jogos. Não empatou nenhum e só perdeu dois. Justamente para o São Paulo, tanto no primeiro quanto no segundo turno, que conseguiu ser ainda melhor que o rival, sagrando-se campeão invicto com 17 vitórias e 3 empates numa campanha primorosa.

Essa conquista teve, ainda, um ingrediente adicional: no clássico contra o Corinthians pelo segundo turno, a vitória por 2 a 1, gols de Remo e Leônidas, com Baltazar descontando para o



EM 1949, MAIS UM TÍTULO PAULISTA: FRIAÇA É ARTILHEIRO E MOSTRA QUE O TRICOLOR IA ALÉM DE LEÔNIDAS

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Que 1943, ano em que o São Paulo conquistou o primeiro título de sua nova fase, ficou conhecido como "aquele em que a moeda caiu de pé"? É que desde 1936 o Palestra (depois Palmeiras) e o Corinthians vinham-se alternando na conquista do Paulista, o que lembrava o jogo do cara-ou-coroa. Quando o Tricolor quebrou a série, a torcida foi às ruas com um carro alegórico representando uma moeda em pé.

alvinegro, não só deixou o Tricolor em excelente posição para chegar ao título como valeu pela primeira vez a posse da cobiçada Taça dos Invictos. Ali, o Rolo Compressor completava 23 partidas sem derrota (a última havia sido aquela para o Corinthians, no já longínquo primeiro turno do ano anterior). Chegaria a 25 na partida decisiva, contra o Palmeiras. O Alverde, já fora da disputa, em caso de vitória daria o título de graça ao Corinthians. Se houvesse empate, São Paulo e Corinthians jogariam uma partida extra. O 0 a 0 permanecia no marcador até os 38 minutos do segundo tempo, quando Bauer fez um cruzamento fechado para dentro da área palmeirense. A bola encobriu o goleiro Oberdan, bateu na trave e sobrou limpa para o zagueiro Renganeschi, que, machucado, fazia número na ponta-esquerda. Ele só teve o trabalho de empurrá-la para dentro do gol e sacramentar o bi, invicto, do Tricolor.

Os invencíveis bicampeões paulistas

❖ ❖ ❖ A briga pelo bicampeonato estadual de 1946 foi contra o Corinthians, mas na última rodada o adversário era o já eliminado time do Palmeiras, sempre um difícil rival, mesmo naquelas condições. O Tricolor não podia sequer empatar, sob o risco de ter que disputar um jogo extra contra o alvinegro, o que poderia tornar a caminhada até o título bem mais complicada. O gol, marcado pelo zagueiro Renganeschi, aconteceu em circunstâncias especiais. Contundido, ele só fazia número em campo, já que as substituições ainda não existiam no futebol. Ele só saiu no final do jogo, dando ao São Paulo Futebol Clube o seu primeiro bicampeonato paulista, e invicto, com sabor ainda mais especial.

SÃO PAULO PALMEIRAS

SÃO PAULO: Gijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. **Técnico:** Jorge de Lima (Joreca)

PALMEIRAS: Oberdan, Caieira e Gengo; Og, Túlio e Waldemar Fiúme; Lula, Lima, Villadoniga, Canhotinho e Mantovani. **Técnico:** Ventura Cambon

Data: 10/11/1946; **Estádio:** Pacaembu (São Paulo, SP); **Juiz:** Bruno Nina; **Gol:** Renganeschi 38 do 2º; **Expulsões:** Luizinho, Remo, Villadoniga e Og Moreira

Ninguém mais perguntava se o São Paulo iria ganhar, mas de quanto. Após uma campanha irregular em 1947, que custou o cobiçado tricampeonato (apenas um quarto lugar), a equipe passa por uma reformulação. Porém Leônidas, o astro da companhia, permanece, jogando agora ao lado do goleiro Mário, dos zagueiros Savério e Mauro Ramos de Oliveira (futuro capitão do Brasil campeão mundial em 1962) e ainda com Bauer, Rui, Noronha, Remo e Teixeira. Com a mesma base, e contando com o jovem goleador Friaça (artilheiro com 24 gols), o Tricolor fatura mais um bi, em 1949. Era o quinto título em nove disputados na década.

Surgiam novos jogadores, como o goleador Friaça, artilheiro do campeonato com 24 gols marcados

Aquele seria o último troféu de Leônidas, Rui e Noronha. Em 1950, quando o Tricolor tentou uma vez mais o tão sonhado tri paulista, o Diamante chegou a jogar o Rio-São Paulo. No estadual, já estava no banco, como auxiliar do técnico Feola, preparando-se para assumir o cargo em 1951. Rui e Noronha, ao lado de Bauer, continuavam em campo e sentiram a perda de um título em que o Tricolor chegou a abrir vantagem de três pontos a três rodadas do final, mas acabou entregando o ouro para o Palmeiras. Era o fim de uma era, uma das mais gloriosas da gloriosa história tricolor.

S.P.
2
Wagner
1
24/12/
1950

ERA DO JEJUM 1957 a 1970



CAMPEÃO EM 1957: DE SORDI, POY, SARARÁ, RIBERTO, VÍTOR, MAURO E BELA GUTTMAN EM PÉ; MAURINHO, AMAURI, GINO, ZIZINHO E CANHOTEIRO AGACHADOS

Em nome do Morumbi

Foram 12 anos de dedicação à construção do estádio. Enquanto isso, o time contava com cada vez menos craques e deixava de ganhar títulos



O GIGANTE MORUMBI, AINDA EM CONSTRUÇÃO: JEJUM DE 12 ANOS FOI O PREÇO PAGO PARA SE COMPRAR CIMENTO, NAQUELE QUE SERIA O MAIOR ESTÁDIO DO MUNDO

Terminada a Era Leônidas, o São Paulo conheceu ainda duas glórias esparsas, acumuladas ao longo da década de 1950. Em 1953, um elenco renovado, já com Poy, De Sordi, Maurinho e Gino, quebra a seqüência do Corinthians, que foi bi no Paulista em 1951/52 e seria novamente campeão no ano da comemoração do IV Centenário da cidade, em 1954. O Tricolor volta a faturar o título também em 1957, em um jogo inesquecível contra o mesmo Corinthians, em que a equipe comandada pelo veterano Mestre Zizinho – e que tinha, ainda, o habilidoso Ca-

Com Zizinho e Canhoteiro, o time foi campeão paulista em 1957, mas depois viriam tempos bem difíceis

nhoteiro na ponta-esquerda – ganha por 3 a 1 e volta a botar as faixas no peito. Para a torcida, parecia que a série de conquistas iniciada nos anos 40 com o Diamante Negro iria continuar pelos pés de outros grandes jogadores.

Depois daquela alegria, no entanto, começaram os duros anos do jejum, que em parte podem ser explicados pelo esforço dispendido na construção do Morumbi. Vendido o Canindé, onde o São Paulo estava desde 1944, para Wadi Saddy (que, mais tarde, o repassou à Portuguesa), começou a busca de um lugar onde erguer o novo estádio. Houve um namoro firme com o local onde hoje se encontra o

NÚMEROS

O jejum

12 →

anos o São Paulo ficou sem conquistar o Campeonato Paulista, entre os títulos estaduais de 1957 e 1970.

Reforço de peso

900 →

mil cruzeiros o São Paulo pagou ao Botafogo para ter Gérson, o maestro da conquista que quebrou o jejum, em 1970.

Um gigante

60 →

mil metros quadrados é a área total do Estádio do Morumbi e inaugurado duas vezes, em 1960 e, finalizado, em 1970.

Parque do Ibirapuera, mas a escolha acabou recaindo em um terreno no Jardim Leonor, região do Morumbi, onde havia uma gigantesca área capaz de abrigar aquele que seria, anos depois, o maior estádio particular do mundo.

Dinheiro só havia para cimento, ferro e tijolos, e o time de futebol que segurasse as pontas com os poucos craques que tinha. Vice-campeão em 1958, atrás do Santos e ainda contando com a maioria dos craques campeões do ano anterior, o São Paulo caiu para o terceiro lugar já em 1959, quando Palmeiras (campeão) e Santos (vice) decidiram o destino da

Área onde está o Parque do Ibirapuera foi cogitada para abrigar o novo estádio do São Paulo Futebol Clube

taça em uma seqüência de três jogos que ficou conhecida como supercampeonato. Em 1960, acontece uma das piores campanhas tricolores em todos os tempos até ali, só comparável à nona colocação da estréia, em 1936: oitavo lugar, atrás dos grandes Santos, Portuguesa, Corinthians e Palmeiras, e de times como Noroeste, Ferroviária e Guarani. Também, com nomes como Gildásio, Bacurau e Gonçalo fazendo parte do elenco, ficava difícil para Poy, De Sordi, Dino Sani e outros remanescentes dos bons tempos resolverem tudo sozinhos. E nos anos seguintes viria mais: Suly, Deleu, Nondas, Cachimbo, Sabino, Cecílio Martinez...



UMA VISÃO DAS NUMERADAS DO MORUMBI INACABADO: AO FUNDO, O BAIRRO, AINDA POUCO HABITADO

BATE BOLA

ROBERTO DIAS
Zagueiro de
1960 a 1973



● Como foram aqueles tempos em que o São Paulo ficou sem ser campeão devido aos investimentos para ter o estádio?

Eram tempos em que um tijolo era mais importante que um título. Não que o clube não contratasse grandes jogadores, mas o São Paulo estava mais interessado mesmo era na construção do Morumbi.

● E havia muita cobrança, apesar das condições vividas pelo clube na época?

Não, a torcida não cobrava muito, talvez porque sabia que existiam o Santos e o Pelé. Além disso, o time não era campeão, mas fazia boas campanhas. Ganhamos o Troféu Colombino, na Espanha, e viajamos muito, havia empenho da equipe.

● Como foi a perda do título de 1967?

No último jogo, contra o Corinthians, se a gente ganhasse era campeão. Estava 1 a 0 para o São Paulo e no último minuto sofremos o empate. Aí jogamos contra o Santos para decidir o título, bem, otimamente bem, eu marcando o Pelé. Perdemos por 2 a 1, mas jogamos o campeonato fora foi no jogo anterior, com o Corinthians.

● Quando começou sua relação com o clube?

Nasci no Canindé, onde ficava o antigo campo do time. Lembro, ainda garoto, do campeonato de 1957, do Canhoteiro, o maior jogador que vi atuar. Era um mágico com a bola nos pés. Era são-paulino desde garotinho e sou até hoje. Foi um orgulho ver o crescimento desse clube.

● E depois que o jejum terminou?

Ah, aí montamos um time que não devia nada para ninguém. Tinha o Forlán, eu, o Gérson, o Toninho Guerreiro... Fomos campeões em Campinas, derrotando o Guarani, e na volta eu chorei o caminho inteiro, feito uma criança.

A situação começou a ficar preocupante já naquele começo de anos 60, com a debandada do zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, para o Santos, e do volante Dino Sani, para o Boca Juniors, da Argentina. Ambos haviam sido campeões mundiais pela Seleção Brasileira na Suécia, em 1958, como jogadores do Tricolor. Do trio de campeões do mundo são-paulinos, só restou o lateral-direito De Sordi, que resistiria bravamente até se aposentar, em 1965. Outra prova da decadência técnica do time foi que na Copa do Mundo seguinte, a do bi mundial, no Chile, em 1962, o São Paulo teve apenas dois

"Já que é um sonho, que seja grande"

LEMA DA DIRETORIA SÃO-PAULINA DURANTE A CONSTRUÇÃO DO MORUMBI, O MAIOR ESTÁDIO PARTICULAR DO MUNDO

convocados, ambos zagueiros e ambos reservas: Bellini, trazido já veterano, às vésperas dos 32 anos, do Vasco, e Jurandir. Na lista de convocados para a Copa da Inglaterra, em 1966, somente o mesmo Bellini e o atacante Paraná jogavam no São Paulo Futebol Clube.

Mas nem só de tristezas foi feita aquela virada de década. O ano de 1960 marcou, também, a estréia de um craque, um dos poucos feitos em casa durante todo aquele período: o polivalente Roberto Dias, que atuava tanto na zaga quanto no meio do campo. Não era à toa que, na época, uma piadinha infame começou a circular nos meios futebolísticos da cidade. Ela dizia que,

A última grande glória são-paulina

❖❖❖ Antes de entrar em uma fase de abstinência, o são-paulino viu o time campeão paulista na decisão contra o Corinthians. Líder invicto de ponta a ponta, o rival escorregou diante do Santos, na penúltima rodada. Aí, o Tricolor, que só precisava ganhar para ficar com o título, não perdeu. Depois, só em 1970.

3 SÃO PAULO

1 CORINTHIANS

SÃO PAULO: Poy, De Sordi e Mauro; Sarará, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro. **Técnico:** Bela Gutman

CORINTHIANS: Gilmar, Olavo e Oreco; Idário, Valmir e Benedito; Cláudio, Luizinho, Índio, Rafael e Zague. **Técnico:** Oswaldo Brandão

Data: 29/12/1957; **Estádio:** Pacaembu (São Paulo, SP); **Juiz:** Alberto da Gama Malcher (SP); **Gols:** Amauri 17, Canhoteiro 19, Rafael 21 e Maurinho 34 minutos do 2º tempo.

para fazer o São Paulo campeão, qualquer técnico precisaria apenas de "dez dias". Dez outros jogadores como Roberto Dias, é claro... Foi também em 1960, no dia 2 de outubro, que o Morumbi, embora inacabado, recebeu sua primeira partida, um amistoso internacional: São Paulo 1 x 0 Sporting, de Portugal, gol histórico de Peixinho, que entrou para a história por conta disso e sempre é lembrado quando se fala na inauguração do estádio monumental que o São Paulo construiu.

Concluir o Morumbi levaria mais dez anos, o mesmo tempo que duraria, a partir dali, a fila são-paulina. Terceiro colocado em 1961, vice-campeão ao lado do Corinthians, em 1962, já com o capitão Bellini no time, o Tricolor; no ano seguinte, além de um novo vice-campeonato, dá uma grande alegria à sua torcida, talvez a maior em todos aqueles anos. Em noite de gala, goleia o Santos de Pelé por 4 a 1. Só não foi de mais porque Aparecido, Pepe e Dorval forçaram um "cai-cai" e o adversário abandonou o campo aos 8 minutos do segundo tempo. A grande estrela daquele dia foi justamente um ex-astro santista, o atacante Pagão, que já em final de carreira defendia o Tricolor.

Entre 1964 e 1966 o São Paulo estaciona no quinto lugar, e seu torcedor só volta a viver fortes

Finalmente, o tabu chega ao seu final

❖❖❖ Foram quase 13 anos longe da taça de campeão paulista, com apenas uma chance de se aproximar dela, desperdiçada em um jogo extra contra o Santos de Pelé, em 1967. Mas valeu a pena esperar. Além de finalmente campeão com essa vitória sobre o Guarani, o São Paulo montava um time de respeito, cuja base daria muitas alegrias na década seguinte. E com o Morumbi servindo de palco.

1 GUARANI

2 SÃO PAULO

GUARANI: Pérez, Wilson, Cidinho, Tininho (Guassi) e Ferrari (Cido); Hélio e Milton; Vágner, Capelozza, Vanderlei e Caravetti. **Técnico:** Armando Renganeschi

SÃO PAULO: Sérgio, Forlán, Jurandir, Roberto Dias e Gilberto (Tenente); Édson e Nenê; Paulo, Terto (Benê), Toninho e Paraná. **Técnico:** Zezé Moreira

Data: 09/09/1970; **Estádio:** Brinco de Ouro da Princesa (Campinas, SP); **Juiz:** Armando Marques; **Gols:** Toninho 27 e Paulo 34 do 1º; Vágner 22 do 2º

Brasil em todos os tempos, vindo do Botafogo e titular absoluto da seleção brasileira tricampeã mundial na primeira Copa disputada no México, naquele ano mesmo de 1970. Vieram também Toninho Guerreiro, um infernal artilheiro do Santos; Forlán, lateral-direito do Peñarol, de Montevidéu; e o polivalente Édson, do Corinthians. Em 25 de janeiro de 1970, o

Com o reforço do craque de bola Gérson, o São Paulo voltou às vitórias com o estádio do Morumbi pronto

Morumbi era completamente inaugurado contra outro time português, o Futebol Clube do Porto, atual campeão mundial interclubes. Dessa vez, houve empate em 1 a 1. Menos de oito meses depois, o São Paulo saía de campo enfim com o título paulista, graças à vitória por 2 a 1 sobre o Guarani de Campinas. Gérson, o grande astro da equipe, não pôde jogar, pois estava com a perna quebrada, mas comemorou do banco. Terminava ali um dos períodos mais difíceis da história tricolor e o melhor de tudo: o estádio dos sonhos são-paulinos estava pronto e dando nova sorte ao time.

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Que mesmo se o São Paulo tivesse vencido o Corinthians, na última rodada do Paulista de 1967 (foi 1 a 1), ainda teria que esperar por uma decisão da Justiça antes de soltar o grito de "é campeão" que estava preso havia dez anos? É que o Santos tinha um recurso para tentar ganhar um ponto perdido contra o Comercial, em Ribeirão Preto, que também terminou empatada em 1 a 1. Depois, os santistas acabaram abrindo mão desse direito para jogar a partida-desempate com o São Paulo, de olho na renda e botando fé em suas maiores chances de vitória. E não se arrependeram.

emoções no final de 1967. Para reaver o título perdido havia dez anos, o Tricolor só precisava bater o já eliminado Corinthians na última rodada do Paulista. E vinha fazendo isso até os 44 minutos do segundo tempo, com um gol do meio-campo Lourival, quando o atacante corintiano Benê apareceu para empatar o jogo. Com o resultado, o São Paulo teve que disputar um jogo extra contra o Santos. Acabou perdendo a partida (e o título) por 2 a 1.

Mais dois anos de agonia, com um quarto lugar, em 1968, e um terceiro, em 1969, e pronto: o São Paulo estava preparado para novos tempos. Ainda no final de 1969, o clube traz Gérson, um dos maiores jogadores do



1970: GILBERTO, SÉRGIO, EDSON, ROBERTO DIAS EM PÉ; PAULO, TERTO E TONINHO GUERREIRO SENTADOS

ERA MORUMBI 1970 A 1989



CAMPEÕES DE 1975: WALDIR PERES, GILBERTO, ARLINDO, PARANHOS, CHICÃO E NÉLSON; TERTO, MURICY, SERGINHO, PEDRO ROCHA E ZÉ CARLOS (SENTADOS)

De Gérson aos Menudos

Com seu estádio concluído, o São Paulo volta a conquistar títulos, tanto paulistas quanto brasileiros. E os seus esquadões não foram poucos



OSCAR, GILMAR, BERNARDO, DARÍO PEREYRA, ZÉ TEODORO E NELSON; MULLER, SILAS, CARECA, PITA E SIDNEY: TIME DE 86 LEVANTOU O SEGUNDO TÍTULO BRASILEIRO

O ano de 1970 marcou a volta definitiva do São Paulo ao panteão dos grandes do futebol brasileiro. O caixa do clube enfim estava livre para novas contratações. Com o Morumbi concluído, o clube ganhava em arrecadação e alugava o novo e monumental estádio para jogos dos rivais. Era hora de abrir os cofres e voltar a conquistar títulos, mantendo acesa a tradição vencedora do São Paulo e lembrando a Era de vitórias comandadas por Leônidas da Silva nos anos 40, quando o time dominou o futebol paulista com autênticos esquadrões tricolores.

Com o Morumbi enfim pronto, o Tricolor voltou a ter dinheiro para craques como Gérson e Pedro Rocha

Assim, o clube foi buscar dois reforços no vizinho Uruguai. Para a lateral-direita, chegou Pablo Forlán, um jogador forte e viril, incansável na marcação e por vezes até violento, mas que imediatamente caiu no gosto do torcedor são-paulino. No meio-campo, o comandante era o clássico Pedro Rocha, um armador com visão de jogo e boa chegada à área, digno de elogios até mesmo do "Rei" Pelé por sua enorme capacidade técnica e facilidade em fazer gols.

Além disso, lá estava o craque Gérson, que se tornaria tricampeão mundial pela Seleção Brasileira no México já como jogador tricolor, e o centroavante Toninho Guerreiro, tricampeão

NÚMEROS

Do jejum ao Morumbi

3 →

títulos paulistas o Tricolor conquistou na década de 70, em 1970/71 (bi) e em 1975, derrotando a Portuguesa na final.

Páreo duro

10 →

pontos a menos que o Atlético-MG o São Paulo marcou no Brasileiro de 1977. Mas foi campeão vencendo nos pênaltis.

Fora de casa

40 →

mil pessoas estavam no Brinco de Ouro quando o São Paulo conquistou o Brasileiro de 1986, em cima do Guarani.

em Pelé Tricolor 1985

paulista pelo Santos em 1967/68/69 e que ganharia um pentacampeonato particular em 1970/71 com a camisa tricolor. Esse time não teve grandes dificuldades para reconquistar o estadual. Afinal, era, enfim, um time forte montado pelo São Paulo Futebol Clube.

A conquista do bi foi mais emocionante. O São Paulo disputou o título palmo a palmo com o Palmeiras, e chegou à última rodada com um ponto de vantagem sobre o rival, a quem enfrentaria em um confronto direto. O Tricolor venceu por 1 a 0 e ficou com o título em jogo polêmico, marcado pelo erro de arbitragem do

Em 1980, a diretoria montou um time que era uma Máquina. Resultado: mais um bi paulista do tricolor

juiz Armando Marques, que anulou um gol de cabeça do palmeirense Leivinha por ter sido supostamente marcado com a mão. Reclamações à parte, o Tricolor, a quem bastaria o empate, não tinha nada a ver com a história e apenas comemorou a conquista de mais um troféu de campeão paulista em sua história.

Ainda em 1971, o São Paulo ficou marcado por ter levado o primeiro gol da história do Campeonato Brasileiro, feito pelo argentino Scotta na derrota por 3 a 0 para o Grêmio. Mas o Tricolor superou o tropeço inicial e chegou ao triangular decisivo, com Atlético Mineiro e Botafogo. O time perdeu por 1 a 0 para os

Futebol por música

●●● O Menudo era uma febre mundial em meados da década de 80. Cinco porto-riquenhos que vendiam milhões de discos graças à música dançante e ao rebolado dos jovens dançarinos. No Brasil não era diferente. Mas, ao mesmo tempo, outros menudos começavam a brilhar em outro palco: os campos de futebol. No Paulista de 1984, o São Paulo vivia uma fase irregular quando o técnico Cilinho começou a dar espaço para alguns garotos que vinham do time júnior, como o meia Silas e os atacantes Müller e Sídney. Do Menudo, aquela safra de jogadores tinha em comum a pouca idade, que não impedia jogadas de precisão, dignas de veteranos. O time tinha ainda Careca, chegado do Guarani desde 1983 mas que só começou a se entrosar naquela temporada. Em 1985, o time terminou o Brasileiro numa modesta 28ª

posição, mas saiu de campo aplaudido em uma partida contra o Grêmio que perdia por 2 a 0 mas conseguiu buscar um empate heróico em 2 a 2. "A torcida está chamando o Cilinho de burro, mas esse time que ele está formando ainda vai dar muito o que falar", profetizava o então técnico do Grêmio, Rubens Minelli. Já no Paulista seguinte, o Tricolor bateu a Lusa, que tinha um de seus melhores times em todos os tempos, do hábil meia Edu Marangon e o rápido atacante Luís Müller. O São Paulo foi melhor e venceu os dois jogos da final: 3 a 1 e 2 a 1. A consagração dos Menudos, contudo, seria no Brasileiro seguinte, decidido em 1987 contra o Guarani. O time estava em desvantagem até os 14 minutos do segundo tempo da prorrogação, e empatou a partida em 3 a 3 com um gol sensacional marcado pelo grande artilheiro Careca.

Com a cabeça ou a mão, é o campeão

❖❖❖ A última rodada do Paulista de 1971 teve uma decisão entre São Paulo e Palmeiras. O Tricolor abriu o placar na e suportou a pressão palmeirense. No segundo tempo, Leivinha marcou de cabeça, mas o árbitro Armando Marques anulou marcando toque de mão. Mas o empate ainda daria o bi ao São Paulo, que no turno batera o rival por 2 a 1.

SÃO PAULO PALMEIRAS

SÃO PAULO: Sérgio, Forlán, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson, Gérson e Pedro Rocha (Carlos Alberto); Terto, Toninho e Paraná. **Técnico:** Oswaldo Brandão.

PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Minuca e Dé; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, César e Pio (Fedato). **Técnico:** Mário Travaglini.

Data: 27/06/1971; **Local:** Morumbi (São Paulo, SP). **Juiz:** Armando Marques (SP); **Gol:** Toninho Guerreiro 6 minutos do 1º tempo.



ACLASSE DE PITA ENTORTA OS RIVAIS: O JOGADOR FOI O CÉREBRO QUE COMANDOU O TRICOLOR DOS ANOS 80

mineiros e goleou os cariocas por 4 a 1. Ficou na dependência de uma vitória do Botafogo no último jogo, mas o Galo marcou 1 a 0 e o São Paulo ficou com o primeiro vice nacional de sua história, que deu vaga para a Libertadores.

Em 1972, o sonho era o tricampeonato paulista. De novo o adversário foi o Palmeiras, mas desta vez a situação se inverteu: o rival chegou ao clássico da última rodada (em que ambos estavam invictos) com um ponto de vantagem, segurou o empate sem gols e

“Todo muito achava que o Atlético seria campeão; nós éramos a zebra, mas ganhamos no Mineirão”

CHICÃO, SOBRE A FINAL DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1977, QUE O SÃO PAULO CONQUISTOU NOS PÊNALTIS

impediu o tri do São Paulo pela terceira vez - as outras haviam sido em 1947 e em 1950. Em sua estréia internacional, o Tricolor chegou a um dos triangulares semifinais da Libertadores, mas acabou eliminado pelo Independiente, da Argentina, que seria o campeão.

O mesmo Independiente voltaria a ser obstáculo das glórias tricolores dois anos depois. O São Paulo voltou à Libertadores em 1974 como vice-campeão brasileiro do ano anterior, derrotado na decisão pelo Palmeiras. Classificou-se às semifinais, onde eliminou Millonarios, da Colômbia, e Defensor, do Peru.

Na primeira partida da decisão, o São Paulo bateu os argentinos por 2 a 1, no Pacaembu. Fora de casa, perdeu de 2 a 0, o que levou a finalíssima para Santiago. Lá, o Independiente mostrou por que era a grande força da América do Sul e a base da seleção argentina: com muita raça e catimba, venceu por 1 a 0 e faturou o sexto título da Libertadores, o terceiro consecutivo - no ano seguinte, seria campeão ainda outra vez, feito até hoje não igualado. Zé Carlos perdeu um pênalti para o São Paulo que poderia ter mudado o destino da taça.

Naquela decisão, o São Paulo já não tinha Gérson e Toninho Guerreiro, mas se reforçara com o rápido atacante Mirandinha, vindo do Corinthians, e um tanque no meio-campo, o volante Chicão. Também já vestia o uniforme tricolor o goleiro Waldir Peres, que se tornaria, em um período de dez anos, o jogador com maior número de jogos pelo Tricolor. No ano seguinte, o time contratou o centroavante Serginho Chulapa, que viria a ser o maior artilheiro com a camisa do São Paulo. Logo de cara, ele ajudou o Tricolor a reconquistar o campeonato paulista, numa final contra a Portuguesa que seria definida apenas na cobrança de pênaltis.



O ZAGUEIRO OSCAR PROTEGE A BOLA CONTRA O PALMEIRAS, EM 1985: UM DOS MAIORES ZAGUEIROS DO BRASIL

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Queo craque Falcão, apesar de contratado a peso de ouro, assistiu a boa parte da campanha do título paulista de 1985 do banco de reservas? O esforçado volante Márcio Araújo entrou em algumas partidas e convenceu Cilinho de que seria mais útil na posição. Do alto de sua elegância, Falcão aceitou a reserva, retomou a posição e, logo após a Copa do Mundo de 1986, se aposentou.

Dois anos depois, chegaria a hora de o Tricolor conquistar seu primeiro título brasileiro. Nas semifinais, o adversário foi o surpreendente Operário de Campo Grande (Mato Grosso do Sul), que eliminara o Palmeiras na fase anterior, mas não foi páreo para o São Paulo. A decisão foi contra o Atlético Mineiro, que estava invicto e tinha, pela melhor campanha, o direito de mandar a única partida da decisão. O atleticano Reinaldo e o são-paulino Serginho, principais artilheiros, estavam suspensos. Após uma guerra de nervos criada pelos dirigentes do Tricolor, nenhum dos dois de fato entrou em campo. Nem o futebol: o jogo foi duro, com poucas chances de gol, e o 0 a 0 se tornou inevitável. Numa ainda mais nervosa disputa de pênaltis, em que brilhou a estrela de Waldir Peres, que catimbou antes de todas as cobranças dos jogadores atleticanos. E o São Paulo venceu por 3 a 2 para ficar com a taça.

HISTÓRIAS REAIS



No futebol e também na experiência

● ● ● A decisão do Brasileiro de 1977 foi catimbada desde alguns dias antes. Os dois artilheiros, Reinaldo e Serginho, estavam suspensos. Mas o técnico do São Paulo, Rubens Minelli, resolveu levar seu centroavante para o Mineirão, e passou a semana dizendo que o Tricolor conseguiria na Justiça a liberação do camisa 9. Serginho viajou com o elenco, chegou ao Mineirão e participou até do aquecimento, de uniforme e tudo. A diretoria do Atlético, assustada, fez mesmo às pressas com Reinaldo. Tudo jogo de cena. Sem os dois artilheiros, o jogo, violento, se arrastou sem gols por 120 minutos. Nos pênaltis, foi a vez de Waldir Peres virar o mestre da catimba. O goleiro importunou os atleticanos antes de cada cobrança. Acabou forçando os erros de Toninho Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio, e saiu como herói do primeiro título brasileiro do São Paulo Futebol Clube.

No começo dos anos 80, a diretoria do São Paulo começou a montar um novo time, que viria a ser conhecido como "Máquina Tricolor". O meio-campista uruguaio Darío Pereyra foi recuado para a zaga, ao lado de Oscar, contratado do Cosmos, dos Estados Unidos, para dar lugar ao volante Almir e aos meias Heriberto e Renato no meio do campo. O pontesquerda Zé Sérgio fechava o esquadrão, que conquistou o título paulista de 1980 com duas vitórias sobre o Santos. O bi viria contra a Ponte Preta, com outros craques, como o lateral-esquerdo Marinho Chagas e o meia e pontesquerda Mário Sérgio. E entre as duas glórias

A música do Menudo virou mania mundial. No Brasil, porém, "Menudos" bons eram os do São Paulo

paulistas, o Tricolor ficou com mais um vice brasileiro, derrotado pelo Grêmio duas vezes na final - 2 a 1 em Porto Alegre, 1 a 0 no Morumbi. O tri paulista não veio, desta vez impedido pelo Corinthians e sua Democracia. Em 1983, nova derrota para os alvinegros na decisão. O Tricolor vivia a transição para um novo time de craques.

Conduzido pelo técnico Cilinho, um grupo de jovens reforçado pelo artilheiro Careca, contratado junto ao Guarani, e pelo habilidoso meia Pita, trazido do Santos, começou a aparecer entre o Paulista de 1984 e o Brasileiro de 1985. O time terminou em quarto lugar no

Nova "Máquina", em sua versão paulista

●●● O termo "Máquina tricolor" apareceu pela primeira vez nos anos 70 e se referia ao Fluminense, bicampeão carioca com craques como Gil e Rivellino. A diretoria de São Paulo seguiu o exemplo e trouxe o apelido para o outro lado da Dutra em 1980, quando formou o time em que 9 dos 11 titulares tinham passagem pela Seleção Brasileira - o 10º era o uruguaio Darío Pereyra e o 11º o volante Almir, único que jamais defendeu qualquer seleção nacional. O meia Renato, que ganhou o apelido de "Pé Murcho" por, teoricamente, não ser bom finalizador, era o cérebro da equipe, que ganhou dois títulos paulistas e só perdeu o Brasileiro porque o Grêmio tinha o centroavante Baltazar em grande fase. Curiosamente, Renato, que já havia sido campeão brasileiro pelo Guarani em 1978, encerraria a carreira anos depois, no Atlético-MG, jogando como centroavante.

estadual e foi eliminado precocemente no nacional, mas mostrou alguns lampejos. Eram chamados de "Menudos", em referência ao grupo musical de adolescentes porto-riquenhos que estourava nas paradas de sucesso da época. Müller e Silas, dois dos principais jogadores do time, lideraram o Brasil na conquista do Mundial de Juniores de 1985, na União Soviética, e voltaram embalados para conquistar o Paulista de 1985. O time tinha ainda o jovem e hábil ponta-esquerda Sidney e até mesmo um reserva de luxo, o craque Falcão, que voltava da Itália após cinco vitoriosos anos na Roma, mas lutava pela posição com Márcio Araújo. O São Paulo eliminou o Guarani nas semifinais e derrotou duas vezes a Portuguesa na decisão para ficar com o título.

No ano seguinte, Cilinho saiu e Falcão também. O time não chegou às semifinais do Paulista, mas para o Brasileiro contratou o técnico Pepe, que comandara a surpreendente campeã paulista Inter de Limeira. A própria Inter, aliás, foi vítima do Tricolor nas oitavas-de-final. Os cariocas Fluminense e América caíram em seguida. O Guarani foi o rival da épica decisão, disputada já em fevereiro de 1987. A primeira partida, no Morumbi, terminou 1 a 1. No jogo de volta, o mesmo placar estava estampado com 10 minutos de jogo, e assim

Pênaltis garantem mais um Brasileiro

❖❖❖ A decisão de 1986 teve 210 minutos de bola rolando, seis gols e emoção para cardíaco nenhum botar defeito. O gol de Careca no minuto derradeiro foi o fecho de ouro para uma final alucinante e acendeu o São Paulo para a vitória nos pênaltis, como em 1977.

3 SÃO PAULO
3 GUARANI

SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wagner Basílio, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidney (Rômulo). **Técnico:** Pepe.

GUARANI: Sérgio Néri; Marco Antônio, Ricardo, Valdir Carioca e Zé Mário; Tite (Vagner), Tosin e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. **Técnico:** Carlos Gainete.

Data: 25/02/1987; **Local:** Brinco de Ouro (Campinas, SP); **Juiz:** José de Assis Aragão (SP); **Gols:** Nelsinho (contra) 2 e Ricardo Rocha (contra) 9 do 1º; Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1º da prorrogação; João Paulo 5 e Careca 14 do 2º da prorrogação; **Nos pênaltis:** São Paulo 4 (Darío Pereyra, Rômulo, Fonseca e Vagner) x Guarani 3 (Tosin, Valdir Carioca e Evair). Careca, Marco Antônio Boiadeiro e João Paulo perderam suas cobranças.



O TIME DE 1985, COM FALCÃO: MÁRCIO ARAÚJO, OSCAR, GILMAR, FALCÃO, DARÍO PEREYRA, NELSINHO E ZÉ TEODORO (EM PÉ); MÜLLER, SILAS, CARECA E SÍDNEY



MULLER É MARCADO POR RICARDO ROCHA NA FINAL DO BRASILEIRO DE 1986, DISPUTADA EM FEVEREIRO DE 1987, CONTRA O GUARANI: FINAL HISTÓRICA EM CAMPINAS

permaneceu até o fim dos 90 minutos regulamentares. Já na prorrogação saíram quatro gols. O São Paulo saiu na frente e permitiu a virada. Careca empatou com uma bomba, praticamente sem ângulo, a segundos do fim do segundo tempo extra. Careca levou o jogo para a decisão por pênaltis e garantiu a artilharia, com 25 gols, um a mais que o bugrino Evair. Nas penalidades, de novo deu Tricolor.

Careca foi embora meses depois para ser escudeiro de Maradona no Napoli, da Itália. Pepe saiu, Cilinho voltou e os "menudos" ainda tiveram tempo de conquistar o Paulista de 1987. A Libertadores não passou de um sonho, com derrotas para os chilenos Cobreloa e Colo-Colo. Até o final da década, o São Paulo conquistaria ainda mais um Campeonato Paulista, o de 1989, completando o quinto título estadual entre dez disputados na época. Mas a torcida sabia que a glória sul-americana, que no fundo era o que interessava, tratava-se apenas de uma questão de tempo para alcançá-la.

BATE BOLA

CHICÃO,
volante campeão
brasileiro em 1977



● **Qual foi a melhor equipe de que você participou em oito anos no São Paulo?**

Nesse período as equipes foram mudando muito, mas o time que marcou foi o do título brasileiro contra o Atlético Mineiro. O clube já buscava esse título havia muito tempo. Eu joguei com Pedro Rocha e Forlán, mas o que time que realmente marcou foi o de 1977.

● **Você lembra de muitos detalhes da final contra o Atlético Mineiro?**

Naquele jogo, a pressão foi muito grande desde que chegamos a Belo Horizonte, para

treinar na Toca da Raposa (concentração do Cruzeiro). A estratégia do Minelli, de levar o Serginho, foi muito boa. E, durante a partida, sempre fomos melhores. Todo mundo achava que o Atlético ia ser campeão, nós éramos as zebras, mas jogamos melhor, fomos mais time.

● **Mas você saiu de campo com fama de violento. Teria até quebrado a perna do atleticano Ângelo naquele jogo do Mineirão.**

Foi um lance no fim da prorrogação. O nosso lateral Getúlio, que já tinha jogado no Atlético, disse para termos cuidado com o Ângelo, que sempre chegava duro nas divididas. Então ele teve um choque com o Neca, que acertou o joelho dele. Eu achei que fosse cera, e mandei o Ângelo levantar, só pisei no pé dele. O resto foi coisa da diretoria do Atlético, que fez isso para desviar a atenção pela perda do título em pleno Mineirão.

ERA MUNDIAL DE 1989 A 1993



DUPLA EM ASCENSÃO: CAFU PROTEGE A BOLA DO JOVEM EDILSON, EM UM DOS TANTOS SÃO PAULO X PALMEIRAS QUE MARCARAM O INÍCIO DA DÉCADA DE 90

Novos anos de ouro

Vinte anos de sua primeira participação na Libertadores, o São Paulo enfim ficou com a taça. Era só um começo de um ciclo de conquistas



SÃO PAULO 3 X 0 BOTAFOGO, MORUMBI, EM 20 DE ABRIL DE 1980: A VITÓRIA SÃO-PAULINA VEM COM 2 GOLS DE SERGINHO CHULAPA E UM DO LATERAL-DIREITO GETÚLIO

Os "Menudos" do São Paulo se separaram no fim dos anos 80. Silas e Müller foram para a Europa, Sidney caiu de produção e foi vendido para o Flamengo, onde também não conseguiu se destacar, enquanto Careca já estava no Napoli. Mesmo assim, o São Paulo conseguiu fechar a década de 90 com mais um título paulista, o de 1989. O time bateu o São José na final por 1 a 0, com um gol contra do zagueiro André Luiz. Na semifinal, havia eliminado o Bragantino, responsável pela principal zebra da temporada: batera o Palmeiras, que tinha sofrido apenas

Presente em três finais consecutivas de Brasileirão, o São Paulo chegaria ao terceiro título em 1991

uma derrota, e que viria a ficar com o título paulista na temporada seguinte. Campeão com campanha irregular, o São Paulo ratificou com essa conquista a condição de "time de chegada": jogava o gasto para se classificar nas fases eliminatórias e dava tudo de si na decisão. No mesmo ano, o time chegou à decisão do Campeonato Brasileiro, mas foi superado pelo Vasco da Gama, em pleno Morumbi, por 1 a 0.

O ano de 1990 começou como uma espécie de purgatório. O time fez péssima campanha na primeira fase do Paulista e não ficou nem entre os doze primeiros colocados. Teve de disputar uma repescagem, durante a Copa do Mundo,

NÚMEROS

Taças e mais taças

6 →

títulos o São Paulo ganhou em 1992/93: duas Libertadores, dois Mundiais, o Paulista de 1992 e a Supercopa no ano seguinte

Campanhas de campeão

22 →

jogos o Tricolor disputou nas Libertadores que venceu: 12 vitórias, 5 empates e 5 derrotas, 33 gols marcados e 15 sofridos

Pênaltis decisivos

1 →

decisão nos pênaltis o São Paulo disputou nas Libertadores de 1992/93: na final de 1992, contra o Newell's Old Boys

para conseguir disputar a fase final. Ficou atrás do Botafogo e fora da disputa pelo título. No Brasileiro, sem mostrar um grande futebol, conseguiu chegar novamente até a final, mas não resistiu ao embalo do Corinthians, que, liderado por Neto, conquistou seu primeiro título brasileiro vencendo a partida decisiva, novamente no Estádio do Morumbi, com um gol marcado pelo meio-campo Tupazinho.

O Brasileiro de 1990, no entanto, é um marco para a história do Tricolor. Foi durante essa competição que o time passou a ser treinado por Telê Santana, que num curto prazo de dois

O time venceu o Palmeiras duas vezes e foi campeão paulista. Entre as partidas, foi a Tóquio e bater o Barça

anos se tornaria o mais vitorioso treinador são-paulino em todos os tempos. Ele assumiu o cargo no lugar do uruguaio Forlán, ex-lateral-direito do clube nos anos 70, e só deixaria o posto mais de cinco anos depois. Um período marcado por sucesso e títulos inéditos na gloriosa história do São Paulo Futebol Clube.

O primeiro título de Telê foi o Brasileiro de 1991. A decisão seria contra o Bragantino, que aparecia como sensação, campeão paulista e endurecendo os confrontos contra equipes tradicionais. O time de Bragança Paulista ensaiava sua entrada no clube dos grandes. a conquista do ano anterior acontecera sob a

Com uma "ajuda" superior

●●● A trajetória do São Paulo em Tóquio foi marcada, nas duas vitórias, por gols no mínimo estranhos. Parecia que os astros conspiravam para o sucesso tricolor. Contra o Barcelona, em 1992, o time saiu atrás no marcador, gol do búlgaro Stoichkov. Foram 13 minutos de sofrimento até que Müller fez boa jogada pela esquerda, driblou o defensor Ferrer e cruzou. Raí, que havia iniciado o lance, entrou correndo e tocou com a barriga na bola. O empate estava decretado. Na segunda etapa, o gol de Raí foi mais do que consciente: uma cobrança de falta com tanta classe e categoria que o goleiro Zubizarreta mal se mexeu. Após o gol, Raí foi festejar com Telê, o primeiro treinador são-paulino a confiar em seu talento. Contra o Milan, o Tricolor esteve sempre à frente. Palhinha abriu o placar na primeira etapa, o francês Papin empatou logo no início segundo tempo. Pouco depois, o

Tricolor empatou com Toninho Cerezo, que depois ganharia um carro como melhor jogador da decisão. A vantagem tricolor durou 22 minutos, até que Massaro igualou novamente o placar. Aos 41 minutos, quando todos já esperavam a prorrogação, um lançamento longo veio com destino à defesa do Milan. Müller insistiu e foi marcar a saída de bola rival. O goleiro Rossi saiu do gol e o zagueiro Costacurta tentou afastar com um chute. Müller virou, inconscientemente, mas a bola bateu em seu calcanhar e foi morrer lentamente no gol italiano. "Para você, seu palhaço", disse o ex-Menudo ao zagueiro, seu desafeto nos tempos em que atuou no Torino. O Tricolor era bicampeão do mundo, e, mais uma vez, contava com a ajuda de um gol meio que "sem querer". Coisas do destino.

O início de tudo em Bragança

❖❖❖ A vaga para a Libertadores foi assegurada com o título brasileiro de 1991. Após dois vices nos anos anteriores, o Tricolor chegava como favorito. No jogo de ida, venceu por 1 a 0, gol de Mário Tilico. Na finalíssima, o técnico Telê deixou de lado sua cartilha ofensiva para encher o time de volantes e segurar o empate que garantia o título.

0 SÃO PAULO

0 BRAGANTINO

SÃO PAULO: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldão, Bernardo, Cafu e Raí; Macedo e Müller (Flávio). **Técnico:** Telê Santana.

BRAGANTINO: Marcelo, Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Sílvio e Mazinho Oliveira. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira.

Data: 09/06/1991; **Local:** Estado Marcelo Stéfani (Bragança Paulista-SP); **Juiz:** José Roberto Wright



RAÍ ORIENTA UM JOVEM CAFU NA FINAL DA LIBERTADORES DE 92: O SÃO PAULO DE TELÊ CONQUISTA A AMÉRICA

batuta de Vanderlei Luxemburgo, mas o time na decisão nacional diante dos são-paulinos já era treinado por Carlos Alberto Parreira, que o trocaria pela seleção brasileira semanas depois para levá-la ao tetracampeonato mundial. No jogo de ida, o Tricolor venceu por 1 a 0, com gol do ponta Mário Tilico. Na partida de volta, Telê jogou um balde de água fria naqueles que elogiavam sua vocação para o futebol ofensivo: escalou um time com três volantes, prendeu o Bragantino no meio-campo e conquistou o título. Estava aberto o caminho para o "Projeto Tóquio", preparado pela diretoria tricolor desde

"Essa é pra você, seu palhaço"

FRASE DE MÜLLER PARA O ITALIANO COSTACURTA, DO MILAN, APÓS MARCAR O GOL DO TÍTULO MUNDIAL DE 1993

1987, mas frustrado pelas derrotas nas decisões anteriores do Brasileiro – desde 1989, com a criação da Copa do Brasil, apenas o campeão nacional passou a se classificar para o torneio sul-americano. Era nada mais, nada menos que a terceira decisão de campeonato nacional consecutiva com a participação do São Paulo, que após amargas dois vices, finalmente, tinha reconquistado o título, o terceiro de sua história no Brasileirão, somando-se aos de 1977 e 1986.

Como "treino", o Tricolor faturou o Paulista de 1991. Por causa da fraca campanha no ano

anterior, o time foi colocado num grupo mais fraco, espécie de "Segunda Divisão" não oficial, por causa da má campanha no ano anterior, e que classificava menos times para a fase final. Telê aproveitou o baixo nível dos adversários para acertar, já de olho na Copa Libertadores do ano seguinte. Embalado, o time passou por Palmeiras, na fase semifinal, e derrotou o Corinthians, na decisão. Campeão paulista em ritmo de treino, tamanha a sua superioridade.

No ano seguinte, o São Paulo pôs o "Projeto Tóquio" em andamento. O elenco foi inchado, para permitir que o time disputasse jogos a cada dois dias – eventualmente dois no mesmo dia, como viria a acontecer em 1993. Na estréia na Libertadores, o Tricolor perdeu do Criciúma por 3 a 0. Dias depois, pelo Brasileiro, foi goleado por 4 a 0 pelo Palmeiras. A seqüência, porém, não assustou Telê nem a diretoria. Na altitude de Oruro, na Bolívia, o principal fantasma da primeira fase, o time bateu o San Jose por 3 a 0. Classificou-se sem dificuldade para as oitavas-de-final. Depois, eliminou Nacional, do Uruguai, Criciúma e Barcelona, do Equador. Na decisão, o adversário era o Newell's Old Boys, da Argentina. Derrotado por 1 a 0 no jogo de ida, em Rosário, o Tricolor devolveu o placar



LEONARDO MARCA O ZAGUEIRO COSTACURTA, OBSERVADO PELO LATERAL PANUCCI: É HORA DO BI MUNDIAL

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Que Luiz Inácio Lula da Silva disputaria a eleição presidencial no dia seguinte à decisão do Brasileiro de 1989, entre São Paulo e Vasco. Corintiano, o futuro presidente disse abertamente que torceria pelo Vasco, e resolveu ir à partida. Assim que chegou ao Morumbi, Lula foi vaiado pela torcida são-paulina. Acabou indo embora antes do fim do jogo e não viu sua torcida anti-Tricolor dar resultado.

no Morumbi e ficou com o título após a cobrança de pênaltis. Brilhou a estrela do goleiro Zetti, que defendeu três cobranças. Enquanto isso, no Campeonato Brasileiro, o time ficou a um ponto da classificação para a quarta decisão seguida, perdendo, assim, a vaga para o Flamengo, que ficaria com o título.

O segundo semestre foi voltado à preparação para enfrentar o Barcelona, campeão europeu, em Tóquio. A equipe se reforçou com o veterano volante Toninho Cerezo, e mais uma vez usou o Paulista como preparação. E, mais uma vez, ficou com o título. O adversário foi o Palmeiras, que vinha em busca do primeiro título após 15 anos, embalado pelos investimentos da recém-iniciada parceria com a Parmalat. Na primeira partida, numa tarde de sábado, o São Paulo venceu por 4 a 2. Na segunda...

Bem, antes disso, chegou a hora da tão esperada viagem a Tóquio. O primeiro jogo da final

HISTÓRIAS REAIS



Vascaínos pediam: "Entrega! Entrega!"

● ● ● Mesmo com a atenção voltada à Libertadores, o São Paulo se classificou para a semifinal, num grupo com Flamengo, Vasco e Santos em 1992. Na última rodada, o Tricolor pegava o Vasco e o Santos enfrentava o Flamengo, os dois jogos no Rio. Os quatro times tinham chances de classificação. O São Paulo precisava de uma vitória simples; o Vasco tinha de vencer e torcer por empate na outra partida. O Vasco abriu 3 a 0 diante de um extenuado São Paulo. Mas, assim que soube que o Flamengo vencia o Santos por 3 a 1, no Maracanã, assegurando a vaga na decisão, a torcida vascaína passou a pedir ao time que entregasse o jogo para o São Paulo, para evitar a classificação do rival. O coro de "Entrega! Entrega!" encheu as arquibancadas de São Januário. Mas a "torcida" tricolor improvisada não adiantou: o jogo ficou nos 3 a 0 mesmo.

do Paulista foi antecipado para sábado para dar ao elenco um dia a mais de adaptação ao fuso horário. O time venceu o Palmeiras e embarcou na mesma noite para o Japão. Após 24 horas de viagem, treinos, para aumentar o cansaço e, conseqüentemente, o sono. Durante a preparação, a imprensa japonesa cercou o time para saber quem era aquele desconhecido time brasileiro. O Barcelona era encarado como favorito, condição assumida pelo seu treinador, o holandês Johann Cruyff, o mesmo que, camisa 14 às costas, encantara o mundo no comando da "Laranja Mecânica", grande sensação da Copa do Mundo de 1974.

Virou comum na época a frase: "Torcer para o São Paulo é uma grande moleza". Era mesmo

Em campo, porém, o São Paulo não deu bola para o favoritismo e ficou com a taça depois da vitória por 2 a 1, de virada. Na volta, o time ainda teve fôlego para derrotar de novo o Palmeiras, 2 a 1, numa tarde de muita chuva, e ficar com o bicampeonato estadual. Era uma rotina de conquistas que deixava a torcida eufórica.

Em 1993, o Projeto Tóquio foi mantido. A tarefa na Libertadores era relativamente mais fácil, já que o São Paulo, como atual campeão, entraria apenas nas oitavas-de-final. O primeiro adversário foi o Newell's Old Boys, que novamente não resistiu à força tricolor. O Flamengo e

Jogo no Morumbi em plena Copa do Mundo

●●● Com má campanha na primeira fase do Paulista de 1990, o São Paulo teve de disputar a repescagem para tentar uma vaga na etapa decisiva. Os 12 times foram divididos em dois grupos de seis, que se enfrentavam em turno e retorno, classificando-se os campeões de cada uma das chaves. Os jogos foram disputados simultaneamente à Copa do Mundo da Itália. O que a Federação Paulista de futebol esqueceu foi de ver se a tabela não se chocava com os jogos do Brasil. Então, no mesmo dia e horário em que a seleção de Lazaroni enfrentava a Escócia, o São Paulo recebia o Noroeste para um jogo decisivo no Morumbi. Pouco mais de 1.000 testemunhas foram ao estádio para ver o Tricolor golear o time de Bauru por 6 a 1, pela última rodada. Esforço inútil: o Botafogo empatou com a Internacional de Limeira e ficou com a vaga.

o Cerro Porteño, do Paraguai, foram as vítimas seguintes. Na decisão, o adversário era a Universidad Católica, do Chile. O primeiro jogo foi no Morumbi. E nem parecia final de Libertadores, mas aqueles longínquos jogos de repescagem no Paulista: 5 a 1 para o Tricolor, que praticamente assegurava o bicampeonato sul-americano. No jogo de volta, os dois gols da "U" no primeiro tempo não assustaram o Tricolor, que segurou o placar contrário de 2 a 0 e festejou o título com a tranquilidade de quem havia acumulado uma enorme vantagem na partida de ida, no seu próprio estádio.

Para completar o semestre, faltou apenas o tri paulista. Mas a tão sonhada conquista acabou em segundo plano, e o título ficou com o Palmeiras, que enfim saía da fila de quase 17 anos, já contando com o apoio da Parmalat.

No São Paulo, chegava ao fim uma Era: Raí jogou a decisão já vendido para o Paris Saint-Germain, da França. Para seu lugar, chegava Leonardo, que havia passado pelo clube com sucesso alguns anos antes. Tudo mudava para ficar igual: no segundo semestre, enquanto se preparava para enfrentar o Milan em Tóquio, o time conquistava o título da Supercopa Libertadores, numa eletrizante decisão contra o Flamengo, com vitória nos pênaltis graças à cobrança desperdiçada por Marcelinho

A conquista do planeta futebol

❖❖❖ O São Paulo chegou como franco-atirador para decidir o Mundial interclubes com o Barcelona. Pelo menos para a torcida japonesa, que pouco sabia sobre o clube brasileiro, e para os próprio adversário. O técnico Johann Cruyff disse com todas as letras que seu time era favorito para a vitória. Em campo, num grande dia de Raí, o Tricolor cativou os japoneses e calou a boca do ex-craque holandês com a vitória por 2 a 1.

2 SÃO PAULO

1 BARCELONA

SÃO PAULO: Zetti; Vitor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luiz, Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Raí e Cafu; Müller e Palhinha. **Técnico:** Telê Santana.

BARCELONA: Zubizarreta; Ferrer, Ronald Koeman, Eusébio e Guardiola; Bakero (Goicoechea), Amor, Stoichkov e Witschge; Michael Laudrup e Beguiristain (Nadal). **Técnico:** Johann Cruyff.

Data: 12/12/1992; **Local:** Estádio Nacional (Tóquio, Japão); **Juiz:** Juan Lostau (ARG); **Gols:** Stoichkov, aos 13, e Raí, aos 26 do 1º; Raí, aos 34 do 2º tempo.



TÓQUIO, FINAL DO MUNDIAL DE 1993: ZETTI, DINHO, RONALDÃO, CAFU, LEONARDO E TONINHO CEREZO (EM PÉ); MULLER, DORIVA, VÁLBER, PALHINHA E ANDRÉ LUÍS



RITUAL COMUM NA ERA TELÊ: ZETTI E RONALDÃO BEIJAM A TAÇA; À DIREITA, MORACI SANT'ANNA, ABRAÇA UM NOVATO GOLEIRO ROGÉRIO CENI E TONINHO CEREZO

Surge um ídolo de verdade: Raí

●●● O São Paulo sonhava com Raí desde 1987, quando ele fez sua estréia na seleção brasileira, ainda como jogador do Botafogo de Ribeirão Preto. A contratação se deu em 1989, mas o jogador se consolidou no time titular apenas no ano seguinte, com a chegada de Telê Santana. Ídolo mesmo, no entanto, Raí só virou depois da final do Paulista de 1991, quando marcou os três gols da vitória por 3 a 0, na primeira partida. O camisa 10 "fez chover" naquele dia: marcou de pênalti, de cabeça e de fora da área. Para o segundo jogo, o São Paulo tinha boa vantagem. Podia perder no tempo normal e ainda jogar por novo empate na prorrogação. Com o empate por 0 a 0, o Tricolor comemorou mais um título estadual e coroou com êxito sua preparação para a Libertadores. E aqueles 3 a 0 foram motivo de muita gozação em cima dos corintianos, por vários anos.

Carioca (na trave). Além disso, lutava até o fim pelo título do Campeonato Brasileiro.

O último jogo antes da viagem ao Japão seria novamente contra o Palmeiras, numa tarde de sábado. O vencedor praticamente assegurava a vaga na decisão. Desta vez, porém, o resultado foi diferente: 2 a 0 para o rival, e o Tricolor seguia para Tóquio sem mais responsabilidades no Nacional, focado apenas no título mundial.

Contra o Milan, que era o vice-campeão

Depois de Raí, Leonardo chegava ao São Paulo para comandar o time na conquista do bi-mundial

euro-peu e substituíva o campeão Olympique, sus-penso pela Uefa por compra de resultados, a história foi diferente do ano anterior. O São Paulo esteve sempre à frente do placar e definiu a vitória com um gol esquisito de Müller. 3 a 2 e o mundo era novamente tricolor. Como dizia uma famosa frase na época, lançada pelo radialista Milton Neves, torcer para o São Paulo era uma grande moleza. De fato, era isso mesmo.

Foi fácil demais chegar ao bi: 5 a 1

❖❖❖ O Tricolor entrou direto nas oitavas-de-final da Libertadores de 1993, direito então assegurado ao atual campeão. O time não teve maiores dificuldades para eliminar Newell's Old Boys e Flamengo. A difícil série semifinal contra o Cerro Porteño deixou o time preparado para a decisão. Com a goleada no Morumbi, o São Paulo pôde comemorar o bi mesmo com a derrota por 2 a 0 no Chile.

5 SÃO PAULO

1 UNIVERSIDAD CATÓLICA-CHI

SÃO PAULO: Zetti; Vitor (Catê), Válber, Gilmar e Ronaldo Luís (André Luiz); Pintado, Dinho, Raí e Cafu; Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana.

UNIVERSIDAD CATÓLICA: Wirth; Romero, Vázquez, López (Barrera) e Contreras; Lunari, Lepe, Parraguez e Tupper; Perez (Reinoso) e Almada. Técnico: Ignácio Prieto

Data: 19/05/1993; Local: Morumbi (São Paulo, SP); Juiz: José Joaquim Torres (COL); Gols: López (contra), aos 30, e Vitor, aos 40 do 1º; Gilmar, aos 9, Raí, aos 15, Müller, aos 20, e Almada (pênalti), aos 40 minutos do 2º tempo.

ERA PERDIDA 1994 a 2004



FINAL DO PAULISTA DE 2000: A VITÓRIA SOBRE O SANTOS VEM COM UM GOL DO GOLEIRO ROGÉRIO CENI, E É UMA DAS RARAS ALEGRIAS RECENTES DO TORCEDOR

Tempos de decepções

A partir do vice-campeonato da Copa Libertadores em 1994, o São Paulo entra numa fase difícil, uma década de poucos títulos e sofrimento



RAÍ BEIJA A MEDALHA DE CAMPEÃO EM 2000, DEPOIS DE CONQUISTAR O TÍTULO EM CIMA DO PEIXE: ESSE SERIA O ÚLTIMO TROFÉU CONQUISTADO PELO MEIA EM CAMPO

Em seus primeiros 60 anos de história, o São Paulo construiu uma tradição vitoriosa com uma característica marcante: em muitos de seus títulos, o time se impôs na hora da decisão, depois de campanhas apenas regulares nas fases iniciais. Nos últimos dez anos, porém, essa tradição se inverteu, e o time passou a acumular fiascos, principalmente em duelos de mata-mata.

O ponto de virada foi a noite de 31 de agosto de 1994. O Tricolor venceu o Vélez Sarsfield, da Argentina, por 1 a 0, no Morumbi, devolvendo o placar do jogo de uma semana antes, que

A perda do título de tricampeão da Libertadores para o Vélez, de Chilavert, mudou os rumos do Tricolor

abrir a decisão da Libertadores. Mesmo sem contar com muitos dos astros do bicampeonato nos dois anos anteriores, o São Paulo eliminara o rival Palmeiras, o Unión Española, do Chile, e o Olimpia, do Paraguai. O tricampeonato sul-americano estava a uma série de pênaltis. Palhinha, que já havia perdido sua cobrança contra o Olimpia na fase anterior, chutou nas mãos do goleiro Chilavert. Zetti, que havia defendido dois chutes dos paraguaios, não pegou nenhum. Por 5 a 3, o São Paulo perdia a Libertadores em casa. Fim de uma era vitoriosa.

A derrota contra o Vélez teve a força de uma bomba atômica sobre o Morumbi. Cafu e Müller

NÚMEROS 23

Taças

5 ➔

títulos o São Paulo levou desde a derrota para o Vélez: Conmebol (94), Paulistas (98 e 00), Rio-SP (01) e o Super Paulista (02).

Asa negra

3 ➔

títulos o São Paulo perdeu para o Corinthians no mesmo período: Paulistas de 1997 e 2003 e Rio-São Paulo de 2002

Tanto por nada

52 ➔

pontos o São Paulo somou na primeira fase do Brasileiro de 2002. Foi eliminado pelo Santos, que se classificou em oitavo com 39

foram embora para a Europa. O "vilão" Palhinha perdeu espaço no time e seria negociado com o Cruzeiro um ano depois. No fim do ano, o São Paulo caiu nas quartas-de-final do Brasileiro, diante do Guarani. A vitória do "Expressinho" na Copa Conmebol salvou a temporada.

Na virada de 1995 para 1996, o São Paulo perdeu o mestre Telê Santana, afastado por uma isquemia cerebral. Com campanhas irregulares, não conseguiu nada em torneio algum. Só em 1997, treinado pelo ídolo Darío Pereyra, voltou a chegar perto dos títulos. Na última rodada do quadrangular final do

Na virada de 1995 para 1996, o São Paulo fica sem o "mestre" Telê Santana e tem início uma difícil fase

Paulista, o São Paulo tinha de vencer o Corinthians para ser campeão, mas deu empate em 1 a 1. Era o primeiro de muitos insucesso diante do alvinegro em momentos decisivos. No segundo semestre o time foi à decisão da Supercopa, mas perdeu para o River Plate.

Darío cedeu o lugar a Nelsinho Baptista no início de 1998. A equipe voltou a ser campeã paulista, depois de seis anos. Dentro de campo, uma ajuda providencial: o ídolo Raí, que voltara do futebol francês apenas para jogar a segunda partida da final contra o Corinthians, e contribuiu com um gol e uma assistência na vitória por 3 a 1. Nelsinho, porém, não resistiu

Política se discute, sim, senhor

●●● Dos principais clubes do Brasil, o São Paulo é o que tem a situação política mais complicada. É também o único que realiza suas eleições presidenciais com a temporada a pleno vapor - todos os anos pares, no mês de abril. Espelho da política brasileira, a política tricolor é recheada de "partidos" e tendências, cujas alianças se estabelecem ao sabor do momento. A instabilidade política virou desculpa para todos os técnicos e muitos jogadores que fracassaram com o uniforme tricolor nos últimos dez anos.

Antes modelo de administração moderna, o São Paulo sofreu com trapalhadas típicas de cartolas da era amadora. Bastos Neto ficou famoso por suas frases de efeito, como quando disse que o símbolo da patrocinadora Motorola parecia "um morcego". Já Paulo Amaral, seu sucessor, se embananou numa briga com o ídolo Rogério Ceni. Em junho de

2001, o goleiro afirmava ter uma proposta do Arsenal, da Inglaterra. A diretoria não acreditou e, depois de provar ao capitão do time que a proposta era falsa, suspendeu o goleiro por 28 dias, privando a equipe de seu principal jogador.

Até os jogadores acabam interferindo na política do clube. Rogério Ceni, nas eleições deste ano, foi fundamental na reeleição de Marcelo Portugal Gouvêa ao anunciar a renovação de seu contrato por mais quatro anos às vésperas do pleito. Não por acaso, o adversário de Gouvêa era Paulo Amaral, desafeto declarado do goleiro. O próprio Rogério admite que deseja ser dirigente do clube no futuro, talvez até mesmo presidente. Já deu o primeiro passo, tornando-se sócio do São Paulo para que, no futuro, possa se candidatar ao cargo, preenchendo todas as exigências feitas pelo estatuto do clube tricolor.

Nasce um ídolo na decisão do Rio-SP

❖❖❖ Kaká ainda era Cacá, com "C", quando entrou no segundo tempo da decisão do Rio-São Paulo de 2001. O time perdia por 1 a 0 para o Botafogo, e o novo astro marcou os dois gols da virada. O título estaria assegurado mesmo com a derrota - o São Paulo vencera o primeiro jogo por 4 a 1 -, mas a partida se tornou simbólica por representar seu batismo.

2 SÃO PAULO

1 BOTAFOGO

SÃO PAULO: Roger, Jean, Rogério Pinheiro e Wilson; Belletti (Reginaldo Araújo), Fabiano (Kaká), Maldonado, Carlos Miguel (Júlio Baptista) e Gustavo Nery; França e Luís Fabiano. **Técnico:** Oswaldo Alvarez.

BOTAFOGO: Wagner, Fábio Augusto, Dênis, Valdson e Augusto; Júnior, Reidner, Rodrigo e Alexandre Gaúcho (Souza); Donizete e Tailson (Daniel). **Técnico:** Sebastião Lazaroni.

Data: 07/03/2001; **Local:** Morumbi (São Paulo, SP); Juiz: Jorge Rabello (RJ); Gols: Donizete, 39 aos do 1º; Kaká, aos 34 e 36 minutos do 2º tempo.



CONQUISTA DO SUPERCAMPEONATO PAULISTA, EM CIMA DO ITUANO: UM TÍTULO QUE A TORCIDA NÃO LEMBRA

muito tempo: uma derrota por 7 a 2 para a Portuguesa no Brasileiro fez a diretoria demitir boa parte da comissão técnica. Em solidariedade, Nelsinho saiu. Mário Sérgio chegou, proibiu Rogério Ceni de cobrar faltas, falou que o time jogaria para não cair e foi-se embora deixando o São Paulo abaixo dos dez primeiros lugares do Brasileiro pelo quarto ano seguido.

Com Paulo César Carpegiani no banco, o ano de 1999 parecia promissor. Mas, nas semifinais

“Eu prefiro que escrevam o meu nome com a letra K, não com C, desse jeito mesmo: Kaká”

CACÁ, CERCADO PELA IMPRENSA, APÓS BRILHAR NA FINAL DO RIO-SÃO PAULO DE 2001, DEFININDO NOVA GRAFIA DO NOME

do Paulista, o time voltou a parar no Corinthians, com direito a uma goleada por 4 a 0. O Brasileiro viu a volta do Tricolor às primeiras posições. Apesar do imbróglio Sandro Hiroshi, quando o time perdeu quatro pontos ganhos em campo por escalar o atacante em condições irregulares, o São Paulo acabou a fase de classificação em sexto lugar. Superou a Ponte Preta e encarou novamente o Corinthians. Na primeira partida semifinal, Raí perdeu dois pênaltis, defendidos pelo goleiro Dida. Duas vitórias corinthianas, por 2 a 1 e 3 a 2, e novamente o São Paulo caía na reta final do Brasileirão.

Foi nessa época que a volta à Libertadores passou a ser uma fixação no Morumbi, para diretores, jogadores e técnicos. Principalmente porque os rivais Corinthians e Palmeiras passaram a fazer duelos épicos por aquela competição. Pela primeira vez, a Libertadores ficara mais perto – com a competição inchada de 20 para 32 clubes, o Brasil passara a ter quatro vagas. Os dois finalistas do Brasileiro estariam classificados, bem como o campeão de uma seletiva disputada entre os times eliminados. Na segunda chance de voltar à América, o São Paulo foi eliminado pelo Atlético Paranaense.

Em 2000, mais uma vez o time bateu na trave do sonho americano. Sob o comando de Levir Culpi, o Tricolor chegou pela primeira vez à final da Copa do Brasil, contra o Cruzeiro. O empate sem gols no Morumbi, na primeira partida, encheu os são-paulinos de esperanças. Afinal, bastava uma vitória simples ou um empate com gols para levar a taça e carimbar o passaporte. O 1 a 0 para o São Paulo, gol de Marcelinho Paraíba, marcou o placar do Mineirão até os 35 minutos do segundo tempo. O 1 a 1, com Fábio Júnior empatando para o Cruzeiro, até os 44. Foi quando, com um gol de falta, o atacante Geovanni deu a taça aos mineiros e abriu o alçapão sob os pés dos são-paulinos. O título



MARCELINHO PARAÍBA (NO CENTRO), LEVANTA A TAÇA GOVERNADOR DO ESTADO: LOGO DEPOIS, IRIA EMBORA

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Que depois de cinco anos com Telê, o São Paulo caiu na vala comum dos times que trocam de técnico pelo menos uma vez por ano? Desde a saída do "mestre" que comandou o time bicampeão mundial, o Tricolor foi treinado por Muricy Ramalho (em 1996 e em 1997), Carlos Alberto Parreira (1996), Darío Pereyra (1997 a 1998), Nelsinho Baptista (1998 e 2001 a 2002), Mário Sérgio (1998), Paulo César Carpegiani (1999), Levir Culpi (2000), Oswaldo Alvarez (2001), Oswaldo de Oliveira (2002 a 2003), Roberto Rojas (2003), Cuca (2004) e Emerson Leão (2004).

paulista, conquistado diante do Santos, serviu apenas de consolo. No Brasileiro de 2000, transformado em Copa João Havelange, o São Paulo foi eliminado pelo Palmeiras.

O ano de 2001 marcava o surgimento de uma nova geração de craques vindos das divisões de base. Apenas um deles, porém, vingou: Kaká, preparado desde a infância para se tornar um jogador de alto nível. Mas nem ele foi suficiente para levar o São Paulo de volta ao topo. O time ficou de fora das finais do Paulista e, no Brasileiro, perdeu nas quartas-de-final para o Atlético Paranaense, que seria o campeão.

A torcida ficou sem paciência definitivamente em 2002, após duas derrotas seguidas

HISTÓRIAS REAIS



Da reserva para a glória na Conmebol

● ● ● A primeira conquista do São Paulo após a frustrante derrota para o Vélez foi obtida por um time de jovens que mal haviam subido para o time profissional. No segundo semestre de 1994, enquanto o time titular foi eliminado na Supercopa Libertadores e no Brasileiro, o chamado "Expressinho" foi atropelando rivais e avançando na Copa Conmebol. O jovem meia Juninho era o mais experiente da equipe, na qual se destacavam o jovem Denílson, de 17 anos, e o goleiro Rogério Ceni. O time eliminou nas semifinais o Corinthians, que atuava com seu time principal e logo depois seria vice brasileiro, e assegurou o título na primeira partida da decisão, com uma goleada por 6 a 1 em cima do Peñarol, no Morumbi. A derrota por 3 a 0 em Montevideu nada mudou no último título internacional do clube.

em mata-mata para o Corinthians: na final do Torneio Rio-São Paulo, que substituíra o Paulista, e nas semifinais da Copa do Brasil. O arqui-rival ficou também com a outra taça, ao derrotar o Brasiliense, e se classificou para a Libertadores. No Brasileiro, o Tricolor chegou a vencer dez jogos seguidos e terminou como líder a fase de classificação. Foi eliminado com duas derrotas para o Santos, que se classificara na bacia das almas para a fase final. Surgiu então a pecha de "pipoqueiros". Nem a conquista do Supercampeonato Paulista, diante do Ituano (campeão estadual jogando entre os times pequenos), acalmou o torcedor.

Derrotas para o Corinthians deixaram a torcida irada: "Pipoqueiros", gritavam para os jogadores

O sonho de voltar à Libertadores se tornou realidade em 2003, com o terceiro lugar no primeiro Brasileiro em pontos corridos, após outro fiasco contra o Corinthians, desta vez na final do Paulista. Com o técnico Cuca, Morumbi sempre cheio e boa campanha, mas na hora "H", o time perdeu para o Once Caldas, da Colômbia, no último minuto. No jogo seguinte à "tragédia", a torcida vestiu amarelo para protestar e escreveu uma faixa com os dizeres: "As tuas glórias vêm do passado?". Em 2005, o time terá nova chance na Copa Libertadores.

GRANDES DUELOS

Contra o Corinthians

Grandes vitórias, como os 3 a 0 na final com um show do craque Raí, em 1991

Os corinthianos podem, por meio dos números, comprovar a vantagem sobre o São Paulo no Clássico Majestoso, chamado assim desde os anos 40. Para os são-paulinos, no entanto, as glórias alcançadas diante o rival já servem em si para mostrar a força tricolor no duelo. Na história do Campeonato Paulista, o time tricolor do Morumbi conquistou quatro de seus títulos sobre o Corinthians.

Em 1957, quando venceu por 3 a 1, no Pacaembu, num jogo marcado por uma das maiores pancadarias da história do estádio. Quarenta anos depois, em 1987, o Tricolor festejou o Paulistão, no Morumbi, após vencer o primeiro jogo por 2 a 1 e empatar o segundo em 0 a 0. O time de Müller, Lê e Edivaldo praticante não deu chances ao rival. Pouco tempo depois, em 1991, o São Paulo venceu o alvinegro da melhor maneira possível. Depois de perder o Brasileiro de 1990, o Tricolor deu o troco do inimigo no ano seguinte e com um atuação de gala Raí. Na decisão do Paulistão, o ídolo do Morumbi fez três gols na espetacular vitória por 3 a 0.

Cinco anos depois, em 1998, o Raí voltava depois de defender, com sucesso, o Paris Saint Germain, da França. E comandou novamente o São Paulo no título Paulista, fazendo o primeiro gol da vitória por 3 a 1. Se isso não bastasse,



RAÍ, O VELHO ÍDOLO, RETORNOU DA FRANÇA NA FINAL DIANTE DO CORINTHIANS EM 1998, E FEZ ATÉ GOL

4 a 0 →

foi o placar da goleada imposta pelo São Paulo em 1980, com dois gols de Serginho

todo são-paulino ainda guarda na memória o jogo da semifinal da Copa Conmebol de 1994, quando o "Expressinho" eliminou o rival nos pênaltis, tirando a chance do Corinthians de fazer sua primeira final internacional na história.

Vale lembrar, ainda, a goleada de 4 a 0, de 1980, quando Serginho Chulapa fez dois gols. No início dos anos 90, o Tricolor ficou oito jogos sem levar gols do arquirival, vencendo ainda seis partidas, sendo três pelo placar de 3 a 0.

Em 2000, na semifinal do Paulista, o São Paulo aproveitou para dar o troco no rival, que o havia eliminado na mesma fase no estadual anterior. Assim, venceu as duas partidas pelos placares de 2 a 0 e 2 a 1, com grandes atuações de dois jogadores que atualmente defendem times alemães, França e Marcelinho Paraíba.

TODOS OS CONFRONTOS

	J	V	E	D	GP	GC
Paulista	149	47	48	54	200	199
Brasileiro	36	9	14	13	30	32
Copa Conmebol	2	1	0	1	6	6
Copa do Brasil	2	1	0	1	2	3
Rio-São Paulo	23	7	9	7	34	40
Paulista/RSP	1	1	0	0	3	2
Robertão	4	0	0	4	2	7
Amistosos	20	5	4	11	27	39
Torneio Início	3	1	1	1	2	2
Total	240	72	76	92	306	330

Três gols num só jogo final: o dia de Raí

Vencer o Corinthians por 3 a 0 numa final com três gols do ídolo Raí foi uma das maiores alegrias são-paulinas na história. O baile na decisão do Paulistão-91 fechou a campanha do time de Telê Santana. E Raí foi artilheiro do campeonato, com 20 gols.

0 CORINTHIANS 3 SÃO PAULO

CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Márcio (Tupãzinho), Wilson Mano e Ezequiel; Marcelinho Paulista, Dinei e Paulo Sérgio. **Técnico:** Cilinho.

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Adílson (Sérgio), Ronaldão e Nelsinho; Sidnei, Suélio (Rinaldo) e Raí; Macelo, Müller e Elivélton. **Técnico:** Telê Santana.

Data: 8/12/1991 **Local:** Morumbi (São Paulo)
Gols: Raí aos 16 minutos do primeiro tempo, 14 e aos 17 do segundo. **Expulsão:** Dinei.

Contra o Palmeiras

O fim de um longo jejum e o último bicampeonato estadual do Tricolor paulista



A VIBRAÇÃO DO ALA SERRGINHO: TRÊS GOLS NA VITÓRIA ESPETACULAR SOBRE O RIVAL POR 5 A 1, EM 1999

TODOS OS CONFRONTOS

	J	V	E	D	GP	GC
Paulista	145	60	42	43	214	176
Brasileiro	36	4	18	14	34	48
Copa do Brasil	2	2	0	0	5	3
Libertadores	4	3	1	0	6	2
Robertão	4	1	2	1	4	5
Rio-São Paulo	24	7	7	10	34	45
Superpaulistão	2	1	1	0	4	2
Amistosos	42	9	13	20	42	60
Torneio Início	7	3	3	1	7	5
Total	266	90	87	89	350	346

VOCE SABIA ?

Os palmeirenses choram até hoje pelo gol feito pelo (ótimo) cabeceador Levinha, anulado pelo juiz Armando Marques, na final do Paulistão de 1971, vencida pelo São Paulo por 1 a 0. O que pouco sabem, ou se recordam, é que aquele gol (que só o juiz achou que foi assinalado com a mão), serviria apenas para empatar o jogo, resultado que também daria o título estadual ao Tricolor naquele ano. Mas, como o choro é livre...

MAIORES GOLEADAS

6 a 0 - Sensacional vitória são-paulina no ano de 1939, a maior até os dias de hoje.
6 a 2 - Mais uma de seis, em 1981, com um show do artilheiro Serginho Chulapa.
5 a 1 - Vitória ampla na temporada de 1986.
5 a 1 - Novo massacre tricolor, agora em 1999.

Com retrospecto praticamente igual depois de 266 jogos, com 89 vitórias do São Paulo, 90 do Palmeiras e 87 empates, São Paulo e Palmeiras fazem jus ao apelido que o clássico ganhou nos anos 40: "Choque Rei". Na época, as duas equipes duelavam para ver quem era a melhor do Estado.

Os palmeirenses, com um título a mais, têm vantagem nas decisões (4 a 3). Em Campeonatos Paulistas, os rivais decidiram seis vezes a competição, com três títulos para cada lado. Em 1942, 1944 e 1972, o alviverde se sagrou campeão. As vitórias são-paulinas vieram em 1950, 1971, ano em que o clube encerrou o incômodo jejum de 13 anos sem títulos, e 1992, ano em que o São Paulo alcançou a conquista do seu último bicampeonato estadual.

Em 1972, Palmeiras e São Paulo fizeram a final do Brasileirão, que acabou empatada em 0 a 0. O Palmeiras, que havia feito melhor campanha na competição acabou ficando com a taça.

6

é o número que apavora os palmeirenses: São Paulo 6 a 0 em 1939 e depois 6 a 2 em 1981

Para compensar esse título a mais do Palmeiras, os são-paulinos gostam de relembrar os jogos que eliminaram o antigo rival em diversas e importantes competições que disputaram.

Em 1974 e em 1994, o Tricolor tirou o Palmeiras da Libertadores. Na primeira edição, ainda na primeira fase. Em 1994, nas quartas-de-final, o time de Telê Santana atropelou o Palmeiras, no Pacaembu, com grande atuação de Euler. Em 2000, nas quartas-de-final da Copa do Brasil, o Tricolor venceu as duas partidas, com Raí chegando a fazer até um gol de letra. Isso em pleno estádio do Parque Antártica.

No Rio-São Paulo de 2002, o Tricolor eliminou o Palmeiras, que tinha melhor campanha, pelo criticado critério de cartões, aumentando a ira do rival. Outro lado positivo do São Paulo no confronto está nas goleadas. O time do Morumbi tem até hoje a maior do clássico, com os 6 a 0 de 1939. Uma marca difícil de ser superada. Entre as mais recentes, 6 a 2 em 1981, com grande atuação de Serginho Chulapa, 5 a 1 em 1986 e 5 a 1 em 1999, com três gols do lateral-esquerdo Serginho, hoje no Milan, da Itália.

GRANDES DUELOS

Contra o Santos

Uma velha e tradicional freguesia, com direito a gol de goleiro em decisão

Com mais de 20 vitórias de vantagem sobre o velho rival Santos, o torcedor do Tricolor não tem dúvidas de quem sempre se dá melhor na disputa. Porém, a pequena vantagem dos santistas em decisões causa ainda um certo desconforto no são-paulino mais fanático. Depois de perder as três primeiras finais de Campeonatos Paulistas entre os dois clubes, nos anos de 1956, 1967 e 1978; o São Paulo conseguiu se recuperar e venceu os dois últimos confrontos decisivos.

Em 1980, Serginho Chulapa, que depois viraria artilheiro do Santos, conduziu o Tricolor ao título marcando nas duas finais, vencidas por 1 a 0. Em 2000, foi a vez de França fazer o gol da vitória na primeira partida (1 a 0), enquanto o goleiro Rogério Ceni, de falta, e Marcelinho Paraíba, garantiram o empate no segundo e decisivo jogo do Paulistão. Nos anos 80 e 90, o Tricolor praticamente não deu chances ao rival no confronto direto. Em 77 jogos, foram 40 vitórias, 23 empates e apenas 14 derrotas do Tricolor para o ex-time de Pelé.

Em jogos decisivos, a vantagem são-paulina também é evidente. O Tricolor bateu o Santos em 1981, nas oitavas-de-final do Brasileiro, na semifinal do Paulista de 1983, nas quartas-de-final do Brasileiro de 1990, e na Supercopa Libertadores de 1992. Em 1993, na fase semifinal do Paulista, o São Paulo massacrou o rival com um elástico 6 a 1 no Morumbi, no dia 3 de junho de 1993, na primeira despedida de Raí do clube. Uma despedida de gala com um adversário sobre medida, um velho freguês.

Outra goleada marcante do Tricolor aconteceu no Torneio Rio-São Paulo de 2000, quando França, com três gols, e Evair, com dois, garantiram a vitória por 5 a 2. Mais recentemente, Reginaldo, Kaká, Renatinho e Gustavo Nery, deram a vitória ao São Paulo no Paulistão de 2001, na última goleada tricolor. A partida, aliás, marcou a estréia de Kaká pela equipe profissional do São Paulo Futebol Clube.

Por essas e outra, há, inclusive, alguns torcedores que costumam sugerir a marcação de partidas contra o Santos para a estréia de novos jogadores ou despedidas. Afinal, se foi assim, tão bom, quando Raí deu até logo e Kaká se apresentou, nada mais natural do que aproveitar essa superioridade sobre os santistas em outras oportunidades do gênero. Afinal, dizem esses são-paulinos, freguês é mesmo para essas coisas, ou situações...



ROGÉRIO CENI: GOL DE GOLEIRO NA FINAL DE 2000

2 a 2 →

Foi o placar da decisão do Paulista de 2000, a última entre os times. O gol de Marcelinho Paraíba garantiu o título ao time tricolor.

5 a 2 →

foi o placar da impiedosa goleada imposta pelo São Paulo ao Santos em 2000, com três gols marcados por França e dois de Evair.

MAIORES GOLEADAS

9 a 1 - Foi o placar da maior goleada registrada no clássico San-São. No dia 18 de junho de 1944, pelo Paulistão, o Tricolor massacrou o Santos, com dois gols de Pardal, dois de Remo, dois de Tim, dois de Luizinho e um de Sastre. **6 a 1** - Assim, com esse placar, o São Paulo passou por cima do Santos no Campeonato Paulistão de 1993. O melhor para o torcedor são-paulino é que isso aconteceu no jogo que marcou a primeira despedida do ídolo Raí. Massacre histórico no até logo do craque.

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ O Santos abandonou o gramado contra o São Paulo no Paulistão de 1963. No dia 15 de agosto daquele ano, no estádio do Pacaembu, o São Paulo fez 3 a 1. Os santistas reclamaram, alegando impedimento, e o árbitro Armando Marques expulsou logo a dupla Pelé e Coutinho. No segundo tempo, o lateral Aparecido não voltou, alegando contusão. O Tricolor ampliou, então Pepe e Dorval caíram em campo, saíram de maca e não retornaram. O famoso cai-cai...

TODOS OS CONFRONTOS

	J	V	E	D	GP	GC
Paulista						
S. P.	148	67	39	42	267	206
Brasileiro						
S. P.	35	15	6	14	45	42
S. Libertadores						
S. P.	2	1	1	0	5	2
Sul-americana						
S. P.	2	0	1	1	1	2
Robertão						
S. P.	4	0	3	1	4	5
Rio-São Paulo						
S. P.	18	7	3	8	33	36
Amistosos						
S. P.	36	15	0	15	63	53
Torneio Início						
S. P.	36	15	0	15	63	53
Total						
S. P.	245	105	53	81	418	346

Rivais pelo Brasil

Cariocas e mineiros estão entre os principais rivais históricos do time tricolor



KAKÁ COMEMORA NA VITÓRIA QUE VALEU O TÍTULO DO SRIO-SÃO PAULO E O LANÇOU PARA O SUCESSO

Virada histórica do Tricolor

Em 1981, na semifinal do Campeonato Brasileiro, o São Paulo era o favorito no jogo contra o Botafogo, no Morumbi. Depois de perder no Maracanã por 1 a 0, o Tricolor foi com tudo para cima dos cariocas e acabou levando um susto, sofrendo dois gols em 18 minutos. Ainda no primeiro tempo, Serginho Chulapa, de pênalti, descontou. No intervalo, o time foi ao ataque, com Everton entrando e, com dois chutes da entrada da área, virando o placar.

3 SÃO PAULO 2 BOTAFOGO

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Dário Pereyra e Marinho; Almir, Heriberto (Éverton) e Renato (Assis); Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. **Técnico:** Carlos Alberto Silva.

BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Zé Eduardo e Gaúcho Lima; Rocha, Mendonça (Gilmar) e Ademir Lobo; Ziza (Édson), Marcelo e Jérson. **Técnico:** Paulinho de Almeida

Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** Bráulio Zanutto (PR); **Renda:** Cr\$ 22.315.900,00; **Público:** 98.650; **Gols:** Jérson aos 10, Mendonça aos 18 e Serginho (pênalti) aos 44 minutos do primeiro tempo. Éverton aos 21 e 32 do segundo. **Expulsão:** Gaúcho Lima.

Desde o primeiro Campeonato Brasileiro, em 1971, o São Paulo vem travando históricas batalhas contra os rivais interestaduais, principalmente mineiros e cariocas. Naquele ano, no triangular final do Brasileirão, o Tricolor ficou com o vice-campeonato depois de vencer o Botafogo e perder para o Atlético. Em 1977, se vingou do Galo mineiro, e conquistou, nos pênaltis, o Brasileiro em pleno Mineirão. Na oportunidade, a equipe paulista tirou o gostinho do Atlético de conquistar o título invicto. Aliás, o time foi vice invicto.

Já em 1981, nas semifinais, o São Paulo fez um duelo histórico com o Botafogo, em dois jogos empolgantes no Maracanã e no Morumbi. Na segunda partida, depois de vitória de virada por 3 a 2, o Tricolor garantiu a vaga na final da competição. Já em 1991, o São Paulo voltou a castigar o Atlético, eliminando-o da semifinal do Brasileiro. A vitória sobre os mineiros levou o Tricolor à final e ao título sobre o Bragantino.

Nos anos 90, nos torneios sul-americanos, o Tricolor acirrou também o duelo com outro carioca, o Flamengo. Em 1993, o time de Telê Santana eliminou o rubro-negro nas quartas-de-final da Libertadores e depois conquistou a Supercopa em cima do rival. Nesta década, o São Paulo voltou a enfrentar os tradicionais rivais e acabou levando a vantagem na maioria das vezes. Na Copa do Brasil de 2000, eliminou o Atlético na semifinal da competição.

No ano seguinte, em 2001, conquistou o título do Torneio Rio-São Paulo pela primeira vez em cima do Botafogo. Depois de vencer por 4 a 1 no Rio, voltou a ganhar por 2 a 1, no jogo que consagrou o jovem Kaká. Em 2004, no Brasileirão, o Tricolor teve um momento memorável ao emplacar uma goleada histórica do Atlético, em Belo Horizonte: 5 a 0. Grafite, com três gols, e Danilo, autor de dois, comandaram a Tricolor, que chegou a fazer 4 a 0 em 28 minutos. Um show no Estádio Independência.

TODOS OS CONFRONTOS

	J	V	E	D	GP	GC
Botafogo	73	27	15	31	116	116
Atlético-MG	59	18	20	21	84	80
Flamengo	84	33	23	28	141	118

ÍDOLOS ETERNOS

Palco Tricolor

De Leônidas a Rogério Ceni, técnica refinada, personalidade e um talento indiscutível são as marcas dos que escreveram a glória do São Paulo



LEÔNIDAS

O "Diamante Negro" escreveu parte da história tricolor

A chegada de Leônidas da Silva mudou a história do São Paulo. Até o início dos anos 40, o futebol do estado era dominado por Corinthians e Palestra Itália, com o Tricolor brigando com Santos e Portuguesa pelo terceiro lugar. Mas a compra do "Diamante Negro" junto ao Flamengo, que ajudou, e muito, a tornar popular até os dias de hoje; foi a maior transação do futebol sul-americano até então. Ele consolidou o São Paulo como um dos grandes do estado. Com Leônidas, o Tricolor ganhou cinco vezes o campeonato paulista, tornando-se o maior campeão da década de 40, um salto na história do clube.

O "Homem de Borracha" era um atacante completo, um dos melhores de toda a história do futebol. Tinha malícia, driblava bem, seu chute era preciso e até no ar ele era bom, apesar de medir apenas 1,65 metro. Não bastasse isso, foi ele que divulgou e popularizou a bicicleta, jogada que o imortalizou em todo o mundo. Apesar desse currículo, sua compra pelo São Paulo

foi tratada com desdém pelos outros clubes. Afinal, quando veio do Rio de Janeiro, Leônidas já tinha 29 anos e estava acima do peso, o que lhe valeu a alcunha de "Bonde de 200 Contos". As provocações mexeram com os brios do jogador, que logo voltou à melhor forma e calou todos os críticos, durante quase uma década de glórias jogando pelo time tricolor.

QUEM É ELE

- NOME: LEÔNIDAS DA SILVA
- NASCIMENTO: 6/9/13, NO RIO DE JANEIRO (RJ)
- POSIÇÃO: ATACANTE
- QUANDO JOGOU: DE 1942 A 1951
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1943, 45, 46, 48 E 49

RAÍ

Ídolo, exemplo, líder, o antes apenas irmão de Sócrates virou símbolo do São Paulo FC



RAÍ EM AÇÃO NA FINAL DO MUNDIAL INTERCLUBES DE 1992: VITÓRIA SOBRE O BARCELONA EM TÓQUIO

Foi de Raí o gol mais importante da história do São Paulo. O craque já havia empatado para o Tricolor a disputa do Mundial Interclubes, em 1992, contra o Barcelona. Seu segundo tento, uma cobrança de falta perfeita no ângulo, o colocou de vez entre os maiores nomes da história do São Paulo (alguns dizem até que foi o maior). Nada mal para um jogador que chegou ao Morumbi conhecido apenas como "o irmão do Sócrates" e sofreu nos primeiros anos de carreira com o estigma de ser lento.

Foi com Telê Santana que Raí explodiu e sua figura alta e elegante, dona de um belíssimo toque de bola, firmou-se como astro do time. Assim, ele justificou os cerca US\$ 500 mil pagos pelo clube para tê-lo – a maior transação entre dois times brasileiros até então.

Em 1993, Raí foi vendido ao Paris Saint-Germain, mas sua história com o São Paulo ainda não estava encerrada. Cinco anos depois, o craque voltou ao Tricolor para mais um momento de glória: contratado em cima da hora, ele liderou o time na segunda partida da final do Campeonato Paulista, marcando o primeiro gol da vitória por 3 a 1 sobre o Corinthians que deu o título ao Tricolor, matando as saudades.

QUEM É ELE

- NOME: RAÍ VIEIRA DE OLIVEIRA
- NASCIMENTO: 15/5/1965, EM RIBEIRÃO PRETO (SP)
- POSIÇÃO: MEIO-CAMPISTA
- QUANDO JOGOU: DE 1987 A 1993 E DE 1998 A 2000
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1992; CAMPEÃO DA LIBERTADORES EM 92 E 93; CAMPEÃO BRASILEIRO EM 91; CAMPEÃO PAULISTA EM 89, 91, 92 E 98

FAMÍLIA FILOSOFIA

●●● Todos os irmãos de Raí têm nome de filósofos: Sóstenes, Sófocles e Sócrates. O nome do são-paulino seria Xenofonte, mas sua mãe convenceu o pai a registrá-lo como Raí, o que, certamente, facilitou, anos mais tarde, a vida dos narradores, que teriam de gritar, muitas e muitas vezes, "Gol de Xenofonte"...

ZIZINHO

Para muitos, melhor pré-Pelé

Assim como o grande Leônidas da Silva, Zizinho foi um antigo ídolo do Flamengo que trocou o futebol do Rio de Janeiro pelo São Paulo. Da mesma forma que o "Diamante Negro", chegou ao Tricolor desacreditado. E, igualando o craque da década anterior, o "Mestre Ziza" firmou seu nome como um dos maiores jogadores que já vestiram a camisa tricolor e para isso só precisou de pouco mais de um ano, tempo suficiente para mostrar seu talento.

Considerado por muitos o melhor jogador brasileiro anterior ao surgimento de Pelé, Zizinho mostrou no São Paulo, mesmo já tendo passado dos 35 anos, todas as qualidades que lhe valeram esse título: passes precisos, técnica refinada, visão de jogo e um olho para o gol. O craque foi o comandante do histórico time de Bella Guttmann, campeão paulista em 1957. Dizem que quem conhece um verdadeiro gênio não esquece a experiência nunca mais. E foi assim a relação da torcida do São Paulo com Zizinho, que deixou para sempre marcada a camisa do Tricolor com seu talento.

QUEM É ELE

- NOME: THOMAS SOARES DA SILVA
- NASCIMENTO: 14/9/1921, EM NITERÓI (RJ)
- POSIÇÃO: MEIO-CAMPISTA
- QUANDO JOGOU: DE 1957 A 1958
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1957



MESTRE ZIZA CHEGOU VETERANO E FOI CAMPEÃO

ÍDOLOS ETERNOS

SERGINHO CHULAPA

Com raça, luta e gols, ele se tornou o maior artilheiro de toda a história do São Paulo

Serginho Chulapa é um craque que foge do perfil que se costuma associar ao São Paulo. Temperamental, encenqueiro e brigão, não era dono de uma técnica refinada. Alto (média 1,88 m) e desengonçado, às vezes parecia que ia cair quando corria. Era mais forte no jogo aéreo, mas também tinha razoável técnica com os pés, especialmente o esquerdo, capaz de disparar verdadeiros petardos. “Nunca me preocupei com esse negócio de imagem”, costuma dizer. Mas ele sabia fazer uma coisa muito bem: gols. E isso foi mais que suficiente para torná-lo ídolo da torcida tricolor, que se encantava com suas provocações aos adversários. Serginho era um verdadeiro tormento para as defesas, tendo marcado gols de todos os jeitos possíveis. Tantos ele fez, que se tornou o maior artilheiro da história do São Paulo, com 248, marca que até os dias de hoje não foi igualada, nem de perto, por outro jogador

QUEM É ELE

- NOME: SÉRGIO BERNARDINO
- NASCIMENTO: 23/12/1953, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: ATACANTE
- QUANDO JOGOU: DE 1974 A 1983
- TÍTULOS: CAMPEÃO BRASILEIRO EM 1977; CAMPEÃO PAULISTA EM 1975, 80 E 81

14 →

Meses de gancho, Serginho teve que enfrentar em 1977, quando chutou a canela de um bandeirinha e pegou a , até hoje, mais longa suspensão da história do futebol brasileiro. Mas deu a volta por cima



SERGINHO CHEGOU COMO PONTA E VIROU CENTROAVANTE



GÉRSON GANHOU OS PAULISTAS DE 1970 E 1971

GÉRSON

Ele chegou para recolocar o São Paulo no caminho das grandes vitórias e dos títulos

Idolo do futebol do Rio de Janeiro vai para o São Paulo já maduro e desacreditado pelas torcidas adversárias. Reconhece essa história? Assim como Leônidas e Zizinho, Gérson contrariou as suspeitas iniciais e se tornou um dos maiores craques da história do Tricolor. No São Paulo, o “Canhotinha de Ouro” logo assumiu posição de comando, como sempre fez por todos os clubes por onde passou com sua categoria de sempre e a liderança nata.

Com seus característicos lançamentos de 40 metros, foi o grande responsável pelos títulos dos Campeonatos Paulistas de 1970 e 1971, que tiraram o São Paulo de uma fila que já durava 13 anos. Eram tempos difíceis até então

Temperamental, Gérson não hesitava em criticar os companheiros, se acreditasse que alguém não estava dando tudo de si. Seu estilo franco, sem papas na língua, lhe rendeu o apelido de “Papagaio” e gerou problemas de relacionamento com vários companheiros, o que foi um dos motivos que abreviou sua passagem pelo time. Nem por isso ficou fora da história.

QUEM É ELE

- NOME: GÉRSON DE OLIVEIRA NUNES
- NASCIMENTO: 11/1/1941, EM NITERÓI (RJ)
- POSIÇÃO: MEIO-CAMPISTA
- QUANDO JOGOU: DE 1969 A 1972
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1970 E 71

93 →

partidas Gérson disputou com a camisa do São Paulo, numa passagem breve, mas ainda assim marcante com a camisa do clube.

2 →

títulos de campeão foram conquistados pelo time tricolor do Morumbi, com a presença do tricampeão mundial Gérson na equipe.

CANHOTEIRO

Ele driblava, driblava, e driblava. Foi o "Garrincha" da esquerda



CANHOTEIRO (À ESQUERDA) ENTROU PARA A HISTÓRIA DO SÃO PAULO COM OS SEUS DRIBLES INCRÍVEIS

Canhoteiro só ganhou um título importante pelo São Paulo, o Campeonato Paulista de 1957, mas provavelmente foi o jogador mais amado pela torcida do Tricolor. Isso se explica por seu jeito alegre de jogar. Canhotoeiro era ótimo nos passes e cruzamentos, vivia deixando companheiros na cara do gol e tinha um chute preciso. Mas sua marca registrada era mesmo o drible – à época, dizia-se que ele era capaz de driblar no espaço de um lenço.

Tudo que Garrincha era capaz de fazer pelo lado direito, Canhotoeiro fazia pela esquerda. Assim como o "Mané", dizia-se que o são-paulino adorava a boemia, e isso impediu que ele tivesse mais destaque pela Seleção Brasileira. Seu auge foi em 1957, no Paulistão, ao lado de Zizinho, quando suas grandes atuações o credenciaram para a vaga de titular na ponta-esquerda na Copa de 1958, que não disputou.

Seu caso de amor com a torcida Tricolor durou até 1963, quando foi vendido para o futebol mexicano, após não conseguir se recuperar completamente de uma séria contusão.

QUEM É ELE

- NOME: JOSÉ RIBAMAR DE OLIVEIRA
- NASCIMENTO: 24/9/1932, EM COROATÁ (MA)
- POSIÇÃO: PONTA-ESQUERDA
- QUANDO JOGOU: DE 1954 A 1963
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA DE 1957

CAFU

Volante comum, ele foi para a lateral pelas mãos do "Mestre" Telê Santana. E ainda brilha

Em seus primeiros anos no São Paulo, Cafu não era mais que um meio-campista competente, que se destacava só pelo preparo físico. Isso mudou com a chegada de Telê Santana, que percebeu que suas características seriam mais bem aproveitadas na lateral-direita. A adaptação não foi fácil, e Cafu precisou usar de toda sua disciplina e perseverança nos treinos para aperfeiçoar as suas ultrapassagens e cruzamentos. Daí em diante, a carreira deslançou. Não por acaso, a permanência de Cafu na lateral do São Paulo coincidiu quase que exatamente com o período de maiores glórias do Tricolor. Marcou nada menos que 40 gols pelo São Paulo, uma quantidade, de fato, enorme para um jogador de defesa, mostrando todo seu potencial ofensivo.



A GRANDE FASE TEVE CAFU NA LATERAL-DIREITA

QUEM É ELE

- NOME: MARCOS EVANGELISTA DE MORAES
- NASCIMENTO: 7/6/1970, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: LATERAL-DIREITO
- QUANDO JOGOU: DE 1988 A 1995
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1992 E 93; CAMPEÃO DA LIBERTADORES EM 92 E 93; CAMPEÃO BRASILEIRO EM 91; CAMPEÃO PAULISTA EM 91 E 92; CAMPEÃO DA SUPERCOPA EM 93; CAMPEÃO DA RECOPA SUL-AMERICANA EM 93 E 94

LEMBRANDO O PONTA

●●● O apelido "Cafu" é uma abreviação de Cafuringa, ponta que foi ídolo do Atlético-MG e do Fluminense. Mas as características do atacante eram diferentes das do capitão do pentacampeonato mundial pela seleção brasileira. Folclórico, Cafuringa era bom driblador, mas tinha um sério problema nas finalizações, e marcou poucos gols em toda a sua carreira como camisa 7.

ÍDOLOS ETERNOS

CARECA

Ele chegou com um título brasileiro no currículo. Ganhou outro



Final do Campeonato Brasileiro de 1986. No Brinco de Ouro, a torcida do Guarani já comemorava o título, mas, nos últimos segundos da prorrogação, eis que surge Careca e empata o jogo para o São Paulo, com um chute fulminante. Nos pênaltis, o Tricolor ganharia o título. Com a camisa tricolor, esse foi o momento mais glorioso de Careca, um dos maiores atacantes que defenderam o clube, e que antes havia sido campeão nacional pelo próprio Guarani.

Ele chegou ao São Paulo com a responsabilidade de substituir Serginho Chulapa. Seu primeiro ano foi ruim, prejudicado por uma lesão no joelho. A contusão parecia não se curar nunca, e o craque foi alvo de inúmeras críticas. Mas em 1985 Careca explodiu. Com os "Menudos do Morumbi", foi campeão paulista e brasileiro, além de principal artilheiro. Além da quantidade, seus gols se destacavam pela qualidade, e logo chamaram a atenção do Napoli, que comprou o craque em 1987 para fazer dupla com ninguém menos que Diego Armando Maradona.

QUEM É ELE

- NOME: ANTONIO DE OLIVEIRA FILHO
- NASCIMENTO: 5/10/1960, EM ARARAQUARA (SP)
- POSIÇÃO: ATACANTE
- QUANDO JOGOU: DE 1983 A 1987
- TÍTULOS: CAMPEÃO BRASILEIRO EM 1986; CAMPEÃO PAULISTA EM 85 E 87

ZETTI

O goleiro que se tornou ídolo

Zetti é o goleiro que conquistou mais títulos com a camisa do São Paulo. Titular absoluto durante a era Telê, destacava-se pelo ótimo posicionamento e pela regularidade – mas, quando preciso, também fez milagres para salvar o Tricolor. Foi um desses milagres que ficou marcado na memória dos torcedores e o elevou definitivamente à condição de ídolo: na final da Libertadores de 1992, contra o Newell's Old Boys, Zetti defendeu a última cobrança dos argentinos, feita por Gamba, garantindo ao Tricolor seu primeiro título.

Quando chegou ao São Paulo, após mais de um ano encostado no Palmeiras, Zetti não poderia imaginar que voaria tão alto. Afinal, foi para o Tricolor cercado de dúvidas e ainda tinha que brigar com o ótimo Gilmar Rinaldi pela vaga de titular. Na primeira oportunidade que teve, firmou-se no gol do time do Morumbi, onde ficou de maneira ininterrupta até 1996.



ZETTI E RONALDÃO BEIJAM O TROFÉU DO MUNDIAL

QUEM É ELE

- NOME: ARMELINO DONIZETTI QUAGLIATTO
- NASCIMENTO: 10/1/1965, EM PORTO FELIZ (SP)
- POSIÇÃO: GOLEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1990 A 1996
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1992 E 93; CAMPEÃO DA LIBERTADORES EM 92 E 93; CAMPEÃO BRASILEIRO EM 91; CAMPEÃO PAULISTA EM 91 E 92; CAMPEÃO DA SUPERCOPA EM 93; CAMPEÃO DA RECOPA SUL-AMERICANA EM 93 E 94



RUY: PERFEITO NO COMBATE, MAS NÃO SÓ NISSO

RUY

Ele chegou do Rio de Janeiro e formou o trio que figura entre os mais famosos de toda a história do São Paulo Futebol Clube

Ruy, Bauer e Noronha. Mesmo os são-paulinos mais jovens, que pouco sabem sobre a longínqua década de 40, têm esses três nomes na cabeça. Essa foi a linha média mais famosa da história do São Paulo e uma das mais marcantes do futebol brasileiro em geral. E o primeiro nome desse trio é o de Ruy Campos, zagueiro clássico, perfeito na marcação e no desarme, e que também sabia como tratar a bola, quando ela estava em seus pés. Ruy começou a carreira no Rio de Janeiro, onde defendeu o Bonsucesso e o Fluminense antes de ir para o São Paulo. Com seu estilo calmo, técnico e cerebral, foi campeão paulista quatro vezes e ainda fez parte da grande Seleção Brasileira da Copa de 1950. Naquela Copa, não foi titular, assim como seus companheiros de linha média, porque o então treinador Flávio Costa preferiu o trio de jogadores do Vasco da Gama. Mas ainda assim Ruy escreveu seu nome entre os atletas que tiveram a chance e a honra de defender a seleção brasileira em um Mundial.

QUEM É ELE

- NOME: RUY CAMPOS
- NASCIMENTO: 2/8/1922, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: ZAGUEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1944 A 1953
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1945, 46, 48 E 49

BAIRRISMO?

●●● Na Copa do Mundo de 1959, o técnico Flávio Costa mantinha como titulares o trio de vascaínos formado por Eli, Danilo e Bigode. Mas, quando a seleção brasileira enfrentou a Suíça no Pacaembu, ele resolveu trocar a linha média inteira, com a entrada de Ruy e seus dois companheiros, Bauer e Noronha, todos do São Paulo.

BAUER

Craque revelado no próprio clube tricolor, ele se tornou o "Monstro do Maracanã" em 50

Revelado nas divisões de base do São Paulo, Bauer tinha as principais características que costumam ser associadas ao Tricolor: era um jogador clássico, elegante e inteligente. O volante marcava muito bem e também sabia sair jogando com a bola nos pés, tanto que às vezes avançava ao ataque, característica rara para alguém de sua posição nessa época. Seu desempenho nos títulos paulistas conquistados pelo São Paulo na segunda metade dos anos 40 lhe valeu um lugar na Copa de 50. Por sinal, ele foi o único paulista a ser titular naquele Mundial. Fez tão boa figura na competição que ganhou o apelido de "Monstro do Maracanã". No Tricolor, atuou por dez anos ao lado de vários parceiros, dos quais os melhores foram Ruy e Noronha. Filho de um suíço e de uma brasileira, ele escreveu seu nome na história alcançando cinco títulos paulistas com a camisa do clube tricolor que defendera desde menino, sendo campeão antes mesmo de chegar ao time profissional do São Paulo.

BAUER FOI UM JOGADOR DE ESTILO CLÁSSICO, REVELADO NAS PRÓPRIAS DIVISÕES DE BASE DO TRICOLOR



QUEM É ELE

- NOME: JOSÉ CARLOS BAUER
- NASCIMENTO: 21/11/1925, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: VOLANTE
- QUANDO JOGOU: DE 1946 A 1956
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1945, 46, 48, 49 E 53

ÍDOLOS ETERNOS

NORONHA

Grande marcador, ajudou o time a dominar o futebol dos anos 40



NORONHA JOGOU APENAS UMA PARTIDA NA COPA DO MUNDO DE 1950, CONTRA A SUÍÇA, NO PACAEMBU

Completando a fantástica linha média do São Paulo na década de 40, aparece Noronha. Ele formava uma linha tão bem entrosada com Ruy e Bauer que os três eram capazes de trocar de posição no meio de uma partida. Isso confundia muito os adversários, já que nos anos 40 os jogadores raramente abandonavam suas posições de origem.

Noronha jogava mais pelo lado esquerdo. Além de grande marcador, também contribuiu para o domínio do São Paulo nos anos 40 marcando alguns gols de cabeça. Graças à boa forma pelo Tricolor, esteve no grupo que disputou a Copa de 50, mas jogou apenas uma partida no Mundial – um empate de 2 a 2 contra a Suíça, no Pacaembu, em que atuou ao lado de seus companheiros Ruy e Bauer.

QUEM É ELE

- NOME: ALFREDO EDUARDO NORONHA
- NASCIMENTO: 25/9/1918, EM PORTO ALEGRE (RS)
- POSIÇÃO: LATERAL-ESQUERDO
- QUANDO JOGOU: DE 1942 A 1951
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1943, 45, 46, 48 E 49

ROGÉRIO CENI

Defesas sensacionais e gols não menos brilhantes. Quer mais?

A consagração de um goleiro costuma acontecer quando ele pega um pênalti. Embora já tenha defendido mais de uma dúzia de penalidades, Rogério Ceni consagrou-se do outro lado do gramado, cobrando faltas. Cada vez que uma infração é marcada para o Tricolor perto da área adversária a torcida começa a gritar seu nome. Foi assim na final do Campeonato Paulista de 2000, contra o Santos, quando Rogério marcou mais um de seus golachos de falta – hoje, o são-paulino corre atrás de Chilavert para se tornar o goleiro com mais gols marcados na história do futebol.

Mas não é só pelas faltas que Rogério se tornou o maior ídolo do São Paulo na era pós-Telê. Discípulo de Zetti, com quem aprendeu tudo sobre a arte de defender o gol, Rogério tem ótimo posicionamento e também é capaz de fazer defesas incríveis. Além disso, é um grande líder, comandando o Tricolor nos momentos decisivos. Articulado e provocador, é o jogador do São Paulo mais odiado pelas torcidas adversárias – e o mais estimado pela massa tricolor.

QUEM É ELE

- NOME: ROGÉRIO CENI
- NASCIMENTO: 22/1/1973, EM PATO BRANCO (PR)
- POSIÇÃO: GOLEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1993 EM DIANTE
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1993; CAMPEÃO DA LIBERTADORES EM 93; CAMPEÃO DO TORNEIO RIO-SÃO PAULO EM 2001; CAMPEÃO PAULISTA EM 98 E 2000; CAMPEÃO DO SUPERCAMPEONATO PAULISTA EM 2002; CAMPEÃO DA SUPERCOPA EM 93; CAMPEÃO DA COPA CONMEBOL EM 94; CAMPEÃO DA RECOPA SUL-AMERICANA EM 93 E 94

2 ➔

gols Rogério marcou no Figueirense em 17 de julho de 2004, um de falta e um de pênalti



ROGÉRIO JÁ DECIDIU JOGOS PARA O SÃO PAULO

MÜLLER

Gols e jogadas em altíssima velocidade, suas grandes marcas

Müller é um jogador tão talentoso que esteve entre as peças principais de duas das mais vitoriosas gerações do São Paulo. Na década de 80, ele despontou nos "Menudos do Morumbi", vencendo dois títulos paulistas e um brasileiro. Depois, foi titular absoluto do São Paulo bicampeão mundial. Não é à toa que ele é o jogador que conquistou mais títulos na história do Tricolor, um feito realmente incrível se pensarmos na quantidade de grandes craques que passaram pelo clube.

Müller era um jogador versátil, capaz de desempenhar várias funções no meio-de-campo. No começo da carreira, destacava-se mais pela velocidade e habilidade; depois, passou a ser conhecido pelas assistências e pelos gols.

Sua condição de ídolo da torcida foi cimentada nas duas mais importantes partidas da história do São Paulo: as finais da Copa Intercontinental, em Tóquio. Em 1992, foi de Müller o belo cruzamento que resultou no primeiro gol de Raí, que empatou a partida contra o Barcelona.

Em 1993, Müller marcou o gol da vitória, de calcanhar, meio que por acaso, em uma dividida com o goleiro Rossi. Depois saiu vibrando e provocando o italiano Costacurta.

QUEM É ELE

- NOME: LUIS ANTÔNIO CORREIA DA COSTA
- NASCIMENTO: 3/1/1966, EM CAMPO GRANDE (MS)
- POSIÇÃO: MEIO-CAMPISTA
- QUANDO JOGOU: DE 1984 A 1988 E 1991 A 1995 E 1996
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 92 E 93; CAMPEÃO DA LIBERTADORES EM 1992 E 93; CAMPEÃO BRASILEIRO EM 86 E 91; CAMPEÃO PAULISTA EM 85, 87, 91 E 92; CAMPEÃO DA SUPERCOPA EM 93; CAMPEÃO DA RE-COPA SUL-AMERICANA EM 93 E 94

VÁRIAS CAMISAS

- Müller é o único jogador a vestir a camisa dos cinco principais times paulistas: São Paulo, Santos, Corinthians, Palmeiras e Portuguesa. Para completar, ainda defendeu o São Caetano, que já figura entre os maiores.



MÜLLER ERA VELOZ E SABIA MARCAR GOLS, TANTO QUE FOI À COPA DO MUNDO DE 1986 COM 20 ANOS

MAURO

O verdadeiro "nome" da zaga



MAURO FOI CAMPEÃO MUNDIAL PELO BRASIL EM 62

Com 12 anos de serviços prestados ao São Paulo, Mauro pode ser considerado o maior zagueiro da história do Tricolor. Nos 444 jogos que disputou pela equipe, mostrou sempre sua grande categoria no trato com a bola, sua habilidade no jogo aéreo e excelente marcação – sabia anular os adversários sem precisar recorrer à violência. Tinha estilo.

Era um jogador tão elegante com a bola nos pés que ganhou o apelido de "Martha Rocha" (Miss Brasil em 1954). Discreto, mas de personalidade forte, Mauro foi um grande líder do São Paulo. Só não ficou no Tricolor até o fim da carreira devido a um desentendimento com o técnico Vicente Feola. Foi para o Santos já com 30 anos e, prova de sua imensa qualidade, virou ídolo por lá também, ganhando o bicampeonato mundial com o time de Pelé.

QUEM É ELE

- NOME: MAURO RAMOS DE OLIVEIRA
- NASCIMENTO: 30/8/1930, EM POÇOS DE CALDAS (MG)
- POSIÇÃO: ZAGUEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1948 A 1960
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 48, 49, 53 E 57

ÍDOLOS ETERNOS



POY FOI GRANDE GOLEIRO E TREINADOR TRICOLOR

POY

Goleiro argentino se tornou uma lenda no São Paulo com sua categoria e identificação

O argentino Jose Poy viveu uma verdadeira história de amor com o São Paulo. E esse amor foi correspondido pela torcida. Seu primeiro ano no Tricolor foi passado no banco de reservas, mas depois se tornou um dos grandes ídolos do time. Sua regularidade e segurança, especialmente nas saídas do gol, o mantiveram como titular durante toda a década de 50. Assim, completou 565 partidas na equipe, tornando-se o terceiro jogador na lista dos que mais vezes atuaram pelo São Paulo (atrás apenas de Valdir Perez e Rogério Ceni).

Na época da construção do Morumbi ele ajudou o clube vendendo cadeiras cativas e fazendo propaganda do projeto do estádio na praça Roberto Gomes Pedrosa. Depois de pendurar as chuteiras, deu alegrias para o São Paulo, como técnico. Revelou grandes jogadores e sagrou-se Campeão Paulista em 1975. Por tudo isso, a torcida são-paulina para sempre será grata à dedicação e ao amor de "Dom Jose".

QUEM É ELE

- NOME: JOSÉ POY
- NASCIMENTO: 14/4/1926, EM ROSARIO (ARGENTINA)
- POSIÇÃO: GOLEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1949 A 1962
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 53 E 57

GOLEIRO IMPORTADO

●●● Poy foi um goleiro tão bom que houve uma campanha para que ele se naturalizasse brasileiro antes da Copa de 1954. Seu sucesso na meta tricolor despertou essa polêmica, mas a idéia, no entanto, não foi adiante. Assim, o legendário arqueiro argentino não chegou a se tornar "brasileño".

PEDRO ROCHA

Uruguaio de talento puro e capacidade de armar e fazer gols

Chute forte, cabeçadas certas e grande visão de jogo. Essas eram as principais características do uruguaio Pedro Rocha, que chegou a ser apontado por Pelé como um dos cinco melhores jogadores que o Rei enfrentou em toda a sua brilhante carreira.

Em 1970, o São Paulo contratou Rocha junto ao Peñarol, poderoso time de Montevideu de então. O meio-campista já ostentava no currículo nada menos do que três títulos da Copa Libertadores da América. Nada mal, claro.

Apesar disso, "El Verdugo" (O Carrasco) não foi um sucesso imediato no Tricolor. Como Gérson já ocupava o lado esquerdo, Pedro Rocha teve que se adaptar a uma nova posição. Uma vez que se encontrou em campo vestindo a camisa do São Paulo, virou símbolo da elegância e eficiência que sempre caracterizaram o Tricolor do Morumbi em sua história de glórias.

Com Pedro Rocha, manteve-se a linhagem de ídolos estrangeiros são-paulinos, que antes teve nomes como Sastre e Poy e ainda teria outros grandes expoentes, como Darío Pereyra. Com a camisa 10, ele foi ídolo da torcida tricolor, marcando época no time justamente na retomada do São Paulo no caminho das vitórias, depois da construção do Morumbi.

QUEM É ELE

- NOME: PEDRO VIRGILIO ROCHA FRANCHETTI
- NASCIMENTO: 3/12/1942, EM SALTO (URUGUAI)
- POSIÇÃO: MEIO-CAMPISTA
- QUANDO JOGOU: DE 1970 A 1977
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1971 E 75

CURRÍCULO DE VITÓRIAS

●●● No Uruguai, Pedro Rocha acumulou muitos títulos, isso nos tempos em que o futebol uruguaio ainda figurava entre os melhores do planeta. Vestindo a camisa amarela e negra do Peñarol, ele conquistou sete títulos nacionais, além de três Copas Libertadores e dois Mundiais Interclubes.

17 ➔

gols Pedro Rocha fez no Brasileirão de 1972. É o único artífice estrangeiro do campeonato.



ROCHA TEVE QUE SE ADAPTAR A UMA NOVA POSIÇÃO

ROBERTO DIAS

Nos duros tempos da construção do Morumbi, ele foi o herói



A MARCAÇÃO IMPLACÁVEL ERA UMA DAS MAIORES CARACTERÍSTICAS DE ROBERTO DIAS NO SÃO PAULO

Roberto Dias é um verdadeiro herói são-paulino. Revelado nas categorias de base do Tricolor, foi o maior nome do clube durante toda a década de 60, a única em que o São Paulo não ganhou títulos, devido à construção do Morumbi. A obra do estádio monumental dragava praticamente todos os recursos financeiros do clube tricolor, o que resultou em um enfraquecimento do time de futebol. Mas o jogador encantava a torcida com sua maneira de jogar, de uma forma dura, mas sempre leal. Técnico e habilidoso, Dias era considerado um dos melhores marcadores de Pelé.

A carreira do zagueiro chegou ao auge em 1970, quando, auxiliado por astros recém-contratados como Gérson e Pedro Rocha, finalmente ganhou seu primeiro título pelo São Paulo. Sua passagem pelo clube só não teve mais glórias porque no ano seguinte um grave problema cardíaco o afastou dos gramados por mais de um ano. Quando se recuperou, foi jogar no futebol mexicano, mas deixou seu nome escrito na história do clube do Morumbi.

QUEM É ELE

- NOME: ROBERTO DIAS BRANCO
- NASCIMENTO: 7/1/1943, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: ZAGUEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1961 A 1973
- TÍTULOS: CAMPEÃO PAULISTA EM 1970 E 71

DARÍO PEREYRA

No meio de campo ele era bom, mas na zaga se tornou o melhor

Aliando garra, velocidade, vigor físico e muita técnica, Darío Pereyra foi um sucessor mais que digno para outro uruguaio que fez história no São Paulo: Pedro Rocha. Assim como seu conterrâneo, o "Rei Darío" chegou ao Tricolor para atuar no meio-de-campo, mas não foi bem nos primeiros meses. Sua presença passou a ser, inclusive, questionada pelos mais apressados, que passaram a duvidar da utilidade de sua contratação pelo São Paulo. Darío Pereyra só explodiu quando foi deslocado para jogar como quarto-zagueiro, em uma emergência. Seu desempenho na posição foi tão bom que ele se fixou na zaga, embora ocasionalmente atuasse como volante – além de marcar e desarmar os adversários muito bem, Darío tinha um chute forte e costumava apoiar o ataque, tendo marcado 39 gols pelo São Paulo Futebol Clube.

QUEM É ELE

- NOME: ALFONSO DARÍO PEREYRA BUENO
- NASCIMENTO: 20/10/1956, EM MONTEVIDÉU (URUGUAI)
- POSIÇÃO: ZAGUEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1977 A 1988
- TÍTULOS: CAMPEÃO BRASILEIRO EM 1977 E 86; CAMPEÃO PAULISTA EM 80, 81, 85 E 87

NATAÇÃO NÃO

●●● Em fevereiro de 1982, Darío Pereyra quase morreu afogado. O jogador nadava no mar quando foi arrastado para longe. Se salvou graças a uma lancha que passava.



DARIO FOI GRANDE NO MEIO-CAMPO E NA ZAGA

ÍDOLOS ETERNOS

FRANÇA

Ele se tornou um dos maiores goleadores do time tricolor



QUEM É ELE

- NOME: FRANÇOALDO SENA DE SOUZA
- NASCIMENTO: 2/3/1976, EM CODÓ (MA)
- POSIÇÃO: ATACANTE
- QUANDO JOGOU: DE 1996 A 2002
- TÍTULOS: CAMPEÃO DO TORNEIO RIO-SÃO PAULO EM 2001; CAMPEÃO PAULISTA EM 1998 E 2000; CAMPEÃO DO SUPERCAMPEONATO PAULISTA EM 2002

FRANÇA FESTEJOU GOLS 182 VEZES

Tímido e retraído, França chegou ao São Paulo sem fazer alarde. Mas demorou pouco tempo para a torcida perceber do que o atacante era capaz. Logo em uma de suas primeiras partidas, contra o Rio Branco, pelo Campeonato Paulista de 1996, França acertou no ângulo um belo gol de bicicleta, digno de um Leônidas da Silva. Era uma amostra do talento do jogador, que se tornaria o quarto maior artilheiro da história do São Paulo, com 182 gols marcados em 323 partidas disputadas.

Ao lado de Luís Fabiano, mostrou que além de finalizador sabe colocar os colegas na "cara" do gol. Mas a vida de França no Tricolor não foi só de alegrias. Introverso e um pouco inseguro, o craque se deixava abalar pelos boatos de transferências para a Europa, e seu rendimento caía. Além disso, teve alguns problemas com contusões, que o deixaram de fora de partidas importantes da equipe. Apesar dos percalços, França é, ao lado de Luís Fabiano, o melhor atacante do São Paulo na era pós-Telê Santana.

12 →

gols marcou França na campanha que deu ao clube o título paulista de 1998. Ele foi o artilheiro, barrando o então badalado Dodô, que na final cedeu lugar a Raí, que voltava

TONINHO CEREZO

Veterano, ele chegou ao clube para ser campeão mundial

Toninho Cerezo, o São Paulo repetiu mais uma vez sua fórmula de contratar craques veteranos (e às vezes desacreditados) para fazê-los brilhar mais uma vez com a camisa tricolor. Ídolo do Atlético-MG, Cerezo chegou ao time já aos 36 anos de idade e reeditou sua parceria com o técnico Telê Santana, com quem trabalhou na Copa de 82.

O veterano volante foi peça importante nas conquistas do São Paulo em 1992 e 93, contribuindo para o time tanto com sua experiência quanto com a qualidade de seu futebol, que se mantinha inalterada apesar da idade, afinal estava mais para os 40 do que perto dos 30 anos quando chegou ao clube.

A categoria de Cerezo ajudou muito. Seus lançamentos, passes precisos, além de experiência no futebol italiano foram decisivos, especialmente no duelo de 1993 pelo título mundial, ganho pelo tricolor sobre o Milan.

QUEM É ELE

- NOME: ANTÔNIO CARLOS CEREZO
- NASCIMENTO: 21/4/1955, EM BELO HORIZONTE (MG)
- POSIÇÃO: VOLANTE
- QUANDO JOGOU: DE 1992 A 1993 E 1995
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1992 E 93; CAMPEÃO DA LIBERTADORES EM 93; CAMPEÃO PAULISTA EM 92; CAMPEÃO DA SUPERCOPA EM 93; CAMPEÃO DA RECOPA SUL-AMERICANA EM 93

DO OUTRO LADO

●●● Na final do campeonato brasileiro de 1977, quando o São Paulo ganhou seu primeiro título nacional, Toninho Cerezo defendeu o rival do tricolor na decisão, o Atlético Mineiro. Desperdiçando uma das cobranças, involuntariamente ajudou o time paulista a ganhar o troféu na disputa de pênaltis.



CEREZO CHEGOU AO SÃO PAULO AOS 36 ANOS PARA COMANDAR

LEONARDO

Chegou como lateral, se tornou meia e vestiu a camisa 10 tricolor



LEONARDO FOI LATERAL E MEIO-CAMPO TRICOLOR

Leonardo é um dos craques que fizeram a fama do São Paulo como um time diferenciado. Jogador refinado e inteligente, Leonardo aliou aos dribles rápidos e passes precisos uma formação incomum para jogadores de futebol: além de ter cursado duas faculdades, aprendeu os idiomas de todos os países em que jogou (português, francês, japonês, espanhol e italiano). Prova de seu preparo intelectual é que, depois que se aposentou, virou dirigente do Milan.

No São Paulo, Leonardo jogou como lateral-esquerdo em sua primeira passagem e como meio-campista em sua segunda, substituindo o amigo Raí (junto com quem, em 2001, criaria a Fundação Gol de Letra). Em ambas, foi importantíssimo para a equipe e figurou entre os melhores jogadores do Brasil, o que lhe valeu uma participação na Copa do Mundo de 1994, quando começou como titular até ser expulso no jogo contra os Estados Unidos e suspenso, o que possibilitou a entrada do reserva imediato, Branco. Posteriormente, jogaria também o Mundial de 1998, então como homem de meio-campo, posição na qual viria a se fixar.

QUEM É ELE

- NOME: LEONARDO NASCIMENTO DO ARAÚJO
- NASCIMENTO: 5/6/1969, EM NITERÓI (RJ)
- POSIÇÃO: MEIO-CAMPISTA
- QUANDO JOGOU: DE 1990 A 1991, DE 1993 A 1994 E 2001
- TÍTULOS: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1993; CAMPEÃO BRASILEIRO EM 91; CAMPEÃO PAULISTA EM 91; CAMPEÃO DA SUPERCOPA EM 93; CAMPEÃO DA RECOPA SUL-AMERICANA EM 93

MESMA ORIGEM

●●● Leonardo foi o mais recente jogador nascido em Niterói (RJ) a brilhar no São Paulo. Antes, Zizinho e Gérson também se destacaram vestindo a camisado time tricolor paulista. Outra curiosidade: os três iniciaram suas carreiras defendendo o Flamengo. Leonardo voltaria, ao final da carreira, a jogar no tricolor e no rubro-negro.

OSCAR

O zagueiro da Seleção na Copa do Mundo de 1982 foi do tricolor

Oscar formou ao lado de Dário Pereyra a melhor dupla de zaga da história do São Paulo. Essa é a opinião de muitos tricolores que ainda sentem saudades dos dois, que realmente se completavam no setor. Era difícil batê-los, tamanha a categoria da zaga são-paulina daquele começo de década de 80. Assim como o uruguaio, Oscar era excelente na marcação e no posicionamento e efficientíssimo no desarme. Além disso, avançava ao ataque para tentar gols de cabeça, entrando sempre na corrida, em velocidade, para pegar impulso e testar com força contra o gol adversário. Para completar, ele foi um grande líder, sendo capitão do São Paulo e da Seleção Brasileira, da qual foi titular na legendária equipe de 1982. Por tudo isso, foi uma das grandes figuras que fizeram do Tricolor o time paulista mais bem-sucedido da década de 80.

QUEM É ELE

- NOME: JOSÉ OSCAR BERNARDI
- NASCIMENTO: 20/6/1954, EM MONTE SIÃO (MG)
- POSIÇÃO: ZAGUEIRO
- QUANDO JOGOU: DE 1980 A 1987
- TÍTULOS: CAMPEÃO BRASILEIRO EM 1986; CAMPEÃO PAULISTA EM 80, 81, 85 E 87

ANDARILHO

●●● Oscar começou na Ponte Preta (atuou de 1972 a 1979), passou pelo Cosmos, de Nova York (1979 e 1980) e São Paulo (1980 a 1987). Foi um dos pioneiros no futebol do Japão, defendendo o Nissan (1987 a 1990).



OSCAR DEFENDEU A SELEÇÃO E O SÃO PAULO

UNIFORMES

Mística tricolor

Com as cores dos clubes precursores, Paulistano e A.A. das Palmeiras, o São Paulo criou os modelos exclusivos e bem diferentes dos três rivais, Corinthians, Palmeiras e Santos



COMO É HOJE

■ **CAMISETA** - Feita pela Topper e com patrocínios da LG (principal, na frente e nas costas) e Habib's (nas mangas), a camisa número um, branca, destaca-se dos modelos recentes por voltar a contar com faixas nas costas, sobre os números. Já a camisa dois ganhou listras menores, mais finas, como no início dos anos 90, áureos tempos do time.

■ **CALÇÃO** - O calção oficial do São Paulo sempre foi o branco. Hoje, ele continua assim, com o escudo e o logo do patrocinador. O clube, porém, usa o preto, geralmente com a camisa dois, quando o adversário tem a prioridade para vestir o da cor branca.

■ **MEIAS** - A cor oficial é a branca. Para diferenciar, há a segunda opção, preta.

As cores do São Paulo Futebol Clube são as mesmas da bandeira do Estado. O vermelho, preto e branco reunidos, na verdade, têm como origem a fusão dos clubes que o originaram, o Paulistano (branco e vermelho) e a Associação Atlética das Palmeiras (branco e preto). Em 1930, quando os dois se juntaram para formar o São Paulo da Floresta, os dois uniformes se fundiram e surgiu o modelo que dura até hoje, branco com duas faixas horizontais: uma vermelha e outra preta. O escudo sempre esteve no centro do peito.

O segundo uniforme, no início, tinha as listras verticais nas três cores e na mesma proporção. Pouco depois, na fundação do São Paulo Futebol Clube, em dezembro de 1935, a branca ficou mais fina, separando as rubro-negras. Desde então, mudanças só nos detalhes. Em 1957, a número dois ganhou golas pólo, brancas.

Em 1969, o uniforme branco passou a ter gola redonda com friso tricolor. No ano seguinte, as faixas vermelhas e pretas da camisa dois se tornam mais grossas, com gola vermelha. Em 1980, o São Paulo ganha marca do material es-

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ Toda a vez que um novo fornecedor de material esportivo chega ao São Paulo os conselheiros vão logo dando o aviso: o tricolor tem apenas dois uniformes. Eles não admitem o terceiro, usado por outros clubes para jogos amistosos. Idéias nunca faltaram desde então. Camisa toda preta com faixas horizontais brancas e vermelhas ou camisa toda vermelha. Nenhuma, porém, foi aprovada até hoje.

portivo na camisa e no calção. Com Le Coq Sportif, fatura o bi paulista em 1980/81.

Em 1984, troca o fornecedor pela Adidas. Nessa época, o time já utilizava patrocínio no uniforme. No mesmo ano, foi criado um modelo alternativo, todo branco, sem listras horizontais. Não agradou. Como o de 1985, branco, sem listras, uma manga vermelha e outra preta.

Em 1987, a gola "V" passa a ser utilizada na camisa. No mesmo ano o time acerta o patrocínio da Coca-Cola, a primeira a colocar a marca na parte frontal da camisa branca. Antes, o patrocínio era somente nas costas. Em 1991, o clube mudou para IBF Formulários e Penalty. Com a nova camisa, conquistou seus principais títulos na Era de Telê Santana e Raí.

De 1993 a 1996, a TAM substituiu a IBF. Em 1996, com a volta da Adidas, calção e meias pretas alternativos, para não usar cores iguais às dos adversários. Em 1999, com a Penalty, a camisa dois ganha faixas maiores, quase o dobro da tradicional. Em 2004, com a Topper, as camisas ganharam estilo "retrô".

A EVOLUÇÃO DAS CAMISAS



■ **1930** - O São Paulo da Floresta une as cores dos clubes precursores - Paulistano (vermelho) e A. A. das Palmeiras (preto), e cria seu primeiro uniforme.



■ **1930** - O segundo uniforme tem as três listras da mesma espessura, na vertical, um desenho diferente da que viria a se tornar tradicional.



■ **1935** - O uniforme tricolor deixa de ter as listras verticais no mesmo tamanho. A listra branca fica mais fina, como ainda é utilizada hoje em dia.



■ **1980** - A logomarca da empresa que fornecia o material esportivo, no caso a grife francesa Le Coq Sportif, aparece em detalhes na camisa e no calção.



■ **1984** - É criado pela primeira vez um uniforme número três, que não agradou. Em 1985, foi usado outro, com uma manga vermelha e outra preta.



■ **1987** - A Coca-Cola torna-se a primeira empresa a estampar sua logomarca nas camisas do São Paulo como patrocinadora do time de futebol tricolor.

MAIORES ARTILHEIROS

Rei dos gols

Poucos são os clubes brasileiros que ostentam, na galeria dos maiores artilheiros, craques como Leônidas da Silva e Rai, além de centroavantes ótimos, como Serginho, Teixeirinha e França

Com 242 gols pelo São Paulo nas décadas de 70 e 80, o centroavante Serginho Chulapa tornou-se o maior artilheiro do Tricolor em todos os tempos, superando até o lendário Gino Orlando

SERGINHO

- NOME: SÉRGIO BERNARDINO
- GOLS: 242
- NASCIMENTO: 23/12/1953, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: CENTROAVANTE
- QUANDO JOGOU: 9 ANOS (1973 E 1974-1982)
- TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO BRASILEIRO EM 1977 E PAULISTA EM 75, 78, 80 E 81



Centroavante com técnica razoável, mas grande poder de finalização, o canhoto Serginho Chulapa chegou no Morumbi em 1973, atuando como ponta-esquerda. Questionado no início, acabou emprestado ao Marília, onde marcou 10 gols no Paulistão daquele ano. O bom desempenho lhe valeu o retorno ao Morumbi, mas ainda como ponta, sua posição original. Em 1974, ano do retorno, o centroavante titular, Mirandinha, que estivera na Copa do Mundo de 1974 como reserva, quebrou a perna, deixando a posição para Serginho. E ele soube aproveitar a chance de forma inesperada para muitos.

Com a camisa 9, Serginho marcou época no Tricolor com muitos gols. Durante os anos 70 e 80, o atacante balançou as redes 242 vezes, superando o antigo artilheiro de todos os tempos, Gino Orlando, que marcou dez gols a menos. Jogador oportunista, Chulapa dificilmente era parado pelos zagueiros quando arancava em direção ao gol. Dentro da área, aproveitava o porte físico avantajado para ganhar dos adversários. Fora da área, usava outra arma poderosa: seus chutes de esquerda.

Não era só. Serginho sempre foi um sujeito grande e brigão. Ao invés de ser intimidado pelos zagueiros, era ele quem intimidava. Coitado daquele que se achesse a marcar o Chulapa individualmente. Quando recebia a bola de costas para o gol, o artilheiro são-paulino girava o corpo para finalizar como poucos. Era quase impossível marcar o centroavante quando executava a jogada mais característica.

Campeão e artilheiro paulista em 1975, artilheiro paulista em 1977 e campeão Brasileiro no mesmo ano, Serginho acabou sofrendo com seu temperamento polêmico quando atravessava uma grande fase no Morumbi. Em 1978, acabou suspenso por 14 meses do futebol após chutar a canela do bandeira Wandervaldo Rangel com um chute na canela e uma cabeçada. Foi em uma partida contra o Botafogo, em Ribeirão Preto (SP). As imagens correram pela TV. Serginho disparando na direção do auxiliar e, irritado, desferindo os golpes no bandeira.

Apesar do longo período fora dos gramados, ele voltou em 1980 com o mesmo faro de gol. Foi artilheiro do time na campanha do título paulista daquela temporada, e repetiu a dose em 1981. Nesses dois anos, ainda marcou gols nas finais. Em 1980, fez o do título na vitória por 1 a 0 sobre o Santos, e em 1981, marcou um dos 2 a 0 em cima da Ponte Preta - Renato fez o outro gol do time tricolor. Já em 1982, ele jogou a Copa do Mundo como titular sob o comando de Telê Santana. Não foi tão bem. Muitos acreditam que, no estilo mais disciplinado imposto pelo técnico, Serginho se descaracterizou, não foi o mesmo. Naquele ano ainda foi vice-campeão paulista, Chulapa deixou o Morumbi para jogar no Santos, onde também brilharia.

O Tanque do Morumbi

Primeiro jogador a superar a marca dos 200 gols no São Paulo, Gino Orlando era um centroavante trombador, lutador, muito voluntarioso e também oportunista, que usava, bem demais, o seu físico para superar os zagueiros adversários. Ele, que chegou ao clube em 1952, costumava ficar na área, sempre à espera de um cruzamento ou um vacilo da zaga inimiga para estufar as redes. Fez isso 232 vezes, sempre contando com a ajuda dos habilidosos companheiros que teve em sua época. O próprio jogador chegou a declarar o segredo de tantos gols pelo Morumbi: "Também com o Maurinho numa ponta e o Canhoteiro na outra..." De fato, ficava bem mais fácil, mas isso não tirou o brilho de Gino.

Campeão paulista em 1953 e 1957 e artilheiro do Torneio Rio-São Paulo de 1958, com 12 gols, ele atuou pelo São Paulo até o dia 6 de abril de 1963. Torcedor fanático do Tricolor, acabou voltando ao clube em 1969 para trabalhar como administrador do estádio do Morumbi. Nesse cargo, permaneceu até não poder mais. Em 2002, quando foi afastado por problemas de saúde, Gino morreu no dia 24 de abril de 2003, aos 74 anos, em São Paulo (SP).

Prova de amor ao clube

Jogador que ficou mais tempo no Tricolor, Teixeira teve uma carreira marcada pela regularidade. Jogador técnico, estreou no São Paulo em 1939, atuando como centroavante. No ano seguinte, 1940, o atleta acabou descobrindo sua verdadeira posição, indo para a ponta-esquerda. Usando uma de suas principais armas, a velocidade, Teixeira gostava



GINO, NO SÃO PAULO PRATICAMENTE ATÉ A MORTE

GINO ORLANDO

- NOME: GINO ORLANDO
- GOLS: 232
- NASCIMENTO: 3/9/1929, EM SÃO PAULO (SP)
- POSIÇÃO: CENTROAVANTE
- QUANDO JOGOU: 12 ANOS (1952-1963)
- TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO PAULISTA EM 1953 E 57



OTÉCNICO LEÔNIDAS (À ESQUERDA) COM TEIXEIRINHA (DE GORRO) E OUTROS DOIS JOGADORES DO ELENCO

MAIORES ARTILHEIROS

Ex-reserva que fez história no Tricolor

●●● Quando chegou ao São Paulo, vindo do XV de Jaú, em 1996, o atacante França ainda era visto como uma mera promessa. Reserva durante dois anos, ficou famoso por entrar no final das partidas e quase sempre deixar o seu golzinho (foi assim que fez um sensacional, de bicicleta, contra o Rio Branco de Americana, pelo Campeonato Paulista de 1996). Atacante habilidoso, de finalizações surpreendentes e precisas, França teve sua grande chance no Paulistão de 1998. Com 12 gols, sendo um na final contra o Corinthians, foi o artilheiro do campeonato e virou o novo xodó da torcida, desbancando Dodô, que perdeu a vaga no time titular e ficou no banco na final do torneio, quando Raí, retornando da França, reassumiu seu lugar entre os titulares. Desde então, o jogador só fez crescer suas estatísticas pelo clube. Em 2000, França foi novamente artilheiro e campeão do Campeonato Paulista, e em 2001, repetiu a dose no Rio-São Paulo. Com 182 gols em 323 jogos, uma média de 0,56 gol por partida, França despertou o interesse do futebol alemão em 2002, e foi para o Bayer Leverkusen pela bela cifra de US\$ 12 milhões. Mas já deixou seu nome na história do São Paulo Futebol Clube



FRANÇA: ARTILHEIRO QUE SE FIRMOU NA TEMPORADA 1998 E PARTIU PARA O FUTEBOL DA ALEMANHA

FRANÇA

■ NOME: FRANÇOALDO SENA DE SOUZA
 ■ GOLS: 182
 ■ NASCIMENTO: 2/3/1976, EM CODÓ (MA)
 ■ POSIÇÃO: ATACANTE
 ■ QUANDO JOGOU: 7 ANOS (1996-2002)
 ■ TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO PAULISTA (1998 E 2000) E DO TORNEIO RIO-SÃO PAULO (2001)

TEIXEIRINHA

■ NOME: ELISIO DOS SANTOS TEIXEIRA
 ■ GOLS: 184
 ■ NASCIMENTO: 4/3/1922, EM SÃO PAULO (SP)
 ■ POSIÇÃO: PONTA-ESQUERDA
 ■ QUANDO JOGOU: 18 ANOS (1939-1956)
 ■ TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO PAULISTA EM 1943, 45, 46, 48, 49 E 53

VOCE SABIA ?

■ ■ ■ O atacante Teixeira é o jogador que mais tempo jogou pelo São Paulo, permanecendo durante 16 anos e sete meses. Ele chegou em agosto de 1939 e só foi sair em março de 1956, após 533 partidas pelo Tricolor. Seu recorde de participações com a camisa do clube só foi batido, curiosamente, por três goleiros: Waldir Peres, Poye e Rogério Ceni.

de correr rente a lateral, deixando o marcador para trás, e só virando para a direita, para fazer o cruzamento a poucos metros da linha de fundo.

Maior artilheiro do São Paulo no clássico contra o Corinthians (fez 11 gols), o ex-ponta-esquerda chegou a marcar quatro num único jogo com a camisa Tricolor, em 1946, na esmagadora vitória por 7 a 1 no amistoso contra o Flamengo. Terceiro maior artilheiro do São Paulo com 184 gols, Teixeira atuou dessa forma até 1956, quando estava com 34 anos.

Ele era fã de Luizinho e também chegou a jogar com craques como Leônidas, Sastre e Remo. Quando percebeu a chegada de um novo fenômeno no clube, Canhoteiro, decidiu partir para a Portuguesa Santista antes de encerrar de vez a carreira. Muito respeitado no São Paulo, Teixeira utilizou durante as décadas de 40 e 50 o armário número 1 do Morumbi, um sinal de prestígio com os companheiros pela sua postura dentro e fora de campo, a ponto de ser capaz de abrir caminho para um jovem talentoso, quando da chegada de Canhoteiro, e deixar o São Paulo.

O maior campeão da história

Se Müller é contestado por alguns torcedores pela polêmica maneira que deixou o Morumbi em 1994 e 1996, forçando sua saída para outros clubes, sua trajetória pelo Tricolor não deixa dúvidas de que o atacante foi um dos maiores jogadores da história são-paulina. Quando despontou para o futebol, em 1985,

MÜLLER

■ NOME: LUÍS ANTÔNIO CORREIA DA COSTA
 ■ GOLS: 158
 ■ NASCIMENTO: 31/1/66, EM CAMPO GRANDE (MS)
 ■ POSIÇÃO: ATACANTE
 ■ QUANDO JOGOU: 10 ANOS (1984-1988; 1991-1994; E 1996)
 ■ TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 92 E 93, DA TAÇA LIBERTADORES EM 1992 E 93, BRASILEIRO EM 1986 E 91, DA SUPERCOPA DA LIBERTADORES EM 1993, E PAULISTA EM 1985, 87, 91 E 92



MÜLLER DEIXOU O CLUBE DE FORMA POLÊMICA, MAS VOLTOU AO SÃO PAULO MELHOR E AINDA GOLEADOR

“O Brasil teve três deuses: Friedenreich, Leônidas e Pelé. Só os dois primeiros se completaram, pois jogaram no São Paulo”

JOSÉ A. BASTOS NETO, EX-PRESIDENTE

LUIZINHO

- NOME: LUIZ MESQUITA DE OLIVEIRA
- GOLS: 145
- NASCIMENTO: 20/3/1911, NO RIO DE JANEIRO (RJ)
- POSIÇÃO: PONTA-DIREITA
- QUANDO JOGOU: 14 ANOS (1930-1936 E 1940-1946)
- TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO PAULISTA EM 1931, 43, 45 E 46

era um atacante que aliava velocidade e objetividade no time do São Paulo, montado por Cilinho. Conhecido como um dos Menudos Tricolores, Müller fazia parte de um sensacional ataque com Careca e Sidney. Artilheiro do Campeonato Brasileiro de 1987, o craque foi para a Itália, em 1988, e em seu retorno, voltou melhor ainda. Jogando com mais inteligência e com a mesma velocidade, se tornou, além de goleador, um Rei nas assistências. Foi assim que ajudou o clube a conquistar os títulos mais importantes de sua história (Brasileiro de 1991, Paulistas de 1991 e 1992, Libertadores e Mundial de 1992 e 1993, e Supercopa de 1993). Presente em todas as decisões, Müller foi fundamental no bicampeonato Mundial em 1993, quando marcou, de calcanhar, meio sem querer, o gol da vitória sobre o Milan, por 3 a 2.

Diamante valioso

Taxado absurdamente de “bonde” quando foi contratado pelo São Paulo, por 200 contos de réis, na época a transação mais cara do futebol sul-americano, Leônidas da Silva chegou ao clube em 1942, com 29 anos. Maior

O primeiro grande artilheiro

●●● Ponta-direita habilidoso, driblador e velocista, Luizinho marcou época no São Paulo com seus cruzamentos precisos e chutes fortes e certos. Artilheiro do Campeonato Paulista de 1944, com 22 gols, esteve no São Paulo em dois períodos, sendo campeão nas duas passagens. Em 1931, no primeiro título da história do clube, Luizinho teve, mais uma vez, participação importantíssima. Na sua volta ao Tricolor, foi campeão em 1943, 1945 e 1946, quando foi o pivô de uma briga histórica. Luizinho deu uma entrada duríssima no lendário goleiro Oberdan, do Palmeiras, justamente seu ex-clube, pelo qual balançou as redes adversárias em 123 oportunidades. Com 145 gols em 221 partidas, tem a média de 0,66 gols por jogo pelo clube, a quinta melhor entre todos os jogadores da história do São Paulo. Goleador nato, alcançou uma proeza também ao marcar quatro gols em quatro partidas diferentes: 11 a 0 no Internacional (SP), em 1932, 8 a 2 no São Paulo Railway, em 1944, e 7 a 0 no Juventus e 7 a 1 no Barretos, ambos em 1946, uma marca que dificilmente será igulada por outro artilheiro que venha a vestir a camisa do São Paulo.



LUIZINHO: GOLEADOR EM DOIS VELHOS RIVAIS

SASTRE

MAIORES ARTILHEIROS



LEÔNIDAS: UM DOS MAIORES DE TODA HISTÓRIA

Ídolo da época, o centroavante calou os críticos corintianos e palmeirenses e elevou o São Paulo definitivamente à condição de grande clube. Logo em sua estréia, contra o Corinthians, no Pacaembu, arrastou um público de 74.078 pessoas. Um recorde que perdurou até 1978. Jogador de extrema agilidade, malícia, elasticidade, produzia lances fenomenais e inesperados. Conhecido como Homem Borracha e Diamante Negro, Leônidas é o artilheiro com a quarta melhor média de gols no clube: 0,66, graças aos 140 que assinalou em seus 211 jogos pelo Tricolor. Considerado o pai da bicicleta por muitos, Leônidas jogou por 10 anos no São Paulo, conquistando cinco paulistas. "O Brasil teve três deuses do futebol: Friedenreich, no amadorismo, Leônidas, no romantismo, e Pelé no profissionalismo. Porém apenas os dois primeiros se completaram como jogadores, pois tiveram o privilégio de jogar no São Paulo", declarou certa vez o ex-presidente do clube, José Augusto Bastos Neto.

Flecha tricolor

LEÔNIDAS DA SILVA

- NOME: LEÔNIDAS DA SILVA
- GOLS: 140
- NASCIMENTO: 6/9/1913, NO RIO DE JANEIRO (RJ)
- POSIÇÃO: CENTROAVANTE
- QUANDO JOGOU: 10 ANOS (1942-1951)
- TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO PAULISTA EM 1943, 45, 46, 48 E 49



RAÍ DEMOROU UM POUCO, MAS BRILHOU NO SÃO PAULO E SE TORNOU UM DOS MAIORES ARTILHEIROS DE TODA A HISTÓRIA DO CLUBE TRICOLOR

- NOME: RAÍ VIEIRA DE OLIVEIRA
- GOLS: 128
- NASCIMENTO: 15/5/1965, EM RIBEIRÃO PRETO (SP)
- POSIÇÃO: MEIA
- QUANDO JOGOU: 10 ANOS (1987-1993 E 1998-2000)
- TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES EM 1992, DA TAÇA LIBERTADORES EM 1992 E 93, BRASILEIRO EM 91 E PAULISTA EM 1987, 91 E 92

Ponta-direita extremamente veloz, driblador e de cruzamentos perfeitos, Maurinho, foi, além de tudo isso, um grande artilheiro com a camisa do São Paulo. Em sete anos pelo clube, o jogador conquistou dois títulos paulistas: em 1953 e 1957. No último deles, arrumou uma tremenda confusão com o goleiro Gilmar, do Corinthians. Autor do terceiro gol na vitória por 3 a 1, Maurinho chegou a perguntar em qual conta o goleiro gostaria que ele tocasse a bola.

O gol garantiu o título ao Tricolor, o primeiro numa decisão contra o rival. "O Maurinho fez o terceiro gol e foi provocar o goleiro Gilmar. Irritado, ele foi para cima do nosso atacante e começou aí uma grande confusão. No final, fizemos uma grande comemoração pela conquista", lembra o ex-companheiro De Sordi. Com 133 gols em 328 jogos, Maurinho foi para a Copa do Mundo de 1954, época em que defendia a camisa Tricolor. Em 1995, com 62 anos, o ex-ponta-direita morreu em São Paulo.

Comandante e goleador

Raí demorou um pouco para engrenar no Morumbi e deixar o estigma de jogador lento

MAURINHO

- NOME: MAURO RAPHAEL
- GOLS: 133
- NASCIMENTO: 6/6/1933, EM ARARAQUARA (SP)
- POSIÇÃO: PONTA-DIREITA
- QUANDO JOGOU: 7 ANOS (1952-1958)
- TÍTULOS PELO CLUBE: CAMPEÃO PAULISTA EM 1953 E 57

para trás. Contratado em 1987, começou a brilhar apenas na temporada 1989, com o título paulista. Mas foi em 1991, quando levou o time ao título Brasileiro, sendo o artilheiro da equipe com sete gols, que despontou como o cérebro do Tricolor. Ainda em 1991, em pleno auge da carreira, virou ídolo são-paulino com suas jogadas de técnica, objetividade e criatividade.

Com passes precisos e muitos gols, liderou o São Paulo na conquista do Paulistão. Foi o artilheiro da competição com 20 gols e decisivo na final contra o Corinthians, quando marcou os três gols na vitória por 3 a 0. Autor do gol do

gol de pênalti na final do primeiro título da Libertadores do time, em 1992, Raí teve seu melhor momento na disputa do Mundial Interclubes daquele mesmo ano, contra o Barcelona. Com um gol de barriga no primeiro tempo, que serviu para empatar o jogo em 1 a 1, e outro, de falta, na segunda etapa, ele garantiu o título mais importante da história do clube.

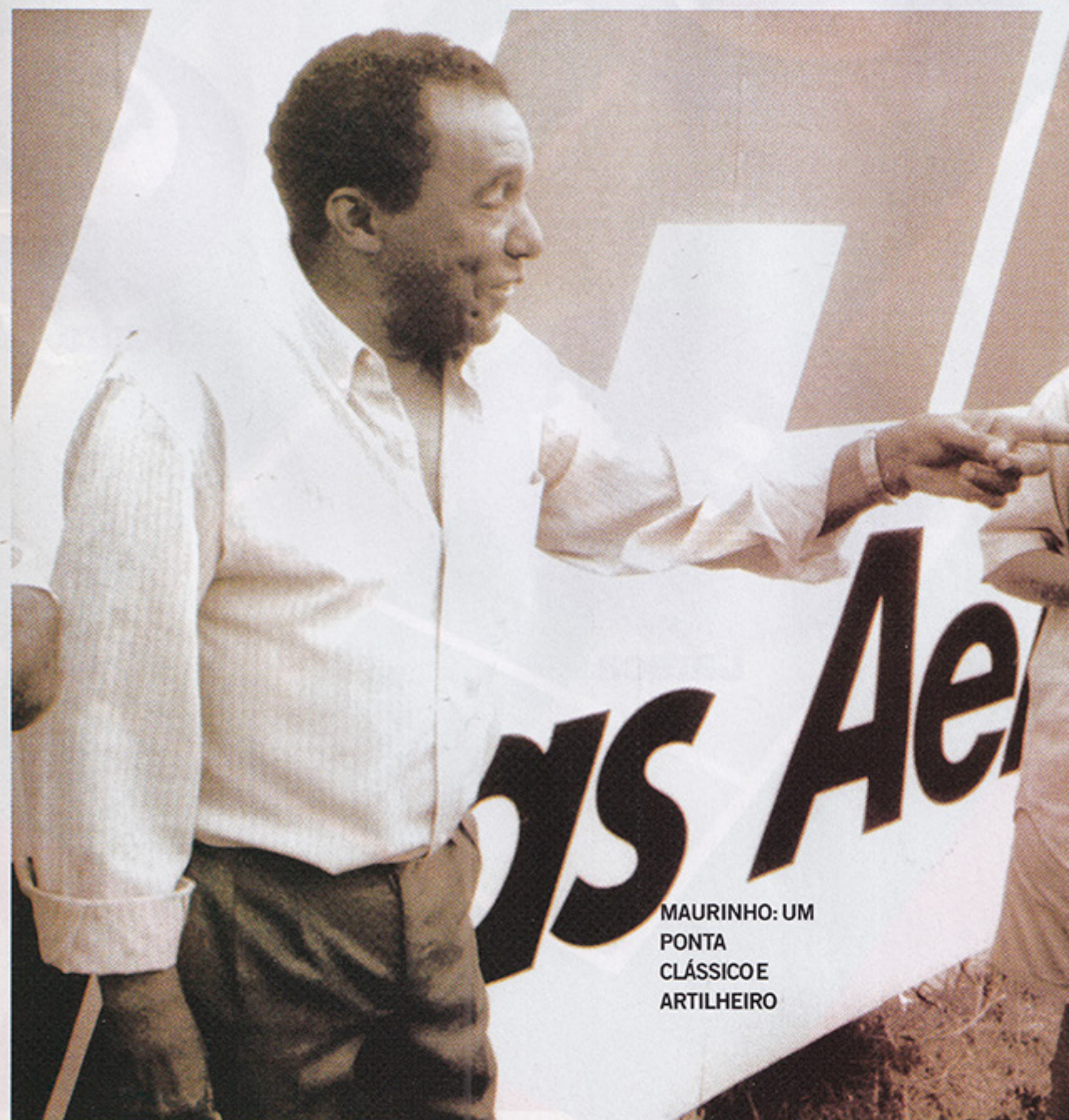
Em 1998, quando voltou ao clube, chegou com o mesmo estilo de artilheiro e vencedor. Logo na estréia, justamente na final contra o Corinthians, abriu o placar na decisão e ajudou o time a vencer por 3 a 1 e conquistar mais um título estadual. Ficou claro que Raí e São Paulo foram criados mesmo um para o outro.

Artilheiro no jejum

Centroavante oportunista e com grande faro de gol, Prado teve uma média de meio gol por partida pelo São Paulo durante os anos 60. Fez 123 em 243 jogos, tornou-se o artilheiro da equipe no período, mas sofreu por não dar um título sequer ao clube. Autor de quatro gols na vitória por 8 a 0 sobre o Noroeste, no Campeonato Paulista de 1965, Prado também não conseguiu ser goleador do Paulistão em sua época, já que teve pela frente a concorrência de Pelé, do Santos. De fato, era difícil superar, ainda mais na fase difícil do São Paulo, que construía o Morumbi. Em 1966, no Campeonato Paulista, destacou-se também com atuações nos clássicos diante do Corinthians. No dia 18 de setembro, fez um dos gols na goleada por 3 a 0. Pouco depois, no dia 4 de dezembro, marcou mais um na vitória por 2 a 1.

PRADO

- NOME: ANTÔNIO FRANCISCO BUENO DO PRADO
- GOLS: 123
- NASCIMENTO: 13/5/40, EM CATANDUVA (SP)
- POSIÇÃO: CENTROAVANTE
- QUANDO JOGOU: 7 ANOS (1961-1967)
- TÍTULOS PELO CLUBE: NENHUM



MAURINHO: UM PONTA CLÁSSICO E ARTILHEIRO

OS 10 MAIS

Jogador	Gols	Jogos
Serginho	242	393
Gino Orlando (52-63)	232	450
Teixeirinha (39-56)	184	533
França	182	323
Muller	158	380
Luizinho 30-36 e 40-46	145	221
Leônidas da Silva 42-51	140	211
Maurinho 52-58	133	328
Raí	128	377
Prado 61-67	123	243

SELEÇÃO TRICOLOR

Torcedores de diferentes gerações escolhem os maiores craques da história tricolor



Cafu



Rai



Muller



Pedro Rocha



Careca

de



Oscar



Zetti



toninho Cerezo



Dario Pereyra



Gerson



Leonardo

O melhor todos os tempos

Imagine o supertime bicampeão do mundo em 1992/93, reforçado de uma dupla de zagueiros que atuaram pelo São Paulo alguns anos antes e por dois meias geniais que defenderam o tricolor há cerca de três décadas. A eleição do melhor time são-paulino de todos os tempos resulta numa grande equipe, uma seleção – todos defenderam as equipes de seus países em Copas do Mundo. Eis o timaço: Zetti, Cafu, Darío Pereyra, Oscar, Leonardo, Pedro Rocha, Toninho Cerezo, Raí, Gérson, Muller e Careca. Como diria o próprio Gérson, “Canhotinha de Ouro”: “É brincadeira”.

Raí foi o mais votado de todos os 60 jogadores que receberam votos de torcedores do São Paulo

Raí foi o mais votado, com 18 citações, batendo Müller por um voto. Depois vêm Cafu (16), Leonardo (15), Careca (13), Darío Pereyra (13), Gérson (12), Oscar (12), Zetti (12) e Toninho Cerezo (10). Esses formaram o grupo dos que chegaram a dez votos. O uruguaio Pedro Rocha, com nove, foi o único titular dessa superequipe que não chegou a uma dezena de lembranças dos torcedores, famosos e anônimos.

Diz o hino do clube que “as suas glórias vêm do passado”, mas os que elegeram esse São Paulo de toda a história não voltaram tanto assim no tempo. Nomes de peso como Canhotoiro (8 votos), Serginho Chulapa (7), Mauro Ramos de Oliveira (6), Leônidas (6), Roberto Dias (5), e Zizinho (3), entre outros tantos, ficaram de fora. Difícil entrar nessa lista de maiores.

Curiosamente, dois jogadores revelados há poucos anos nas divisões de base do Morumbi

Time eleito pelos são-paulinos concentra jogadores das décadas de 70, 80 e 90, tendo como base o time bimundial de 1992/93

e que estiveram na seleção brasileira pentacampeã mundial em 2002 foram quase que ignorados pelos torcedores. Denilson e Kaká tiveram apenas um voto cada um. Pelo visto, ambos não deixaram muitas saudades nos corações tricolores, afinal, fizeram grandes partidas com a camisa do São Paulo e estão atuando em importantes times do futebol europeu, em especial o camisa 22 do Milan.

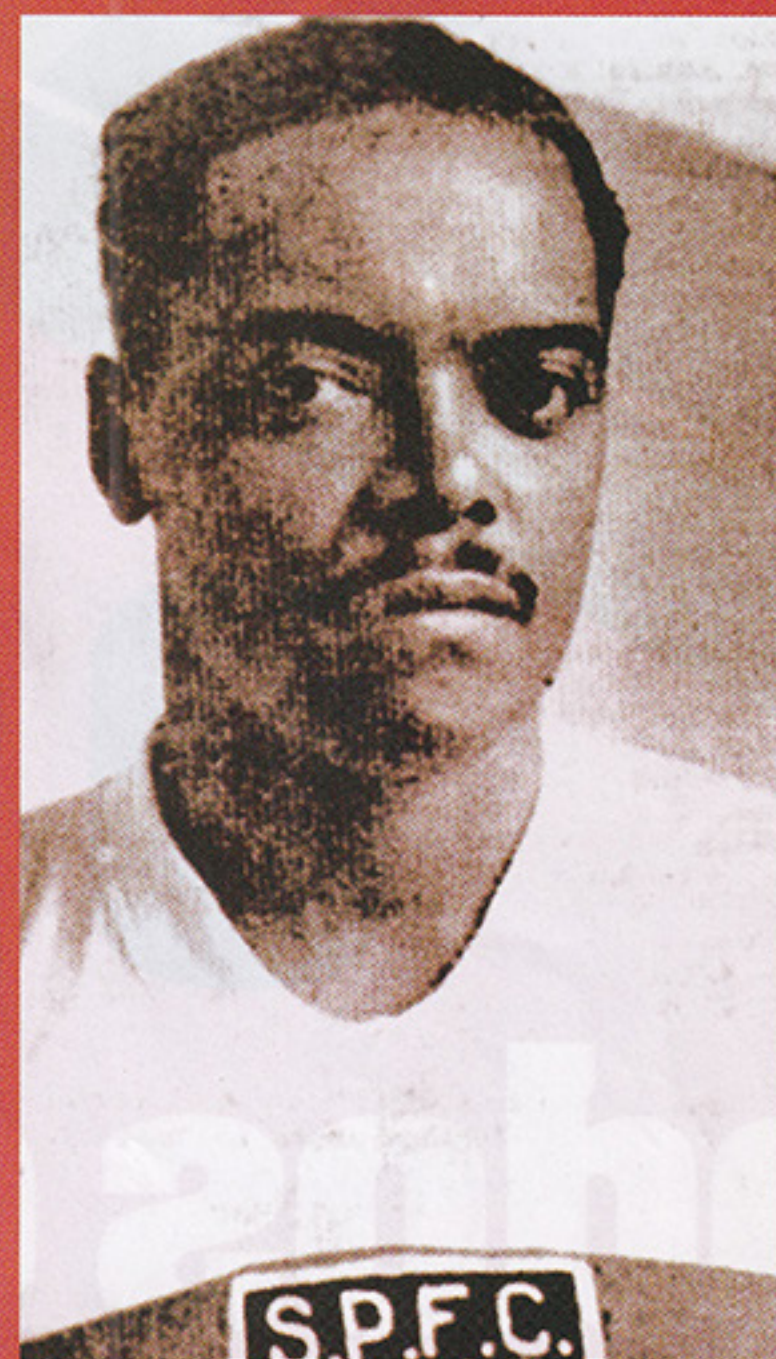
Da famosa linha média dos anos 50, Bauer, com cinco votos, e Noronha, com três, ainda apareceram, mas Ruy sequer foi lembrado pelos são-paulinos. Um dos nomes mais marcantes da história do clube, foi esquecido.



O CRAQUE RAÍ EM MAIS UMA CONQUISTA DE LIBERTADORES, CONTRA A UNIVERSIDAD CATOLICA



ZIZINHO É BEIJADO: TÍTULO HISTÓRICO EM 1957



LEÔNIDAS: BICICLETAS E TÍTULOS NO TRICOLOR

OS VOTOS DOS SÃO-PAULINOS

Confira os jogadores votados pelos torcedores do São Paulo entre os melhores de toda a história

Alexandre Velloso,

26, consultor

Time: Zetti, Cafu, Ricardo Rocha, Antônio Carlos, Leonardo, Falcão, Raí, Kaká, Pita, Muller e Careca

André Luis Garcia,

32, advogado

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Leonardo, Toninho Cerezo, Silas, Raí, Muller, Serginho Chulapa e Zé Sérgio

Aurélio Miguel,

40, vereador e ex-judoca

Time: Rogério Ceni, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Leonardo, Gérson, Raí, Pita, Muller, Leônidas e Zé Sérgio

Benedito Ruy Barbosa,

73, escritor

Time: Rogério Ceni, Procópio, Mauro, Roberto Dias, Noronha, Bauer, Sastre, Raí, Luizinho, Leônidas e Canhoteiro

Cássio Gabus Mendes,

43, ator

Time: Rogério Ceni, Forlán, Oscar, Darío Pereyra, Leonardo, Chicão, Raí, Gérson, Pedro Rocha, Careca e Paraná

Cristiano Guedes,

29, administrador

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Ricardo Rocha, Leonardo, Toninho Cerezo, Falcão, Raí, Pita, Muller e Careca

Danilo Domene,

35, diretor de criação

Time: Valdir Perez, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Leonardo, Chicão, Palhinha, Raí, Gérson, Careca e Serginho Chulapa

Eduardo Azevedo,

29, publicitário

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Serginho, Marcio Araújo, Toninho Cerezo, Raí, Leonardo, Muller e Careca

Evandro Ribeiro,

32, fotógrafo

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Nelsinho, Gérson, Toninho Cerezo, Raí, Muller, Careca e Serginho Chulapa



Fernando Rejani Miyazaki,

20, estudante

Time: Zetti, Leonardo, Roberto Dias, Darío Pereyra, Cafu, Chicão, Falcão, Gérson, Raí, Canhoteiro e Leônidas

Guilherme Afif Domingos,

61, empresário

Time: Poy, De Sordi, Mauro, Roberto Dias, Gilberto, Falcão, Gérson, Pedro Rocha, Muller, Careca e Canhoteiro

Henri Castelli,

26, ator

Time: Zetti, Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Válber, Leonardo, Chicão, Raí, Toninho Cerezo, Pita, Muller e Careca

José Paulo de Andrade,

62, jornalista

Time: Zetti, Cafu, Mauro, Roberto Dias, Leonardo, Bauer, Toninho Cerezo, Raí,

Muller, Serginho Chulapa e Canhoteiro

Luis Eduardo Martines,

36, ortodontista

Time: Valdir Perez, Getúlio, Darío Pereyra, Oscar, Nelsinho, Pedro Rocha, Chicão, Raí, Zé Sérgio, Careca e Muller

Luiz Carlos de Paes Alves,

59, engenheiro

Time: Poy, De Sordi, Mauro, Dino, Bauer, Noronha, Cláudio, Gérson, Leônidas, Zizinho e Canhoteiro

Marco Aurélio Cunha,

50, gerente de futebol do São Paulo

Time: Rogério Ceni, Forlán, Oscar, Darío Pereyra, Leonardo, Chicão, Raí, Pedro Rocha, Muller, Careca e Pita

Ney Gonçalves Dias,

60, jornalista

Time: Rogério Ceni, Cafu, Mauro,

Bauer, Leonardo, Gérson, Zizinho, Pedro Rocha, Muller, Leônidas e Canhoteiro

Nilton Valia,

47, gerente de vendas

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Serginho, Leonardo, Falcão, Pedro Rocha, Raí, Muller e Serginho Chulapa

Paraná,

62, ex-jogador

Time: Rogério Ceni, Cafu, Bellini, Roberto Dias, Riberto, Theodoro, Zizinho, Gérson, Terto, Toninho Guerreiro e Canhoteiro

Pedro Rocha,

62, técnico e ex-jogador

Time: Valdir Perez, Forlán, Paranhos, Arlindo, Gilberto, Chicão, Muricy, Gérson, Renato, Serginho Chulapa e Zé Sérgio

Rodrigo do Amaral Souza,

47, diplomata

Valdir Perez, De Sordi, Mauro, Darío Pereyra, Noronha, Bauer, Gérson, Pedro Rocha, Maurinho, Leônidas e Canhoteiro

Sylvio Campos,

33, publicitário

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Leonardo, Toninho Cerezo, Pedro Rocha, Raí, Muller, Careca e Denilson

Wagner Gomes,

38, empresário

Time: Rogério Ceni, Cafu, Ricardo Rocha, Ronaldão, Leonardo, Toninho Cerezo, Palhinha, Raí, Muller, Serginho Chulapa e Zé Sérgio

Zetti,

39, técnico e ex-jogador

Time: Zetti, Cafu, Adilson, Ronaldão, Nelsinho, Toninho Cerezo, Raí, Pita, Muller, Careca e Edivaldo

Fernando Rodrigues,

41, jornalista

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Darío Pereyra, Serginho, Toninho Cerezo, Chicão, Pedro Rocha, Gérson, Muller e Careca

A TORCIDA





Movidos pela fé no tri da Copa

Torcida são-paulina crava marcas de Primeiro Mundo nos jogos do time tricolor pela Libertadores, com Morumbi cheio em todos os jogos, chegando a superlotar em partidas. Tudo pelo terceiro título

A torcida do São Paulo passou uma década inteira esperando pela oportunidade de voltar à disputa da Copa Libertadores da América. Na década passada, foram logo três finais consecutivas: as do bicampeonato sul-americano em 1992 (vitória nos pênaltis sobre o Newell's Old Boys da Argentina) e 1993 (massacre em cima do Universidad do Chile), e a fatídica partida contra os argentinos do Vélez Sarsfield, e 1994, quando o tri não se tornou realidade. Antes, o clube fora vice em 1974, perdendo a decisão para o Independiente, da Argentina.

O Tricolor passou perto do retorno à Copa por várias vezes, perdendo incríveis finais, como a Copa do Brasil de 2000 (Cruzeiro 2 a 1 em Belo Horizonte com gol no final da partida) e da Copa dos Campeões 2001, disputada no Nordeste (o título ficou com o Flamengo). Com isso, havia certa ansiedade entre os torcedores são-paulinos, que aguardavam o retorno à maior competição internacional de clubes das Américas.

O retorno ocorreu com o São Paulo se classificando entre os primeiros do Campeonato Brasileiro de 2003. Assim, na temporada 2004 o time reapareceu, em grande estilo, na Libertadores. A torcida cansou de lotar o Morumbi, fazendo autênticas festas para empurrar o time rumo a mais um título sul-americano. Ninguém, nem mesmo Corinthians

e Flamengo, donos das maiores torcidas do País, jamais conseguiu levar tantos torcedores em jogos da Copa quando a disputaram.

Com a ajuda de sua torcida, o São Paulo acumulou 18 vitórias consecutivas como mandante na Copa Libertadores. A série teve início em 14 de abril de 1992, com uma vitória sobre o Bolívar, e terminou na goleada sobre os venezuelanos do Deportivo Táchira, em 2004. Na partida seguinte, a equipe não obteve os três pontos, mas apenas um, no 0 a 0 com o traiçoeiro time do Once Caldas, da Colômbia. Na série de 18 triunfos seguidos, o São Paulo marcou 42 gols e sofreu nove.

O São Paulo conseguiu chegar a três decisões consecutivas na Copa Libertadores da América

A força da torcida no Morumbi evoca números que impressionam, afinal, nem mesmo o Boca Juniors com sua "Caixa de Bombons" obteve índice de aproveitamento tão elevado. São 29 vitórias em 40 jogos disputados no estádio Cícero Pompeu de Toledo, ou seja, em casa, o aproveitamento são-paulino passa dos 80%. Estão enganados os que vêem o Morumbi como um estádio neutro.

A TORCIDA



DIA E NOITE, DOMINGO OU QUARTA-FEIRA, SÃO PAULO É FESTA NA LIBERTADORES

A GRANDE TORCIDA TRICOLOR LEVA O TIME ÀS VITÓRIAS NOS JOGOS EM SÃO

A lucratividade da Libertadores para os cofres são-paulinos é flagrante. Os jogos em casa deram ao clube mais de R\$ 5 milhões limpinhos, num intervalo curtíssimo, menos de quatro meses. Campeonatos como o Paulista e o Brasileiro não rendem cifras desse naipe ao clube tricolor. Apenas nos cinco primeiros jogos em casa pela Libertadores, o São Paulo atraiu quase a metade do público que assistiu às suas

Nem o poderoso Boca Juniors e sua fanática torcida, na Bombonera, têm marcas como as do São Paulo

partidas em todas as 46 partidas do Brasileiro de 2003. Incrível! Como a renda é do mandante, após os descontos da Conmebol (10%), Federação Paulista de Futebol (5%) e CBF (5%), o dinheiro que fica com o clube mostra que o esforço para chegar ao torneio continental compensa. Ao menos para quem tem uma torcida ligada em Libertadores como a do São Paulo Futebol Clube. Ainda em 2003, os dirigentes lançaram cinco camarotes no Mo-

HISTÓRIAS REAIS



Torcida surgiu em viagem pela América

●●● A paixão dos são-paulinos pela Copa Libertadores vêm de longa data. A Torcida Independente, maior facção do clube, por exemplo, nasceu a partir de uma viagem internacional de um grupo de são-paulinos que acompanhavam o time fora do País em pleno torneio sul-americano. Foi em março de 1972, quando o time foi ao Paraguai encarar Cerro Portenho e Olímpia. O time perdeu para as equipes paraguaias, naqueles tempos duríssimos de Libertadores com raros jogos transmitidos ao vivo pela TV, pressões dentro e fora de



campo, além de arbitragens no mínimo suspeitas. E em meio à viagem surgiu a idéia de alguns torcedores, que, então integrantes da extinta TUSP (Torcida Uniformizada do São Paulo) resolveram criar o novo grupo, que se tornaria o maior nas arquibancadas em jogos do Tricolor. Até hoje segue a tradição do tricolor na Libertadores.



NAS ARQUIBANCADAS DO MORUMBI, A FESTA DA TORCIDA TRICOLOR, DONA DO MAIOR ESTÁDIO DO ESTADO E DA MELHOR MÉDIA EM COPA LIBERTADORES NO

rumbi, alugando-os rapidamente – por três anos – ao preço de R\$ 250 mil cada. Se for feito um comparativo entre a presença de público do São Paulo no Morumbi nas partidas pela Libertadores e as dos torcedores dos demais clubes brasileiros que chegaram à edição 2004, as diferenças saltam aos olhos. Cruzeiro, Santos, Coritiba e São Caetano não se aproximaram nem um pouco das marcas são-paulinas.

Classificação do time à Libertadores acelerou até a venda de camarotes no Estádio do Morumbi

Não é para menor. A média acima dos 56 mil torcedores pagantes nas seis partidas disputadas pelo torneio em 2004 no Morumbi é superior à do Real Madrid em jogos pela Liga dos Campeões, equivalente à Libertadores na Europa. Nessas partidas, em casa, os fanáticos atraíram pouco mais de 54 mil pessoas, em média, na temporada 2003/2004. Time da elite? Time do povão? São Paulo, é o time da fé.

Público tricolor só cabe no Morumbi

●●● Dizem que o estádio que está sempre cheio, com torcida pressionando o adversário, clima de pressão e muita festa fica em Buenos Aires. É assim que muitos vêem La Bombonera, o famoso campo do Boca Juniors. Mas na Libertadores não é bem assim. Ninguém levou mais torcedores ao campo do que o tricolor paulista na Copa disputada em 2004.

Nos seis jogos do São Paulo em seu retorno ao torneio após dez longos anos o sucesso de público nos jogos do time tricolor em seu estádio, o Morumbi, foi absoluto. Mais de R\$ 4 milhões ficaram nas bilheteria, com mais de 330 mil fanáticos passando pelas catracas. Números impressionantes, que ajudaram a equipe a se manter invicta em seus domínios na Copa Libertadores.

CASA SEMPRE CHEIA

A torcida tricolor presente na Libertadores

Data	Jogo	Renda(R\$)	Público
26 de Fevereiro	São Paulo 3 x 1 Cobreloa	494.273	54.748
10 de Março	São Paulo 1 x 0 LDU	477.807	52.177
7 de Abril	São Paulo 3 x 1 Alianza Lima	382.939	42.784
12 de Maio	São Paulo 2 x 1 Ros. Central	743.746	59.413
26 de Maio	São Paulo 4 x 1 Dep.Táchira	751.185	56.755
16 de Junho	São Paulo 0 x 0 Once Caldas	1.200.351	70.504

Totais	Renda(R\$): 4.050.301	Público: 336.381
Médias	Renda(R\$): 675.050	Público: 56.063

PESQUISA LANCE!-IBOPE

A torcida que mai

São-paulinos deixaram para trás clubes que se gabavam da popularidade de outros

A torcida do São Paulo foi, indiscutivelmente, a que mais cresceu nos últimos 20 anos, reflexos diretos da vitoriosa Era de Telê Santana, Raí e todos os que levaram o Tricolor ao sucesso. Êxito traduzido no bicampeonato da Copa Libertadores e do Mundial interclubes, e também no terceiro título brasileiro da história são-paulina, sem falar em várias conquistas regionais do time.

São 13,3 milhões de torcedores do São Paulo Futebol Clube, a terceira maior legião de fãs de todo o Brasil, atrás apenas de Flamengo e Corinthians, que há décadas ocupam, sempre nesta ordem, os dois primeiros lugares no ranking dos times mais populares do futebol brasileiro. O Palmeiras (11,8 milhões), que se orgulhava de ser o segundo mais popular time do Estado mais populoso estado brasileiro, ficou para trás, assim como o Vasco da Gama (10 milhões), que se autodenominava o terceiro time em torcida no Brasil.

São mais de 13,3 milhões de torcedores do São Paulo espalhados por todo o Brasil, a terceira maior legião de fãs

O crescimento da torcida do São Paulo é incrível, mesmo no período recente, não tão farto em termos de títulos importantes. Na pesquisa Lance! realizada em 2001, os são-paulinos eram 5,9% da torcida brasileira. Três anos depois, esse percentual saltou para 7,3%. Times como Cruzeiro (6,7 milhões) e Grêmio (6,4 milhões), somados, têm menos simpatizantes do que o Tricolor paulista.

Santos (4,9 milhões), Internacional (4,7 milhões) e Atlético Mineiro (3,6 milhões), por exemplo, têm que se reunir para chegar perto do volume de torcedores que o São Paulo possui espalhados pelo Brasil. Equipes tradicionais como Botafogo (2,7 milhões), Fluminense (2,2 milhões) e Bahia (2 milhões) não têm cada uma, mais do que 20% da Nação são-paulina.

Dentro do Estado de São Paulo, o Tricolor se firma como a segunda maior força popular, atrás apenas do Corinthians. Hoje tem 19% da preferência dos torcedores paulistas, deixando o Palmeiras no terceiro lugar, com 13,3%.



... cresce no Brasil

... como o Vasco da Gama e o velho rival do Estado de São Paulo, o Palmeiras

Se o São Paulo FC fosse...

... um Estado brasileiro*



1. São Paulo	37,0
2. Minas Gerais	17,8
3. Rio de Janeiro	14,3
4. SPFC	13,3
5. Bahia	13,0
6. Rio Grande do Sul	10,1
7. Paraná	9,5
8. Pernambuco	7,9
9. Ceará	7,4
10. Pará	6,1
11. Maranhão	5,6
12. Santa Catarina	5,3
13. Goiás	5,0
14. Paraíba	3,4

15. Espírito Santo	3,0
16. Piauí	2,8
17. Alagoas	2,8
18. Amazonas	2,8
19. Rio G. do Norte	2,7
20. Mato Grosso	2,5
21. Mato Grosso do Sul	2,0
22. Distrito Federal	2,0
23. Sergipe	1,7
24. Rondônia	1,3
25. Tocantins	1,1
26. Acre	0,5
27. Amapá	0,4
28. Roraima	0,3

... um país das Américas*



1. Estados Unidos	280
2. Brasil	163**
3. México	103
4. Colômbia	41
5. Argentina	37
6. Canadá	31
7. Peru	27
8. Venezuela	25
9. Chile	15
10. SPFC	13

11. Equador	13
12. Guatemala	13
13. Cuba	11
14. Rep. Dominicana	9
15. Bolívia	8
16. Haiti	7
17. Honduras	7
18. El Salvador	6
19. Paraguai	6
20. Nicarágua	5
21. Uruguai	3

* números aproximados, em milhões de pessoas ** sem os 13 milhões de são-paulinos

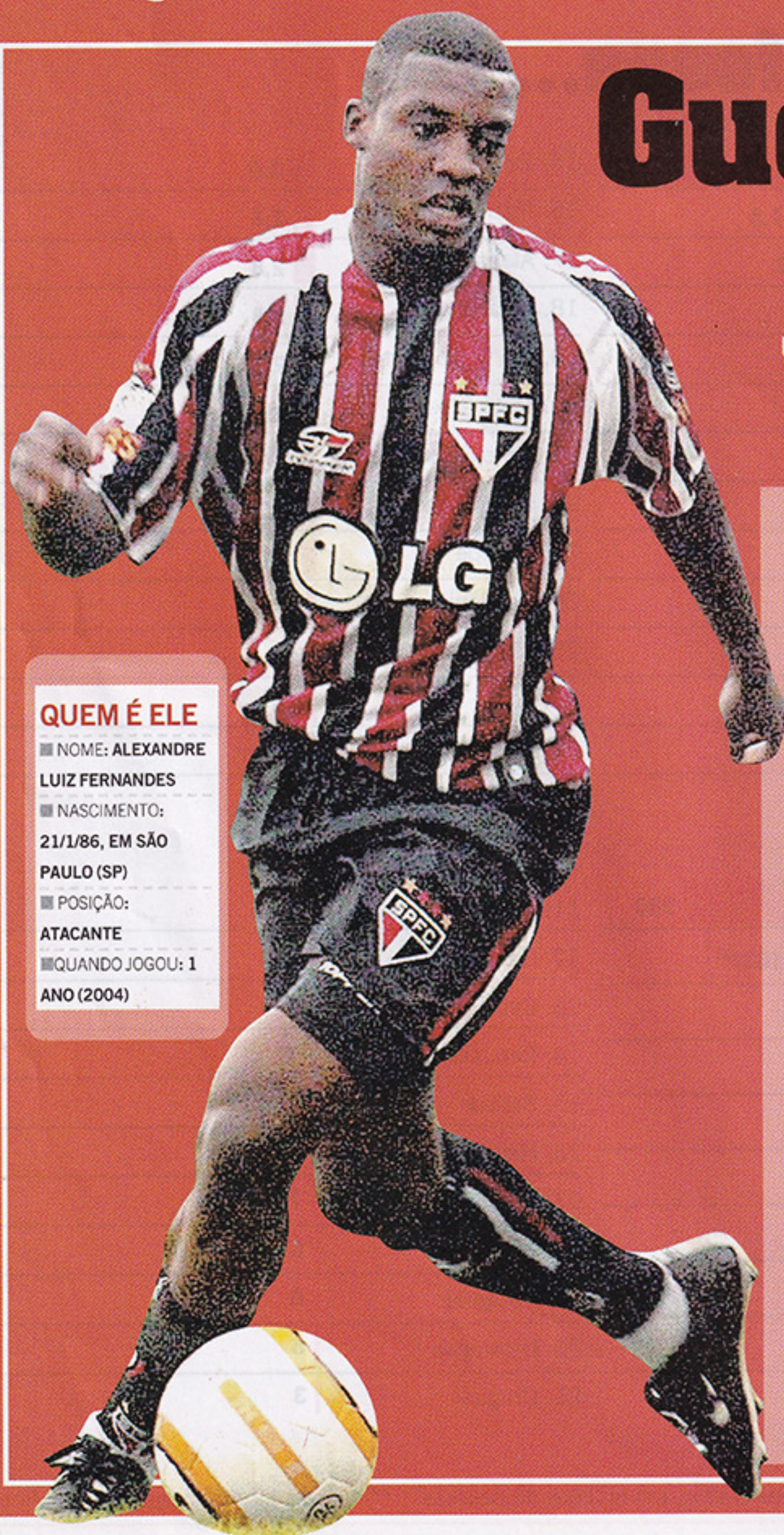
O FUTURO

Clube modelo

Com uma excelente infra-estrutura, o São Paulo valoriza as categorias de base. O grande número de craques formados é o maior exemplo de êxito

Guerreiro Alê

Revelado pelo São Paulo no início da temporada 2004, o volante conquistou uma vaga entre os titulares e também um lugar na Seleção Brasileira Sub-20 com seu futebol de raça e muita eficiência



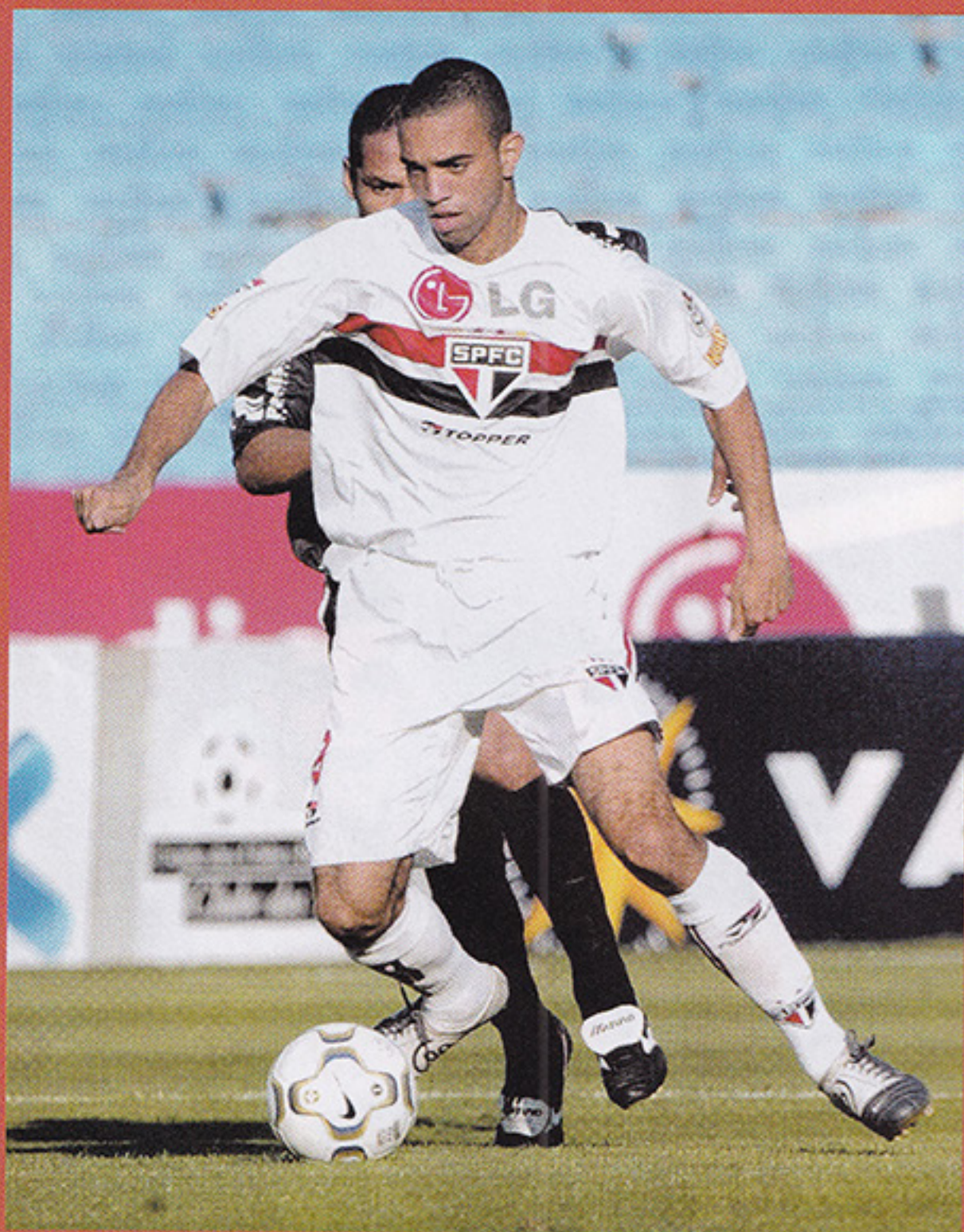
QUEM É ELE

■ NOME: ALEXANDRE
LUIZ FERNANDES
■ NASCIMENTO:
21/1/86, EM SÃO
PAULO (SP)
■ POSIÇÃO:
ATACANTE
■ QUANDO JOGOU: 1
ANO (2004)

No começo de 2004, o São Paulo, com recém-chegado técnico Cuca, tinha como volantes Fábio Simplicio, revelado no Tricolor, e Alexandre, para a disputa do Paulistão e Libertadores. Em janeiro, o jovem Alê, de 18 anos, era a referência da equipe de juniores que ficou com o vice-campeonato da Copa São Paulo da categoria. No segundo semestre, com a saída da dupla de volantes Simplicio e Alexandre para a Europa, Alê ganhou a primeira chance no time principal. E não decepcionou.

Jogador de grande vigor físico e muita determinação nas disputas de bola, Alê foi logo conquistando a confiança de Cuca e, depois, do técnico Emerson Leão, que o substituiu no comando da equipe. Tanto, que em sua segunda partida já assumiu a posição de titular, no clássico contra o Santos, na Vila Belmiro. Com as boas apresentações, Alê, o jogador mais novo do São Paulo no Brasileirão 2004, garantiu a vaga na equipe principal e passou a fazer dupla com o experiente volante César Sampaio. Dessa forma, colocou outros candidatos no banco, como Zé Ramalho, ex-Atlético Paranaense, Adriano, titular em 2003, Ramalho, campeão da Copa do Brasil pelo Santo André, e até mesmo Renan, companheiro de juniores.

No final de 2004, o volante Alê teve sua recompensa pela boa temporada e acabou convocado pela Seleção Brasileira Sub-20, para um torneio em Miami (EUA). A lembrança de seu nome, no entanto, irritou os dirigentes são-paulinos que desejavam ter o jogador com o Tricolor na reta final do Brasileirão, tamanha a sua importância na equipe. "Ele tem sido nosso titular e é uma perda muito grande", disse, irritado, o técnico Leão na época.



DIEGO TARDELLI: ESPERANÇA SÃO-PAULINA NO JOGADOR FEITO EM CASA



KAKÁ: CRAQUE INTERNACIONAL REVELADO NAS DIVISÕES DE BASE DO CLUBE

Craques tipo exportação

Modelo de organização e estrutura para clubes do mundo todo, o São Paulo, há três décadas, é o clube que mais investe e valoriza as categorias de base. Frequentemente, o Tricolor tem suas instalações para as categorias de base visitadas por representantes de alguns dos principais clubes da Europa e da Ásia, que aparecem no clube querendo aprender um pouco da fórmula são-paulina para revelar novos craques. Em 2004, para aumentar a integração entre suas categorias de base, o São Paulo passou a utilizar o complexo Sportville, em Barueri, município vizinho à capital paulista.

Lá, fica o alojamento e local de treinamento das equipes infantil (14 e 15 anos), juvenil (16 e 17) e júnior (sub-20). O técnico Cilinho, campeão paulista de 1985 e famoso por revelar os craques Müller, Silas e Sidney, é o supervisor técnico das categorias amadoras. Com ele, estão ainda ex-jogadores como técnicos, como Vizzoli, do time juvenil, e Pita, dos juniores.

A organização do São Paulo, é claro, vem dando ótimos resultados. Primeiro com a conquista de títulos importantes, como a Copa São Paulo de Juniores em 1993 e 2000, e o bi Paulista Sub-20 em 1999-2000. Vale lembrar

HISTÓRIAS REAIS



Expressinho dá título internacional ao clube

●●● Em 1993 e 1994, quando o São Paulo disputava diversos campeonatos simultâneos, a saída foi montar um time reserva. Só assim para encarar dois a três jogos semanais. Esse grupo disputava os jogos considerados menos importantes. O "Expressinho", tinha um técnico, Muricy Ramalho, coordenado por Telê Santana. Na Copa Conmebol 1994, com reservas e juniores o São Paulo foi campeão. Lá estavam o lateral Vítor, o zagueiro Bordon, o meia Emerson e os atacantes Denílson e Catê. Além deles, Rogério Ceni e Juninho Paulista, dois pentacampeões de 2002.

que o time foi vice em 1992, 1994, 2001 e 2004. Ou seja, está sempre chegando à final.

Além disso, a cada ano o Tricolor vem revelando safras de bons jogadores. Muitos, aliás, estão atuando no futebol europeu, como Kaká (Milan), Júlio Baptista (Sevilla), Denílson (Betis), Cafu (Milan), Edmilson (Barcelona), Edu (Betis), Álvaro (Zaragoza), Fábio Aurélio (Valencia), Kléber (Dinamo Kiev), Fabiano (Albacete), Jean (Saturn), André Luiz (Ajaccio), Bordon (Schalke-04), Doriva (Middlesbrough), e Sidney (Penafiel). Uma produção em série, de fato, do tipo exportação, como se vê facilmente.

Outros atletas revelados pelas divisões de base do São Paulo estão em ação, defendendo outros grandes clubes do Brasil, como o veterano zagueiro Antônio Carlos (Santos), o atacante Caio (Botafogo), o ponta e ala Elivélton (Bahia) e o zagueiro Júlio Santos (Paysandu). Do time que jogou o Brasileirão de 2004, foram revelados pelo clube nada menos do que sete jogadores, além do volante Alê: Gabriel (lateral-direito, filho de Wladimir, ex-Corinthians), Edcarlos (zagueiro), Fábio Santos (lateral-esquerdo), Renan (volante), Aílton (meia) e Marcinho e Diego Tardelli (atacantes). Dá para ver que o futuro do São Paulo está assegurado.

LANCES TRICOLORS



● **TAÇA NA MÃO.** Mais um título paulista conquistado para a coleção de troféus do São Paulo Futebol Clube, com a festa tomando conta do Morumbi



● **O ÍDOLO.** Raí comandava o time, marcava gols e também buscava a bola



● **GOLEIRO DE SELEÇÃO.** Diante do ataque adversário, a técnica de Rogério

LANCES TRICOLORS



TALENTO. Nas divisões de base do São Paulo, uma fábrica de novos grandes jogadores



● **ARTILHEIRO.** Rogério Ceni festeja um gol. Virou rotina



NO ATAQUE. Sempre nas disputas mais importantes, e goleando até fora de São Paulo



● **SURGE O CRAQUE.** Kaká brilha e decide o Rio-São Paulo

LANCES TRICOLORS



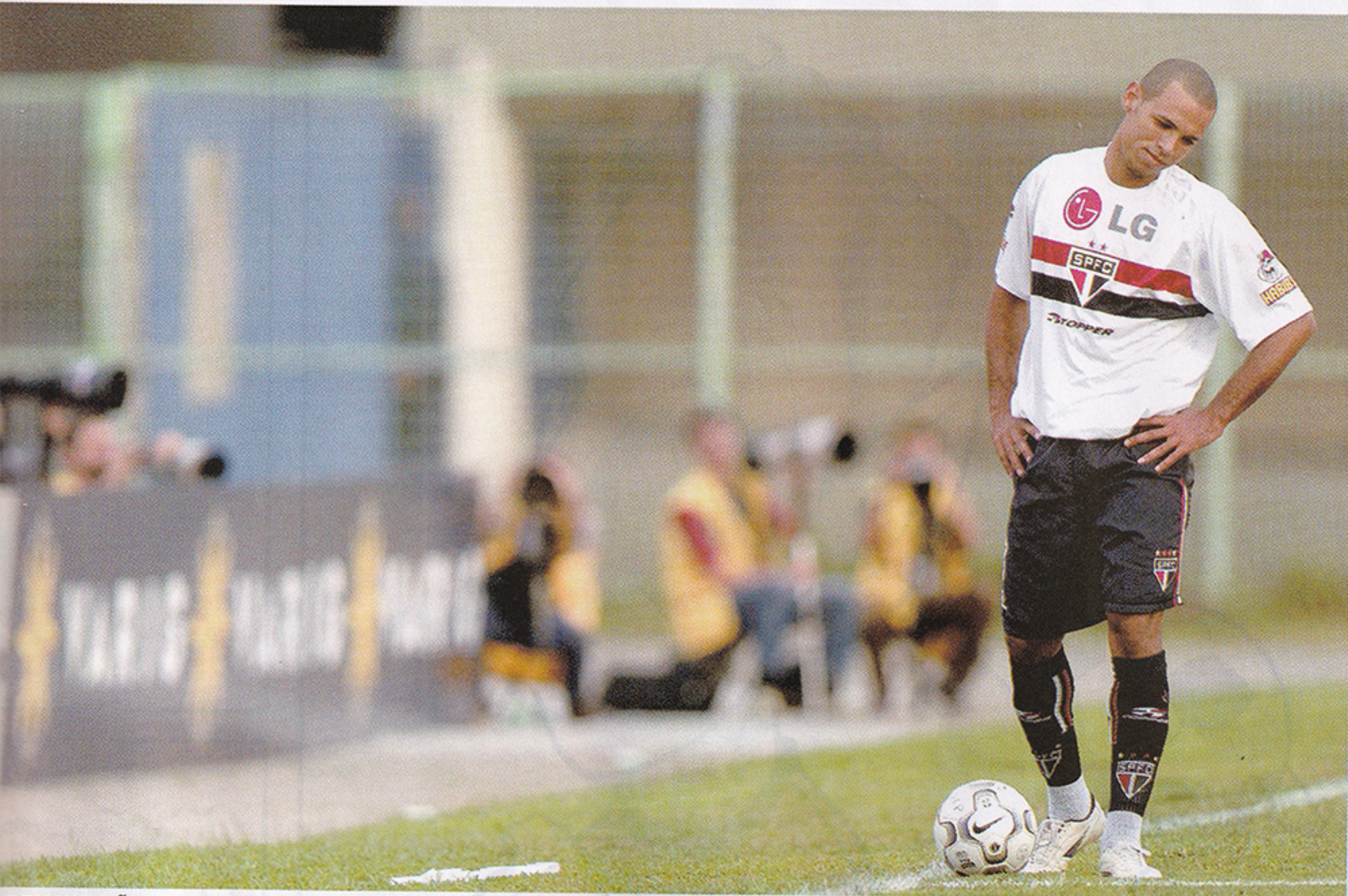
● **CONFUSÃO NO ALTO.** Até o zagueiro Lugano, com a camisa número 5, foi para a área do Juventude para tentar o gol na cobrança de escanteio



● **RESERVA DE LUXO.** Souza não foi titular no Morumbi, mas marcou gols



● **TORPEDO DESTRO.** Cichinho revelou-se golador com Emerson Leão



DE NOVO, NÃO... Uma rotina na vida de Luís Fabiano no São Paulo foram gols e cartões; os muitos gols lhe valeram a ida para o futebol português



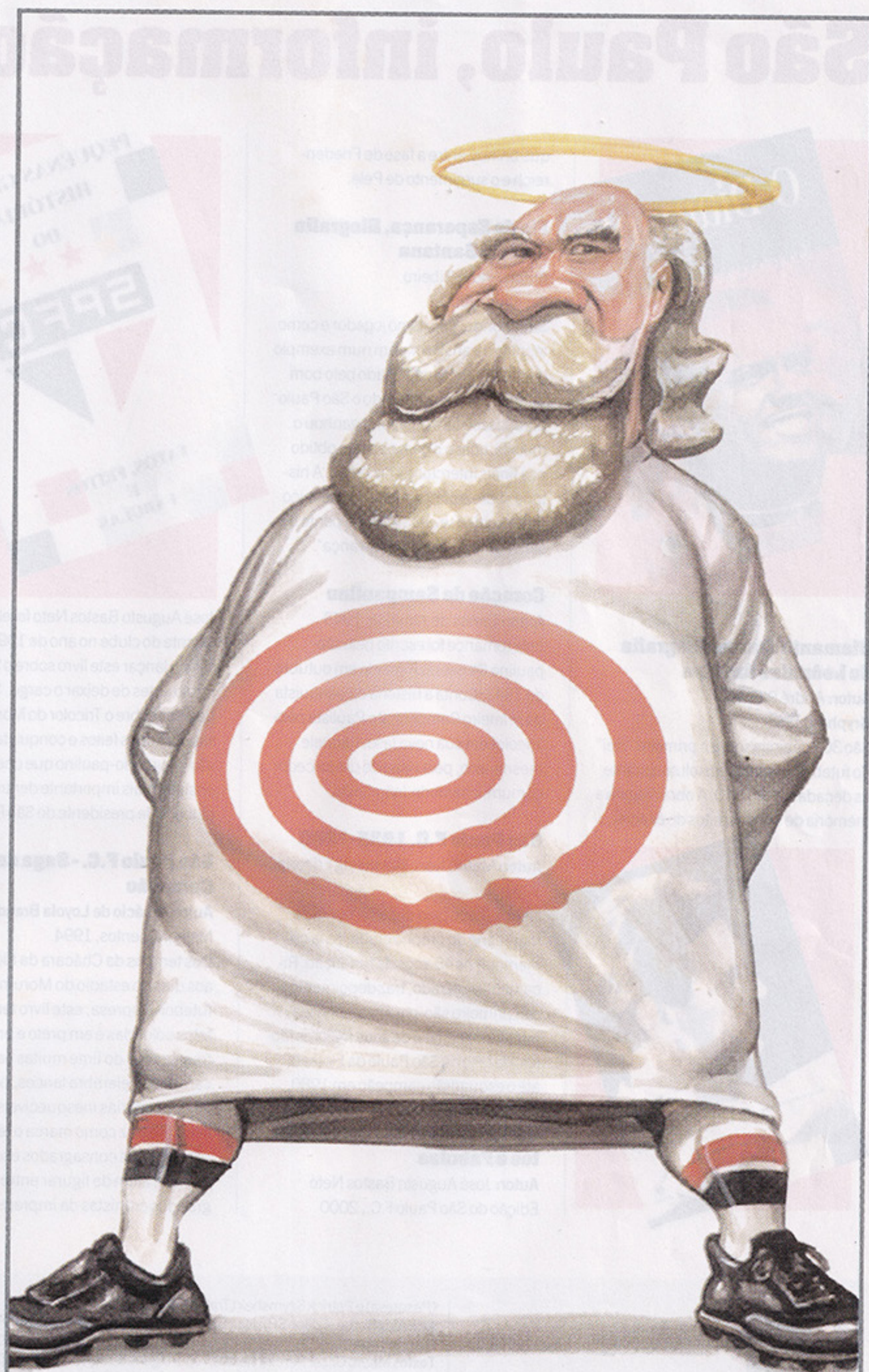
ESSA BOLA É MINHA. São Paulo x Internacional-RS, Brasileiro de 2004



● **AMÉRICA, A OBSESSÃO.** Morumbi sempre lotado na Libertadores

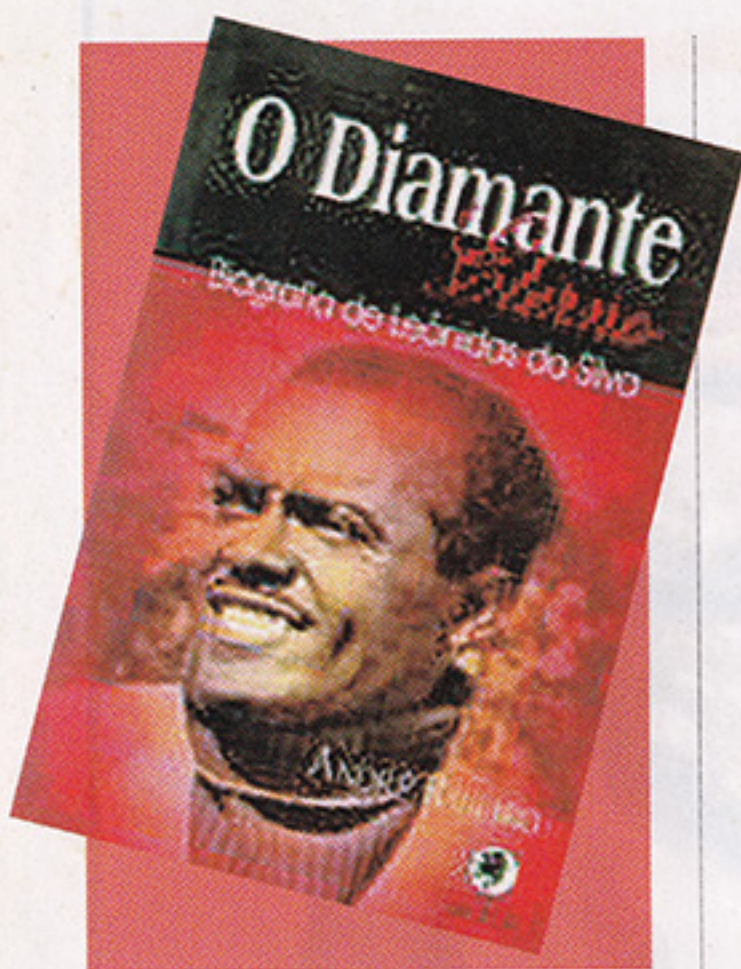
HUMOR





O time a ser batido

São Paulo, informação e cultura



Diamante Eterno, Biografia de Leônidas da Silva

Autor: André Ribeiro
Gryphus, 1999

São 302 páginas sobre o primeiro "Rei" do futebol brasileiro, absoluto durante as décadas de 30 e 40. A obra resgata a memória de um dos mitos do esporte,

que brilhou entre a fase de Friederich e o surgimento de Pelé.

Fio de Esperança, Biografia de Telê Santana

Autor: André Ribeiro
Gryphus, 2000

Suas conquistas como jogador e como técnico o transformaram num exemplo do profissional apaixonado pelo bom futebol. Sob seu comando o São Paulo ultrapassou as fronteiras e ganhou o mundo, com o bicampeonato obtido nas finais interclubes no Japão. A história sobre o ponta guerreiro e técnico do Fluminense, incansável a ponto de ser chamado "Fio de Esperança".

Coração de Sampaolino

Autor: Dimas de Almeida, 1943
Este romance foi escrito pelo são-paulino Dimas de Almeida em outubro de 1943. Conta a história da conquista do primeiro Campeonato Paulista pelo Tricolor em sua nova fase, naquele mesmo ano, pela visão de um torcedor comum, chamado João Costa.

São Paulo F.C. 1935-1980

Autor: Mauro Ivan, Marketing Editorial, 1981

Livro editado pelo departamento de marketing do próprio clube, para comemorar os 45 anos de fundação. Ricamente ilustrado, traz depoimentos dos primeiros são-paulinos e conta a história do clube e de seus maiores ídolos, da fase do São Paulo da Floresta até o esquadrão campeão em 1980.

Pequenas Grandes Histórias do São Paulo F.C.: Fatos, Feitos e Fábulas

Autor: José Augusto Bastos Neto
Edição do São Paulo F.C., 2000



José Augusto Bastos Neto foi eleito presidente do clube no ano de 1998, e resolveu lançar este livro sobre o São Paulo antes de deixar o cargo. São 301 páginas sobre o Tricolor do Morumbi, seus grandes feitos e conquistas na visão de um são-paulino que chegou à posição mais importante dentro do clube, a de presidente do São Paulo.

São Paulo F.C. - Saga de um Campeão

Autor: Ignácio de Loyola Brandão
Melhoramentos, 1994
Dos tempos da Chácara da Floresta aos dias do estádio do Morumbi e do futebol-empresa, este livro tem 120 fotos coloridas e em preto e branco e traça a saga do time muitas vezes campeão, relembra lances, personagens e histórias inesquecíveis. Um livro que traz como marca o texto de um dos mais consagrados escritores do País, além de figurar entre os grandes cronistas da imprensa.

WWW.

VISITE OS SITES

www.saopaulofc.net

Página oficial do clube com notícias, especiais, ficha técnica dos jogadores e informações para ser um sócio-torcedor. A home é um pouco pesada, por causa das apresentações em "flash". Destaque para a parte histórica e apresentação dos jogadores do elenco. Também com versão em inglês.

www.saopaulofc.com.br

Reunião de todo noticiário do Tricolor do Morumbi publicada pelos veículos de comunicação nacionais. O destaque é a "ferramenta" que possibilita a comunicação entre torcedores que estão online. O site tem até um "ombudsman" à disposição dos internautas.

www.tricolorpaulista.net

Entrevistas, ídolos, charges, galeria de fotos e fóruns sobre o São Paulo, com destaque para as promoções. O site também tem uma loja virtual.

www.tricolormaniam.com.br

O forte são as notícias sempre com foto dos jogadores, estatísticas do time em vários campeonatos e contra outros clubes. Há uma seção exclusiva chamada "A voz do presidente". Também se destacam os chats, fóruns e listas de discussão. Também conta com um ombudsman e loja virtual do clube. Por fim, publica manifestos, ações sociais e promoções e mantém uma seção para esclarecer temas jurídicos que envolvem o clube.



SÉRIE GRANDES CLUBES 2005

Editor Walter de Mattos Junior
Coordenador Paulo Marcos de Mendonça Lima
Editor Mauro Cezar Pereira
Fotografia Ari Vicentini (Coordenador-SP) Fernando Roberto

(Pesquisa) e Patrick Szyshek (Tratamento de imagens)
Arte Alex Borba (Editor-SP), Isac Barrios e Léo Diniz (Infografia e Diagramação)
Textos Mauro Cezar Pereira (textos, reportagens e edição) Cassiano R. Gobbet (textos, reportagens e revisão) Celso Unzelte, Ednilson Vália, Luís Fernando Cesarotti, Rodolfo Rodrigues e Tomaz R. Alves (textos e reportagens)
Fotos Agência Folha, Agência O Globo, Agência Lance!Press
Capa Agradecimento: www.saopaulomania.com.br
Projeto gráfico Cases i Associats
Impresso na Plural Editora e Gráfica
EDITADO POR Areté Editorial SA

Presidente Walter de Mattos Junior
Diretores Afonso Cunha e Denis Oliveira
Diretor Financeiro e Administrativo Carlos Pinheiro

© Areté Editorial S/A. Rio/São Paulo, 2004. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, nem registrada ou transmitida por qualquer que seja a forma ou meio, sem a permissão prévia e por escrito da direção do LANCE!



CONHEÇA AS MEDIDAS DOS DIFERENTES CAMPOS:

FUTEBOL 110 X 75 M

VÔLEI 18 X 9 M

PÓLO AQUÁTICO 30 X 20 M

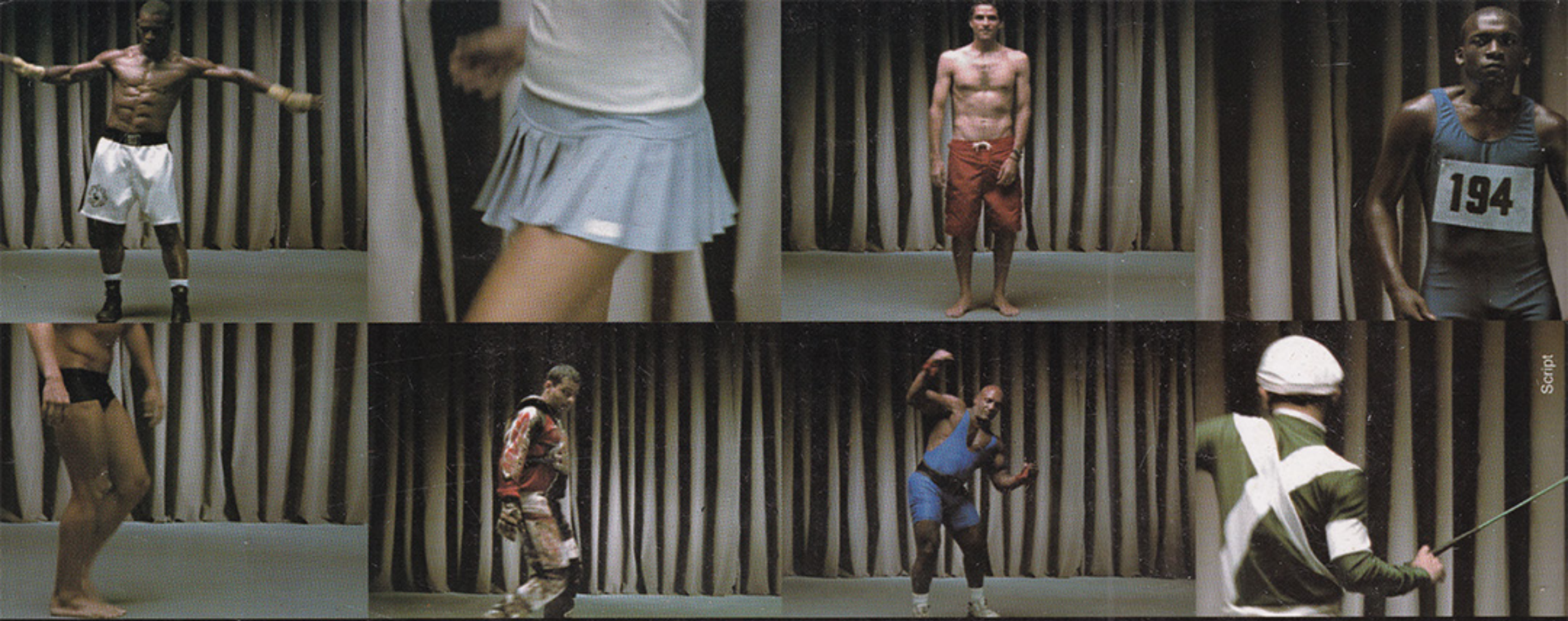
BASQUETE 28 X 15 M



PRONTO, VOCÊ APRENDEU
UM POUCO MAIS SOBRE ESPORTE.
AGORA, PARA SABER TUDO,
LEIA O LANCE!



Esporte como você nunca viu



Não dá pra ser bom em tudo.



Esporte é o nosso forte.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ